UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL
E PATRIMÔNIO CULTURAL

Cleiton Bierhals Decker

MEMÓRIA E CIBERCULTURA

Os suportes de memória e a apropriação do patrimônio na contemporaneidade – uma análise da *fanpage* Projeto Pelotas Memória no Facebook

Pelotas
2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL
E PATRIMÔNIO CULTURAL

Cleiton Bierhals Decker

MEMÓRIA E CIBERCULTURA

Os suportes de memória e a apropriação do patrimônio na contemporaneidade – uma análise da *fanpage* Projeto Pelotas Memória no Facebook

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural, pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas.

Orientadora: Profa. Dra. Maria de Fátima Bento Ribeiro

Coorientadora: Profa. Dra. Maria Letícia Mazzucchi Ferreira

Pelotas
2015

Cleiton Bierhals Decker

MEMÓRIA E CIBERCULTURA

Os suportes de memória e a apropriação do patrimônio na contemporaneidade – uma análise da *fanpage* Projeto Pelotas Memória no Facebook

Data da Defesa: 29 de maio de 2015.

Banca examinadora:

_____

Prof. Dra. Maria de Fátima Bento Ribeiro – Orientadora

_____

Prof. Dr. Ronaldo Luis Colvero (PPGMP)

_____

Prof. Dr. Edson Romario Monteiro Paniagua – (UNIPAMPA)

AGRADECIMENTOS

Ao final desta caminhada, gostaria de agradecer ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas por acolher minha proposta de trabalho e contribuir de forma tão expressiva ao meu crescimento pessoal e profissional.

À professora orientadora, Drª. Maria de Fátima Bento Ribeiro, por me acompanhar no desenvolvimento desse trabalho e juntos promovermos discussões sobre o tema proposto.

À professora co-orientadora, Drª. Maria Letícia Mazzuchi Ferreira, que em diferentes momentos deu a dica certa na hora certa, contribuindo para minha formação.

Aos colegas do PPGMP, pela amizade e parceria na formação.

A Leonardo Tajes Ferreira, criador e administrador da *fanpage* Projeto Pelotas Memória, que autorizou a pesquisa sobre a página no Facebook e contribuiu de forma efetiva para esta pesquisa.

Ao Reitor da Universidade Católica de Pelotas (UCPel), José Carlos Pereira Bachettini Júnior, que me oportunizou realizar este curso de Mestrado.

Aos colegas da Assessoria de Comunicação e Marketing da UCPel, que sempre estiveram me apoiando no desenvolvimento da pesquisa, incentivando a seguir firme na caminhada e “filosofando” comigo.

À minha noiva, Ana Paula Timm Bonow, pelo apoio e compreensão sempre presentes.

Ao meu irmão, Cleber Bierhals Decker, que sempre foi um incentivador e provocador de discussões filosóficas em nossa casa.

Aos meus pais, Neli e Glauber Decker, pelo amor e carinho sempre ofertados e o incentivo na busca de meus objetivos.

E ao Deus criador e mantenedor da vida o agradecimento por me conceder saúde e vitalidade ao buscar meus objetivos alinhados à cosmovisão cristã.

Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo
para todo propósito debaixo do céu.
Eclesiastes 3:1

RESUMO

DECKER, Cleiton Bierhals. **Os suportes de memória e a apropriação do patrimônio na contemporaneidade – uma análise da *fanpage* Projeto Pelotas Memória no Facebook.** 2015. 174f. Dissertação (Mestrado) – Programa Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural (PPGMSPC). Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

O presente trabalho buscou estudar conceitos referentes à memória social e ao patrimônio cultural em tempos de cibercultura, identificando os traços de uma representação da cidade na mídia social, bem como as formas de apropriação que os usuários estabelecem com os elementos dessa cidade – em especial a memória e o patrimônio. A representação refere-se à *fanpage* Projeto Pelotas Memória, que disponibiliza conteúdos como imagens, vídeos e textos na rede, com o intuito de estabelecer relacionamento com essa comunidade virtual, cujos membros têm a cidade de Pelotas – sua memória, história e tradições – como elemento integrador. A página surgiu no ano de 2011, no *site* de rede social Facebook, e buscava valorizar a memória da cidade de Pelotas, bem como homenagear Nelson Nobre Magalhães, criador do projeto com mesmo nome, que mantinha um quiosque na Rua Quinze de Novembro, com o intuito de disponibilizar imagens e textos sobre a história de Pelotas. A análise identificou quais imagens da cidade possuem mais apropriação pela mídia social e também como os dispositivos de interação permitem que sejam gerados novos conteúdos sobre a memória social. Por meio da ferramenta, o trabalho mostrou a relação que as pessoas têm com prédios, praças e ruas da cidade, demonstrando em alguns casos que esses locais, muito mais do que “espaços”, são “lugares”, pois estão carregados de significados. A relação com os lugares foi identificada por meio dos comentários em cada uma das postagens, cuja natureza também foi classificada. Todas essas análises nos permitiram identificar conteúdos de um discurso metamemorial circulando pelas mídias sociais e contribuíram para abrir uma discussão sobre o potencial sociotransmissor em que a rede pode se tornar.

Palavras-chave: Memória. Patrimônio. Cidade. Cibercultura. Pelotas. Mídias sociais. Sociotransmissores.

ABSTRACT

DECKER, Cleiton Bierhals. **Memory holders and the appropriation of heritage in contemporary society – an analysis of Facebook fanpage Projeto Pelotas Memória.** 2015. 174p. Dissertation (M.A.) – Programa Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural (PPGMSPC). Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

This study aimed to examine concepts related to social memory and cultural heritage in times of cyberculture, identifying the traits of a city representation in social media as well as the forms of appropriation that users have with the elements of this city, especially memory and heritage. The representation refers to the fan-page 'Projeto Pelotas Memoria', which aims to share content such as images, videos and texts on the network in order to build relationships within this virtual community, whose members have the city of Pelotas, it's memory, history and traditions, as a common point of interest. The page appeared in 2011 on the social media website Facebook and sought to cherish the memory of the city of Pelotas and also to honour Nelson Nobre Magalhães, who created this project. Nelson Nobre Magalhães, ran a kiosk at Rua Quinze de Novembro, in Pelotas, with the purpose of providing images and texts on the history of the city. The analysis has identified which images were viewed and used most frequently through the social media, and also found that the social media devices allowed users to generate new contents about social memory. Through the tool, the study showed the relationship that people have with buildings, parks and city streets, demonstrating in some cases that these places, much more than "spaces" are "places" because they are loaded with meanings. The relationship with the places was identified through comments on each of these posts, the nature of which were analysed. All of this analysis allowed us to identify a metamemorial speech circulating on social media and contributed to opening a discussion on the potential social transmitter the network can become.

Keywords: Memory. Heritage. City. Cyberculture. Pelotas. Social media. Social transmitters

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Ilustração com os dados da *fanpage* Projeto Pelotas Memória 47
Figura 2 – Gráfico de “Curtidas” da *fanpage* 53
Figura 3 – Montagem de fotografias mostrando dois pontos do centro de Pelotas antes e depois da presença de vendedores ambulantes 54
Figura 4 – Recorte de Curtidas da *fanpage* Nossa Porto Alegre 56
Figura 5 – Recorte da *fanpage* Nossa Porto Alegre que informa a data de ingresso no Facebook 56
Figura 6 – Carnaval da Quinze de Novembro 61
Figura 7 – Devoção popular a Nossa Senhora 61
Figura 8 – Imagens da Lagoa dos Patos 64
Figura 9 – Imagens da Praça Coronel Pedro Osório 65
Figura 10 – Ilustração de comentários na categoria “Política” 71
Figura 11 – Ilustração de comentários “Adjetivos” e “Constatação e Resposta”. 73
Figura 12 – Ilustração referente a “Memórias de Afeto”..... 75
Figura 13 – Ilustração referente ao “Devir”..... 76
Figura 14 – Ilustração do item “Informações novas”..... 77
Figura 15 – Imagem com os comentários da Figura 14..... 77
Figura 16 – Ilustração do item “Questionamentos e diálogos (citações e menções)” 79
Figura 17 – Ilustração sobre o item “Cinismo e ironia”..... 81
Figura 18 – Fonte das Nereidas 95
Figura 19 – Praça da Regeneração (Praça Coronel Pedro Osório) 96
Figura 20 – Imagem da Praça Coronel Pedro Osório 97
Figura 21 – Uma das entradas da Praça Coronel Pedro Osório – visão interna. 98
Figura 22 – Uma das entradas da Praça Coronel Pedro Osório – visão interna. 99
Figura 23 – Fusão de épocas..... 100
Figura 24 – Postagem da Praça Coronel Pedro Osório e a 40ª Feira do Livro de Pelotas 102
Figura 25 – “Especial: Teatro Sete de Abril” 104
Figura 26 – Interior do Teatro Sete de Abril 104

Figura 27 – Interior do Casarão 8..... 109
Figura 28 – Fachada da Catedral São Francisco de Paula..... 112
Figura 29 – Interior da Catedral São Francisco de Paula..... 114
Figura 30 – Mercado Central ao entardecer..... 116
Figura 31 – Mercado Central – Pasta: Pelotas Dia e Noite..... 118
Figura 32 – Mercado Central e céu nublado..... 119
Figura 33 – Especial: Solar da Baronesa 121
Figura 34 – Paço Municipal – Prefeitura de Pelotas 123
Figura 35 – Grande Hotel | Praça Coronel Pedro Osório..... 125
Figura 36 – Arroio Santa Bárbara – postagem do recorte 129
Figura 37 – Arroio Santa Bárbara - Ao fundo, a Cervejaria Ritter 130
Figura 38 – Estação Ferroviária de Pelotas – 1900 132
Figura 39 – Estação Ferroviária de Pelotas 134

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Definição das categorias 19

Tabela 2 – Classificação dos comentários 20

Tabela 3 – Classificação dos álbuns da *fanpage* 49

Tabela 4 – Extrato das informações do Apêndice A 68

Tabela 5 – Número de comentários em cada categoria de análise 70

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Natureza da Imagem 59
Gráfico 2 – Natureza do Patrimônio 61
Gráfico 3 – Utilização dos dispositivos de interação 69

LISTA DE SIGLAS

BID	Banco Interamericano de Desenvolvimento.
CDL	Câmara de Dirigentes Lojistas.
CEREST	Centro de Referência em Saúde do Trabalhador.
CONARQ	Conselho Nacional de Arquivos.
COMPHIC	Conselho Municipal do Patrimônio Histórico e Cultural.
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
FAUrb	Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.
HTML	HyperText Markup Language.
HTTP	HyperText Transfer Protocol.
INRC	Inventário Nacional de Referências Culturais.
IPHAE-RS	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Rio Grande do Sul.
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.
LEPARQ	Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia.
LTF	Leonardo Tajes Ferreira.
MTML	Maritime Trading Markup Language.
PROCON	Programa de Proteção e Defesa do Consumidor.
SAAE	Serviço Autônomo de Águas e Esgotos.
SANEP	Serviço Autônomo de Saneamento de Pelotas.
SECULT	Secretaria Municipal de Cultura de Pelotas.
SPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.
UFPel	Universidade Federal de Pelotas.
UNESCO	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization.
URI	Uniform Resource Identifier.
URL	Uniform Resource Locator.
WWW	World Wide Web.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO..... **14**

1 O ADVENTO DA CIBERCULTURA E A MEMÓRIA SOCIAL..... **22**
1.1 O povoamento do Ciberespaço..... 22
1.2 As redes sociais na internet..... 28
1.3 A memória e os suportes contemporâneos..... 32

2 PROJETO PELOTAS MEMÓRIA – DA ORIGEM À PRESENÇA NO FACEBOOK..... **42**
2.1 O surgimento..... 42
2.2 O conteúdo da *fanpage* e sua relação com a comunidade virtual..... 50
2.3 *Fanpage* Projeto Pelotas Memória x Nossa Porto Alegre..... 55
2.4 Análises da representação da cidade descrita pela *fanpage* Projeto Pelotas Memória 57
2.4.1 Natureza da imagem..... 58
2.4.2 Natureza do patrimônio..... 59
2.4.3 Interação com a *fanpage* Projeto Pelotas Memória..... 67

3 A APROPRIAÇÃO DO PATRIMÔNIO POR MEIO DA FANPAGE PROJETO PELOTAS MEMÓRIA **82**
3.1 O patrimônio e a Cidade de Pelotas na *fanpage*..... 82
3.2 A dinâmica da mídia social e os Sociotransmissores..... 86
3.3 O conteúdo das mídias sociais e a apropriação do patrimônio..... 91
3.3.1 Praça Coronel Pedro Osório..... 93
3.3.2 Teatro Sete de Abril..... 103
3.3.3 Casarão 8..... 105
3.3.4 Catedral São Francisco de Paula..... 110
3.3.5 Mercado Central de Pelotas..... 115
3.3.6 Solar da Baronesa..... 120
3.3.7 Paço Municipal..... 122
3.3.8 Grande Hotel..... 124

3.3.9 Ponte sobre o Arroio Santa Bárbara..... 126
3.3.10 Estação Ferroviária 131

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... **136**

REFERÊNCIAS..... **140**

APÊNDICES..... **149**

ANEXOS..... **169**

INTRODUÇÃO

Cada vez mais os temas referentes à memória têm ocupado as discussões e as reflexões de nosso dia-a-dia. E não só intelectuais e pesquisadores se têm dedicado a essa temática, mas também uma diversidade de pessoas têm caminhado, em suas atitudes rotineiras, em direção à "era de musealização" (HUYSSEN, 2014). Embora esses temas já estivessem em pauta, há alguns anos, nas pesquisas em todo o mundo – no Brasil de forma mais evidente na década de 1980 (D'ALÉSSIO, 1998) – parece que o assunto se tem tornado recorrente na vida de muitas pessoas, pois vivemos a onda dos antiquários, da moda retrô, da nostalgia, do lançamento de livros e filmes com temas referentes à memória etc.

Justamente neste tempo de valorização da memória e do patrimônio, surgiu um dos elementos do objeto de pesquisa desta dissertação: a *fanpage*[1] do Projeto Pelotas Memória. Em novembro de 2011, Leonardo Tajes Ferreira[2] apropriou-se da mídia social para a criação de uma representação da Cidade de Pelotas, congregando pessoas em uma comunidade virtual, cujos laços integradores eram a memória, a história e a identidade de Pelotas. A representação desta cidade foi feita por meio da publicação de fotografias e histórias dos séculos XIX e XX e esses registros criaram uma cidade por meio de recortes, pois, como nos lembra Kossoy

[1] *Fanpage* ou Página de Fãs é um tipo de página dentro do Facebook que é apresentada por empresas, marcas ou produtos, associações, sindicatos, autônomos, ou seja, qualquer organização com ou sem fins lucrativos que desejem interagir com os seus clientes ou membros no Facebook.

[2] Leonardo Tajes Ferreira (o qual chamaremos de "LTF 2015") foi o criador da *fanpage* Projeto Pelotas Memória. No desenvolvimento desta pesquisa, além das referências de conteúdo publicado na *fanpage*, LTF 2015 foi a principal fonte para a realização deste trabalho, com entrevista ao jornal Diário Popular e entrevista exclusiva para esta pesquisa (FERREIRA, 2015). Natural de Pedro Osório (RS) e formado em Jornalismo, declara-se admirador do trabalho de Nelson Nobre Magalhães.

(2000), a fotografia mostra um fragmento de uma aparência tal como fora "congelada". São esses "congelamentos", com propriedades estéticas e ideológicas, que nos colocam em relação com a memória desta cidade.

É importante destacar que a presente pesquisa não tem a pretensão de esgotar a temática proposta, uma vez que o avanço da tecnologia tem crescido de forma intensa. Da mesma forma, as ferramentas de socialização a cada dia são apropriadas de formas distintas, umas tomando maior visibilidade e outras perdendo seu espaço. Por isso a proposta deste estudo é de contribuir para essas reflexões atuais da memória e do patrimônio em tempos de Cibercultura, bem como trazer novos questionamentos para novas pesquisas.

O objetivo desta pesquisa foi identificar a relação de apropriação da mídia social com as temáticas da Memória Social e do Patrimônio Cultural representada por meio da *fanpage* Projeto Pelotas Memória no Facebook. Buscou-se identificar os temas mais recorrentes abordados na referida página, bem como entender como se dá a apropriação dos conteúdos na mídia social; também observar quais as formas de interação que possibilitaram a geração de conteúdos novos e foram capazes de despertar outras memórias. Essa relação foi baseada também na metáfora utilizada por Certeau (apud DOSSE, 2004) ao comparar, por um lado, a cidade com a língua e, por outro, o ato de caminhar com a fala, demonstrando que é a apropriação da cidade que a torna viva, possibilitando que se estabeleçam diversas relações.

Para a busca desses objetivos de pesquisa foi utilizada como metodologia a revisão teórica de bibliografia sobre Cibercultura, Memória Social, Patrimônio Cultural e outros conteúdos relacionados. Fontes documentais como conteúdos de jornais, documentos sobre o patrimônio de Pelotas gerenciado pela Secretaria Municipal de Cultura (SECULT), documentos do Acervo Nelson Nobre Magalhães e *sites* com informações referentes ao objeto também foram utilizadas. Ainda foi utilizada uma entrevista com o criador e administrador da *fanpage,* conforme perguntas e respostas que estão expressas no Anexo A desta dissertação. E ainda a observação sobre a *fanpage* Projeto Pelotas Memória,[3] que integra a mídia social

[3] A *fanpage* Projeto Pelotas Memória, objeto central da presente pesquisa, é uma “página de fãs” inserida na mídia social Facebook, que tem como objetivo apresentar conteúdos – fotografias, vídeos e textos – sobre a cidade de Pelotas. É por meio dessa página que pessoas interessadas com a temática se relacionam e interagem com os conteúdos ali inseridos. A página do Projeto Pelotas Memória iniciou no Facebook no endereço <https://www.facebook.com/pages/Projeto-Pelotas-Mem%C3%B3ria/136187553155125?id=136187553155125&sk=info> (acesso em: 8 mar. 2014).

Facebook e que, em suas postagens, tem o intuito de apresentar imagens e histórias da Pelotas de hoje e também da cidade antiga.

Os principais elementos para essa representação são as fotografias de todos os tempos que constroem a imagem dessa Pelotas que conhecemos hoje ou que ouvimos a respeito. A mídia social possibilita que o conteúdo nela exposto seja compartilhado e comentado, o qual permite que pessoas que nunca estiveram presentes na cidade – obtendo experiências diretas com seu patrimônio e sua cultura local – visualizem esses conteúdos. Essas imagens compartilhadas na mídia social podem despertar muitas memórias, tanto por meio da imagem em si, que é representativa para quem a vê, quanto pelas manifestações dos Comentários de internautas, trazendo ainda mais conteúdo sobre a imagem. Sabemos que essas memórias não estão no objeto em si, mas na sua relação com o indivíduo em sua cognição. Em alguns casos, esses Comentários contribuem para uma reconstrução metamemorial (CANDAU, 2012), despertando novas visualidades sobre uma mesma imagem, o que permitirá a atualização dessa memória referente à experiência vivida. Essa produção de conteúdo, tanto por parte do emissor quanto do receptor, é que permite essas trocas significativas de informações, capazes de nos fazer refletir sobre a nossa própria memória. A este objeto não se aplicaria nenhuma técnica aritmética específica para as referidas análises, “portanto, deve-se fazer uma primeira leitura para organizar as ideias incluídas, para, posteriormente, analisar os elementos e as regras que se determinam” (RICHARDSON, 1999, p. 224).

O primeiro capítulo traz os elementos teóricos sobre a consolidação da Cibercultura, estabelecida pela comunicação mediada pelo computador. A presença de uma sociedade universal não totalizável (LEVY, 1999) mostra-se como o grande elemento dessa cultura que estabelece uma comunicação com muitos sujeitos, descaracterizando a ação dos *mass media* como comunicação ideológica. Também foi feita uma narrativa sobre a evolução da comunicação mediada até a chegada da World Wide Web (WWW) ou Rede Mundial. Neste capítulo também se concentraram os referenciais teóricos da Memória Social, traçando as relações da memória individual à memória coletiva. As grandes referências e conceitos debatidos ficam em torno do antropólogo francês Joël Candau, responsável pelos conceitos de Sociotransmissores e Metamemória, elementares para esta pesquisa. Uma relação entre os conceitos da memória e do patrimônio no cenário da Cibercultura foram igualmente compartilhados neste primeiro capítulo, com a contribuição de pesquisas

de autores como Dodebei (2011), Mayer-Schönberger (2009), Monteiro e Giraldes (2008), Holanda e Silva (2012) e outros.

O segundo capítulo destina-se a apresentar o objeto de pesquisa, contextualizando o Projeto Pelotas Memória no Facebook, e mostrando sua origem, seu idealizador e sua presença nas mídias sociais. Parte do conteúdo publicado naquela página do Facebook está descrito neste capítulo. A delimitação do tema e o recorte da observação também constam nesta parte do trabalho, que traz dados e análises referentes aos conteúdos observados.

O terceiro capítulo tem o intuito de expor conceitos sobre o Patrimônio Cultural e estabelecer uma reflexão sobre os conteúdos postados na rede. Aqui buscamos estabelecer uma discussão sobre o potencial Sociotransmissor (CANDAU, 2012) que pode estar à disposição dos usuários dessas mídias na atualidade. Apresenta-se a forma com que a comunidade, que está presente na mídia social, se apropriou do Patrimônio Cultural expresso pelos conteúdos – texto e imagens – publicados na *fanpage*, em especial pela observação de como os dispositivos de interação do Facebook foram utilizados para essa relação com a "cidade". Os conteúdos observados foram baseados no Apêndice A (recorte da pesquisa), mas focaram-se apenas na relação com o patrimônio tombado em nível federal, estadual ou municipal, a saber: Ponte sobre o Arroio Santa Bárbara; Paço Municipal; Mercado Central; Catedral São Francisco de Paula; Estação Ferroviária; Grande Hotel; Teatro Sete de Abril; Parque Museu da Baronesa; e Casarão nº 8. A Praça Coronel Pedro Osório, embora não integre a lista do patrimônio tombado, fez parte da análise por ser o coração do Centro Histórico de Pelotas.

Para o desenvolvimento do trabalho, é necessário apresentar, nestas considerações iniciais, as formas que contribuirão para a observação deste fenômeno, especialmente os meios utilizados para a delimitação do tema e também do recorte do objeto, que propiciaram que fosse apresentada uma amostra relevante para as observações empíricas sobre o elemento pesquisado.

A *fanpage* do Projeto Pelotas Memória no Facebook tem um número bastante significativo de imagens da cidade, como fotos antigas, fotos atuais ou até mesmo ilustrações – montagens fotográficas com enfoque publicitário, reprodução de documentos, entre outras – além de fotografias que expõem o patrimônio natural, material, imaterial e cenas do cotidiano. Essas imagens formam organizadas em álbuns que compõem os arquivos fotográficos da *fanpage.*

Foi analisada a totalidade de álbuns de fotografias da página Pelotas Memória, eliminando apenas aquelas que continham vídeos – fora dos objetivos de análise deste trabalho – e das imagens que a mídia social chama de “linha do tempo” (*timeline*), álbum que agrupa todas as imagens compartilhadas, sejam elas do próprio administrador da *fanpage*, ou de outros usuários da rede social na internet que mencionam a página do Pelotas Memória em suas postagens.

A forma de análise deste conteúdo foi estabelecida com o intuito de criar uma tabela (Apêndice A) em que pudessem ser inseridas informações sobre as imagens, a fim de sistematizar e classificar o conjunto de dados trazidos por cada uma das imagens selecionadas. Com essa tabela constituída, a análise de conteúdo foi aplicada não apenas por meio de uma leitura “ao pé da letra” (BARDIN apud RICHARDSON, 1999), mas por meio de uma leitura e observação em nível mais aprofundado, a fim de obter significados de natureza psicológica, sociológica, histórica. Para o entendimento dessa metodologia da pesquisa em ciências sociais podemos receber a contribuição do autor que diz:

> “A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (qualitativos ou não) que permitam inferir conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens” (BARDIN apud RICHARDSON, 1999, p. 223).

O método propõe uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa de conteúdos manifestos a partir do material comunicado. Um dos principais elementos é a objetividade, que tem em vista uma explicação minuciosa das regras e procedimentos da análise. Na presente pesquisa, trata-se da elaboração da tabela que classifica os elementos da imagem e também os conteúdos textuais expressos nos Comentários das publicações. Assim, o método especifica as decisões que se devem tomar e que critérios utilizar para codificar o conteúdo. “Toda comunicação que implica a transferência de significados de um emissor a um receptor pode ser objeto de análise de conteúdo” (RICHARDSON 1999, p. 225).

A proposta de definições de critérios para a observação do objeto iniciou pela existência ou não de textos introdutórios, sejam eles na própria imagem ou expondo uma narrativa introdutória a respeito do álbum em que a fotografia está inserida. Outros traços aqui observados foram a natureza da imagem e a natureza do

patrimônio referido. De forma muito objetiva, também estão presentes na tabela o número de Curtidas, o número de Compartilhamentos e o número de Comentários. Neste último caso, a observação será por meio de categorias criadas para classificar a natureza dos Comentários.

Foram inseridos símbolos nesta tabela, com o propósito de facilitar a leitura dessa categorização. Abaixo serão descritas as categorias para a observação e a análise de conteúdo.

Tabela 1 – Definição das categorias

	TEXTO INTRODUTÓRIO Os símbolos utilizados nessa categoria foram o positivo (+) e o negativo (-).
+	Imagens que apresentaram um texto explicativo do álbum, portando uma narrativa histórica ou contextual das imagens contidas.
-	Imagens que NÃO apresentam um texto explicativo.
	NATUREZA DA IMAGEM Foram utilizadas as letras maiúsculas A, B e C para designar a natureza das imagens.
A	**Fotografias antigas:** Foram observadas as imagens históricas, que fazem parte da representação da cidade no século XX. Postais foram identificados nesta categoria.
B	**Fotografias da atualidade:** Neste caso, o que chamamos de atuais foram os registros recentes, já com a fotografia digital de fotógrafos convidados a integrar o grupo de colaboradores da *fanpage*.
C	**Ilustração:** Neste caso, a ilustração foi entendida como uma montagem de fotografias antigas e atuais, reprodução de documentos ou desenhos.
	NATUREZA DO PATRIMÔNIO A diferenciação desta categoria foi definida com os números romanos I, II, III e IV. As características para classificar as imagens quanto ao patrimônio são as que seguem:
I	**Patrimônio natural/ambiental:** Caracterizado por imagens de paisagens naturais.
II	**Patrimônio material:** prédios e representações da paisagem urbana.
III	**Patrimônio imaterial:** festas ou manifestações culturais que envolvam o fazer ou das pessoas e/ou tradições.
IV	**Cenas do cotidiano:** situações cotidianas que sejam registradas em uma fotografia. Cenas de ruas que não enfocam um prédio em especial foram classificadas nesta categoria. Embora se tenha a clareza de que as cenas do cotidiano não contemplam o Patrimônio Cultural da cidade, esta categoria foi criada para que fosse possível classificar algumas das imagens contidas na *fanpage*, fruto da apropriação da cidade por meio das mídias sociais.

A observação contemplou também os Comentários mencionados a partir de certas publicações. Assim, as expressões contidas nesses Comentários foram categorizadas em nove “espécies”: 1) Política; 2) Adjetivos; 3) Memórias de afeto; 4) Devir; 5) Informações novas; 6) Questionamentos e diálogos (citações e menções); 7) Constatações e respostas; 8) Cinismo e ironia; e 9) Olhar sobre a imagem.

A seguir, identificamos algumas características de cada uma dessas categorias criadas para observar os resultados das manifestações da memória evocada nas redes sociais da internet.

Tabela 2 – Classificação dos Comentários

	CLASSIFICAÇÃO DE COMENTÁRIOS
1) Política:	Comentários destinados a críticas à gestão pública, sejam elas em nível municipal, estadual ou federal. Manifestações referentes à degradação do patrimônio edificado, às práticas referentes ao incentivo à cultura, interferência na paisagem ou novas propostas constaram nesta categoria.
2) Adjetivos:	Expressões de reverência à imagem ou ao monumento apresentado. O registro da imagem e da expressão adjetivada levou em consideração tanto as referentes ao local fotografado quanto à técnica do fotógrafo.
3) Memórias de afeto:	Comentários que apresentam uma relação de carinho com a imagem postada ou com o contexto que ela representa.
4) Devir:	Nestas expressões está o desejo de um novo tempo, ou de algo que se deseja ver concretizado em um futuro próximo.
5) Informações novas:	Comentários que mencionam ou expressam memórias dos atores da mídia social. Todas as contribuições que contribuem para a reconstrução da memória daquele lugar foram categorizadas desta forma.
6) Questionamentos e diálogos (citações e menções):	Quando motivados pela curiosidade daquela imagem, os integrantes da rede manifestaram questionamentos sobre a referida postagem.
7) Constatações e respostas:	Manifestações que dirigem uma resposta para questionamentos de outros integrantes da comunidade virtual. Publicações com informações complementares a respeito da postagem também foram inseridas nesta categoria.
8) Cinismo e ironia:	Quando identificada a expressão que manifestava a ênfase do olhar moderno da filosofia cínica, que estava na descrença da sinceridade ou bondade humana. Da mesma forma, a lógica dessa filosofia pôde despertar uma manifestação de ironia.
9) Olhar sobre a imagem:	Simples referência e observação sobre a imagem.

Richardson (1999) nos dá o exemplo de que, em uma análise de conteúdo categorial, as diversas categorias devem cumprir os requisitos de homogeneidade (não misturar critérios de classificação), exaustividade (classificar a totalidade do texto), exaustão (um mesmo elemento do texto não pode ser classificado por mais de uma categoria) e objetividade (os codificadores devem chegar aos mesmos resultados). Na sistematização, as regras devem ser consistentes, pois o pesquisador deve analisar todo o material disponível, tanto aquele que apoia as suas hipóteses quanto o que não as apoia.

Por meio desses Comentários pudemos fazer as análises de apropriação da mídia social quanto aos assuntos de memória e patrimônio, conforme proposto nos objetivos desta pesquisa. Assim, o conteúdo proposto vem ao encontro da identificação dos elementos que contribuem para a Memória Social em tempos de Cibercultura.

As considerações finais deste trabalho poderão, fundamentalmente, propor novas hipóteses e questionamentos de pesquisas sobre o tema. Em tempos de discussão sobre memória e patrimonialização, a cultura *cyber* poderá pautar novas reflexões acerca da Memória Social e do Patrimônio Cultural para o presente e para o futuro.

1 O ADVENTO DA CIBERCULTURA E A MEMÓRIA SOCIAL

1.1 O povoamento do Ciberespaço

A expressão Cibercultura, cunhada pelo filósofo francês Pierre Levy em sua obra homônima do ano de 1999, tem designado um "novo" paradigma antropológico-cultural. Objetivamente, Levy inicia sua obra referindo-se aos termos Ciberespaço e Cibercultura da seguinte forma:

> O ciberespaço (que também chamarei de "rede") é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo "cibercultura", especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (LEVY, 1999, p. 17).

De acordo com Lemos (2010), a palavra Cibercultura derivou da expressão Ciberespaço, criada pelo escritor canadense William Gibson em seu livro *Neuromancer*.[4] A expressão deste autor é permeada por diversos significados, e carece-nos entender um pouco desse novo espaço criado por Gibson para avançarmos nessa evolução de conceitos. Na obra de Gibson, o Ciberespaço caracteriza-se por um campo de batalha de multinacionais, palco de conflitos mundiais e uma nova fronteira econômica e cultural, todo ele criado em um universo de redes digitais. Neste espaço, apenas alguns "heróis" poderiam ingressar fisicamente.

Com base no romance de Gibson, Levy (1999, p. 92) faz a seguinte definição de Ciberespaço: "o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores". Neste conceito, Levy (2010, p. 95) insere outros sistemas de comunicação eletrônica, desde que estejam proporcionando a transmissão de fontes digitais de informação ou

[4] *Neuromancer* é um romance de ficção científica que introduziu novos conceitos para a época, como inteligências artificiais avançadas e um ciberespaço quase que "físico". A obra foi lançada em 1984 no Canadá e traduzida para o português em 1991.

destinadas à digitalização, pois, em sua visão, é a codificação digital que condiciona o “caráter plástico, fluido, calculável com precisão e tratável em tempo real, hipertextual, interativo e, resumindo, virtual da informação que é, parece-me, a marca distintiva do ciberespaço”.

É neste meio que a sociedade é colocada a se relacionar com todos os dispositivos de criação de informação, gravação, de comunicação e de simulação. “A perspectiva de digitalização geral das informações possivelmente tornará o ciberespaço o principal canal de comunicação e suporte de memória da humanidade a partir do início do próximo século” (LEVY, 2010, p. 95).

Para uma exemplificação mais clara no decorrer da história, Lemos (2010, p. 102) compõe uma espécie de linha do tempo do advento da tecnologia, estabelecendo a microinformática como o embrião de todo esse crescimento a partir da década de 1940: “a cibernética (1948), a inteligência artificial (1956), a teoria da auto-organização e de sistemas (dos anos 60), a tecnologia da comunicação de massa (rádio, televisão e telefone) e a telemática (de 1950)”. Conforme Lemos, foi Phillippi Breton quem estabeleceu essa relação dos passos no tempo, na evolução das tecnologias da microinformática. O período de 1940 a 1960 refere-se ao período de tratamento automático dos dados, a era da cibernética. O segundo período, de 1960 a 1970, caracterizou-se pelos sistemas centralizados, que estavam ligados às universidades e à pesquisa militar. E o terceiro período, compreendido de 1970 a 1990, o surgimento dos microcomputadores e as redes telemáticas. O mesmo autor (LEMOS, 2010, p. 102) continua com a proposta de ampliação dessas épocas, dividindo a última fase de Breton em duas, pois a partir da década de 1980 deu-se a popularização do Ciberespaço e a inserção na cultura contemporânea. “Se a terceira fase foi a do computador pessoal (PC), a década de 1990 (e o século que se aproxima) é a fase do computador conectado (CC)”.

Essa popularização do acesso às redes telemáticas, obtendo assim o referido “computador conectado”, foi uma realidade com o surgimento da Rede Mundial (WWW). Foi Tim Berners-Lee quem a criou, no ano de 1990. Conforme Castells (2003), a pesquisa vinha sendo desenvolvida desde 1980, ainda que sem um campo fértil para a implantação. Em dezembro de 1990, Berners-Lee, com a vantagem de já ter a internet em funcionamento e boas estações de trabalho como base de testes, “definiu e implementou o *software* que permitia obter e acrescentar informação de e para qualquer computador conectado através da internet: HTTP,

MTML, URI (mais tarde chamada de URL)"[5] (CASTELLS, 2003, p. 18). O projeto, que consistia em um *software* de hipertextos, teve a colaboração de Robert Cailliau, e foi chamado de "A rede mundial" – *World Wide Web*. Com essa implantação e sua popularização a partir dos primeiros *softwares* acadêmicos e comerciais, lançados pelo próprio Berners-Lee e por outros *hackers* que o aperfeiçoaram, o Ciberespaço foi sendo cada vez mais povoado, evidenciando a própria mudança do paradigma da modernidade, com os usuários não mais sendo necessariamente profissionais da programação de computadores ou da análise de sistemas, "passando do reino do especialista, figura típica da modernidade, para o reino do amador, tipicamente pós-moderno" (LEMOS, 2010, p. 109).

Mas não só o paradigma da modernidade foi quebrado nessa evolução. O principal paradigma que sofreu alterações, propondo efetivamente uma mudança na cultura, foi o da comunicação, que, com a implantação das redes telemáticas e o povoamento do Ciberespaço, teve a sua realidade novamente alterada (LEVY, 2010). E é nessa análise que começamos a evidenciar de forma mais clara o surgimento da Cibercultura, através dessa mudança na comunicação, que foi imediatamente absorvida pela cultura.

Para o entendimento da mutação do paradigma da comunicação é preciso que se estabeleça uma reflexão sobre outras mudanças na forma de comunicação, com reflexo transformador da cultura, como a passagem da cultura oral para a cultura escrita. Nas sociedades orais, as mensagens sempre eram repassadas no mesmo ambiente, uns aos outros. Emissores e receptores faziam parte do mesmo universo de significações. "Os atores da comunicação evoluíam no mesmo universo semântico, no mesmo contexto, no mesmo fluxo vivo de interações" (LEVY, 2010, p. 116). O advento da escrita veio trazer um novo espaço de comunicação, o qual tornava possível o conhecimento de mensagens escritas por pessoas que não compartilhavam do mesmo ambiente, incluindo mensagens de pessoas mortas.

> Substituindo fora de suas condições de emissão e recepção, as mensagens escritas mantêm-se "fora de contexto". Esse "fora de contexto" – que inicialmente diz respeito apenas à ecologia das mídias e à pragmática da comunicação – foi legitimado, sublimado e interiorizado pela cultura. Irá tornar-se o centro de determinada racionalidade e levará, finalmente, à noção de universalidade (LEVY, 2010, p. 116).

[5] HTTP: Protocolo de Transferência de Hipertexto, por sua sigla em inglês; MTML: Linguagem de Marcação para Comércio Marítimo; URL: Localizador Padrão de Recursos.

Outro destaque nessa mutação das mídias se dá a partir da criação dos *mass media*[6] ou meios de comunicação de massa: jornal, rádio, televisão e cinema, em suas configurações clássicas. Uma vez que as mensagens serão lidas, ouvidas, vistas por milhares de pessoas, elas sempre terão a intenção de chegar a um denominador comum mental de seus usuários. As mídias de massa não vão considerar o "contexto particular que o destinatário evolui, e negligencia sua singularidade, seus *links* sociais, sua microcultura, sua situação específica em um momento dado" (LEVY, 2010, p. 118). Neste sentido, Levy se refere aos meios de comunicação de massa como aqueles que não apenas "universalizam", mas "totalizam". Seu principal exemplo é a propaganda política dos regimes totalitários no século XX. A mutação que podemos considerar a mais recente seria a criação da internet e o povoamento do Ciberespaço, como um todo.

> Mostra que a participação nesse espaço que liga qualquer ser humano a qualquer outro, que permite a comunicação das comunidades entre si e consigo mesmas, que suprime o monopólio de difusão e permite que cada um emita para quem estiver envolvido ou interessado, essa reivindicação nos mostra, a meu ver, que a participação nesse espaço assinala um direito, e que sua construção se parece com uma espécie de imperativo moral (LEVY, 2010, p. 121).

Pontualmente, Levy (2010) nos traz o conceito de que quanto mais extenso, interconectado e interativo, ou seja, quanto mais universal, ele se torna menos totalizável, menos opressor, menos impositor de identidade e sentido. A característica do Ciberespaço é ser efetivamente um lugar aberto, com um ideal universal não totalizável.

Lúcia Santaella (2003) apresenta uma divisão das eras culturais em seis categorias: a cultura oral, a cultura escrita, a cultura impressa, a cultura de massas, a cultura das mídias e a cultura digital. A autora propõe essas divisões pautadas na convicção de que os meios de comunicação podem ser compreendidos desde o aparelho fonador até as redes digitais atuais, embora registre:

---

[6] Também chamada de comunicação de massa, os *mass media* são caracterizados pela disseminação de informações através de jornais, televisão, rádios, cinema e também pela Internet, os quais se reúnem em um sistema denominado mídia. A comunicação de massa tem a característica de chegar a uma grande quantidade de receptores ao mesmo tempo, partindo de um único emissor. As sociedades receptoras geralmente são urbanas e complexas e passam por processos múltiplos e dinâmicos em que há um grande poder da mídia sobre seus habitantes.

> ...efetivamente, não passem de meros canais para a transmissão de informação, os tipos de signos que por eles circulam, os tipos de mensagens que engendram e os tipos de comunicação que possibilitam são capazes não só de moldar o pensamento e a sensibilidade dos seres humanos, mas também de propiciar o surgimento de novos ambientes socioculturais (SANTAELLA, 2003, p. 13).

O maior destaque neste olhar de Santaella é o que ela vai chamar de "cultura das mídias", que seria o período que compreende a passagem da cultura de massas para a cultura digital – a Cibercultura. A autora defende que o advento da TV a cabo, o controle remoto e outros elementos nos trouxeram ensinamentos a respeito daquilo que ainda viria. A comunicação de massa deixava de ter sua hegemonia no discurso, uma vez que a facilidade da troca de canais nos permitia leituras diferentes de um mesmo assunto, ou seja, como já explicitado, meios de escritas geram processos de leitura distintos. Quando a cultura digital se estabelece, a sociedade já estava preparada para um processo de comunicação com maior interatividade, pois já havia possibilidades de acesso a conteúdos, permitindo a busca de informação em qualquer tempo. É no entrelaçar dessas duas eras que Santaella faz a relação do "disponível" e do "acessível", como segue:

> Diferente da cultura das mídias, que é a cultura do disponível, a cultura do acesso, na era digital, coloca-se não só no seio da revolução técnica, mas também na sublevação cultural cuja propensão é se alastrar tendo em vista que a tecnologia dos computadores tende a ficar cada vez mais barata (SANTAELLA, 2003, p. 19).

Para além daquilo que consideramos como cultura do disponível, está a cultura do acessível, uma vez que os dispositivos que permitem acesso à internet têm-se popularizado cada dia mais e toda a gama de informações propiciada pela rede mundial de computadores está mais e mais acessível por intermédio dos diferentes equipamentos tecnológicos existentes na atualidade.

De acordo com Levy (2010), a Cibercultura se concretiza ao colocar em funcionamento três conceitos que, interligados, constroem a cultura contemporânea: a interconexão, as comunidades virtuais e a inteligência coletiva. Fazendo uma leitura bastante objetiva, a interconexão permitiu que, tecnicamente, o mundo todo potencialmente pudesse estar em contato em tempo real,[7] ou seja, aproximando

[7] De acordo com Castells (2003), tempo real é a expressão que se refere ao tempo que ocorre dentro do ciberespaço, tudo aquilo que é possível vivenciar em uma experiência mediada pelo computador.

pessoas e culturas, rompendo as barreiras geográficas. As comunidades virtuais são a expressão de grupos “com afinidades de interesse, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação e troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais” (p. 130). As comunidades propostas por Levy não se colocam em nenhum momento como substitutivas.

Já a inteligência coletiva é o conceito de colaboração, proposto pela interconexão, que se propõe colocar à disposição da rede os conhecimentos múltiplos de todos os sujeitos conectados (e desconectados também). “Todos reconhecem que o melhor uso que podemos fazer do ciberespaço é colocar em sinergia os saberes, as imaginações, as energias espirituais daqueles que estão conectados a ele” (LEVY, 2010, p. 133). Como lembram Levy (1999), Lemos (2010) e Castells (2003), todo o desenvolvimento tecnológico do que hoje chamamos de Ciberespaço foi baseado na forma colaborativa de pessoas envolvidas com essas tecnologias. *Hackers*[8] desenvolviam sistemas abertos e os colocavam a disposição de outros *hackers* que, com seus conhecimentos aperfeiçoavam os sistemas, promovendo uma constante evolução.

Segundo apresentado por Levy (2010), nenhum desses conteúdos vem fechar ou totalizar a construção daquilo que vem a ser a Cibercultura: processo que se encontra inacabado por completo. Com essas referências, da história da tecnologia da microeletrônica ao povoamento do Ciberespaço, mostra-se que efetivamente esse processo não é apenas de desenvolvimento de tecnologia, mas uma tecnologia que transforma as relações humanas.

> Conforme Maffesoli, a cibercultura se constitui como uma cibersocialidade, ou seja, uma estética social alimentada pelo que poderíamos chamar de tecnologias do ciberespaço (redes informáticas, realidade virtual, multimídia). A cibercultura forma-se, precisamente, da convergência entre o social e o tecnológico, sendo através da inclusão da sociedade na prática diária da tecnologia que ela adquire seus contornos mais nítidos. Não se trata, objetivamente, de nenhum determinismo social ou tecnológico, e sim de um processo simbiótico, onde nenhuma das partes determina impiedosamente a outra (LEMOS, 2010, p. 88).

[8] Em informática, *hacker* é um indivíduo que se dedica, com intensidade incomum, a conhecer e modificar os aspectos mais internos de dispositivos, programas e redes de computadores. Importante é não confundir *hacker* com *cracker*, atitude criminosa que busca a invasão e destruição de sistemas informatizados.

1.2 As redes sociais na internet

Um dos destaques da Cibercultura é a substituição dos meios de comunicação de massa pelas mídias digitais. Este fenômeno afetou diretamente o modelo de comunicação da sociedade, estabelecida com algum tipo de mediação. Conforme Lemos (2010), essa mudança altera o tradicional modelo de comunicação de um emissor – considerado “o todo-poderoso”, pois ele era o detentor da informação que atingia o público receptor – para diversos receptores – considerados “apáticos”, pois não havia a possibilidade de retorno ou *feedback* nessa comunicação linear e unilateral. A internet e a comunicação mediada pelo computador permitiram a classificação de vários emissores e vários receptores. A possibilidade de um *feedback* mais efetivo eleva o público a um novo patamar. Segundo Levy (1999), o Ciberespaço permite a homologação da inteligência coletiva, que é o fenômeno de compartilhar conhecimentos e apontamentos uns aos outros, tendo como premissa a solidariedade e a troca.

Conforme Recuero (2009), o conceito de rede social não é uma referência nova, uma vez que as relações sociais de pessoas e a forma como elas se dão entre si já é bastante difundida e estudada pelas ciências sociais. Foi a Teoria Geral dos Sistemas que fez a comunidade científica entender que as pessoas não poderiam ser analisadas de formas e perspectivas isoladas, mas em uma complexidade que envolveria o meio em que elas se encontram e as relações sociais e interpessoais que se dão nesse ambiente.

Com o surgimento do Ciberespaço e das comunidades virtuais, as redes sociais, que até então existiam com laços “invisíveis”, começaram a integrar um ambiente mediado pelo computador, compondo um espaço cibernético e tecnológico, matemático, capaz de mapear essas relações de forma (teoricamente) precisa. É evidente que existem outros elementos que complexificam essa análise, uma vez que esta pesquisa não pode realizar-se apenas por meio de suas conexões, mas, principalmente, pelos conteúdos que circulam nessas redes, ou seja, suas relações por meio da conversação e da troca de informações.

Para o entendimento das redes sociais (na internet ou não) é importante termos claro os conceitos que possibilitam o estabelecimento de uma rede: os atores e as suas conexões. Conforme Recuero (2009), os atores são o ponto de partida de uma rede social. É a partir deles que se estabelecerá o início das relações e das

conexões. Os atores são as pessoas, instituições ou grupos que constituem os “nós” da rede. São os atores que moldam e estruturam as relações, por meio dos seus laços sociais com outros atores. Conforme Döring, Lemos e Sibilia (apud RECUERO, 2009, p. 26), “há um processo permanente de construção e expressão de identidade por parte dos atores no ciberespaço”. Já as conexões são objetivamente as interações e os laços sociais.

Para a criação das redes sociais na internet, o conceito de comunidade virtual é emblemático, tanto para a origem do Ciberespaço, quanto para o surgimento dos *sites* de redes sociais na internet ou, como são também chamadas, “mídias sociais”. Esse conceito, já apresentado por Levy e outros autores, é visto por Recuero (2009, p. 146) como

> uma tentativa de explicar os grupamentos sociais surgidos no ciberespaço. Trata-se de uma forma de entender a mudança da sociabilidade, caracterizada pela existência de um grupo social que interage, através da comunicação mediada pelo computador.

De forma bastante objetiva, os *sites* de redes sociais são os sistemas que permitem o mapeamento das comunidades virtuais presentes naquela rede, apresentando as interações entre os atores presentes no Ciberespaço.

> Na internet, é possível examinar em minúcias boa parte das trocas sociais que são mediadas pelo computador. Isso porque essas trocas, suas conversações e interações, ao contrário, por exemplo, da linguagem oral, tendem a permanecer gravadas nesse espaço (RECUERO, 2009, p. 164).

O ano de 2004 foi marcado pelo movimento de transformação na *web*, intitulado por Tim O’Reilly como Web 2.0. O movimento caracterizou o período de desenvolvimento de aplicativos que permitiam aos usuários – atores – a publicação de conteúdos sem grandes conhecimentos técnicos, como, por exemplo, alguém que não tem afinidade com a linguagem de programação HTML[9] pudesse criar uma página ou um espaço pessoal, como um *blog* ou um perfil em um *site* de redes sociais apenas escolhendo opções disponíveis no serviço. Conforme Primo (2006), a Web 2.0 apresenta-se como novidades tecnológicas que aumentam e aprimoram as possibilidades de publicação, compartilhamento e organização de informações,

[9] HTML é a abreviação para a expressão inglesa *HyperText Markup Language*. Foi uma das primeiras linguagens de programação para o desenvolvimento de sistemas *web*.

potencializando o trabalho coletivo, trocas efetivas e construção social do conhecimento.

O grande ganho das redes sociais na internet é a identificação de como surgem e de que tipo são as relações mediadas pelo computador e como essas interações são capazes de gerar fluxos de informações e trocas sociais que impactam nas próprias estruturas. Essas mediações, segundo Recuero (2009), podem ocorrer em diferentes tipos de redes. Um dos formatos dessas redes é o de afiliação ou redes associativas, que reúnem atores que interagem entre si, com muito ou nem tanto relacionamento previamente estabelecido, e também com outros atores com interesses comuns em determinados assuntos. A conexão entre os sujeitos, por meio desses modelos de redes, estabelece uma relação perene, ainda que não exista um investimento em capital social por parte dos atores. Por não haver esse investimento e por estar o laço estabelecido – caso não haja o seu rompimento deliberado, esta conexão permanecerá sem nenhum custo para os atores. No entanto, são os laços fracos, aqueles com os quais se tem pouca interação, os mais capazes de trazer com maior frequência informações novas, oriundas de outras comunidades virtuais.

Em meio à Web 2.0 é que os *sites* de redes sociais foram popularizados em todo o mundo, principalmente no Brasil. Não obstante, outros sistemas já haviam sido criados e chamados de *sites* de redes sociais antes de 2004, como, por exemplo, o lançamento de sistemas que já não estão mais em funcionamento, como *ClassMates.com*, criado em 1995 para encontrar alunos e ex-alunos de uma universidade norte-americana. O sistema anterior a essa data que mais se assemelha ao que existe hoje é o *Friendster* (2002), criado com a proposta de estabelecer círculos de amigos. Também o *Linked-In* (2003) ainda se mantém sólido, na proposta de estabelecer uma rede de relacionamento profissional entre seus usuários, mas evidentemente com diversas atualizações, fruto das novas possibilidades da Web 2.0 e de novas apropriações dos sistemas pelos usuários.

Mas foi efetivamente em janeiro de 2004 que os *sites* de redes sociais se tornaram o grande fenômeno contemporâneo: era lançado o Orkut. O *site* foi criado por Orkut Buyokkokten, aluno da Universidade de Stanford e funcionário da Google, que nas horas vagas se dedicava ao desenvolvimento do sistema, que teve o nome de *Nexus* durante sua forma embrionária, no ano de 2001. Conforme Recuero (2009), o sistema reunia opções e características de *sites* anteriores, com a criação

de perfil de interesses, abertura de comunidades e a reunião pública de amigos vinculados a cada ator. Nesse processo de evolução e expansão, foram criados o Facebook (2004), o Twitter (2006), o Instagram (2010) e diversos outros. O Facebook é o *site* de rede social de maior popularidade atualmente, com diversas funcionalidades, desde simples publicações de conteúdo até a conversação em um *chat* próprio. O *microblog* Twitter desafiou a sociedade da informação a fazer publicações de até 140 caracteres. E o Instagram propôs a criação de registros fotográficos do cotidiano.

O Facebook é um dos exemplos de redes associativas ou por afiliação: redes que são estabelecidas de laços fortes e laços fracos, o que poderíamos classificar de forma bastante singela como: amigos, colegas, conhecidos de vista (e – por que não? – desconhecidos que aceitamos que façam parte de nossa rede). Esses formatos de redes permitem a disseminação da informação de maneira exponencial e com atores que não necessariamente comungam dos mesmos grupos sociais. Contudo, embora essas conexões sejam caracterizadas como fracas (RECUERO, 2009), são elas as conexões capazes de trazer mais informação nova ao ator. Conexão que poderá confrontar o ator a outras formas de ver o mundo, diferentes ideologias, cultivo de valores etc.

O Facebook é uma rede social que foi lançada na internet em 4 de fevereiro de 2004. A empresa foi fundada por Mark Zuckerberg e seus colegas de faculdade Eduardo Saverin, Dustin Moskovitz e Chris Hughes, estudantes da Universidade de Harvard – Cambridge, Massachusetts, Estados Unidos. O sistema oferece às pessoas o poder de compartilhar e tornar o mundo mais aberto e conectado. Dentre as possibilidades de uso, elas podem estar conectadas com amigos e familiares, com o intuito de descobrir o que está acontecendo no mundo e para compartilhar e expressar o que importa para elas. Os usuários devem se registrar antes de utilizar o *site*; após isso, podem criar um perfil pessoal, adicionar outros usuários como amigos e trocar mensagens, incluindo notificações automáticas quando atualizarem o seu perfil. Além disso, os atores dessa rede podem participar de grupos de interesse comuns a outros integrantes, organizados por escola, trabalho ou faculdade, ou outras características. Também permite a categorização de amigos em listas como "as pessoas do trabalho" ou "amigos íntimos", por exemplo.

De acordo com os dados no *site* do Facebook no mês de setembro de 2012, a empresa contabilizou 1,19 bilhão de usuários. Desses, mais de 80% estão fora dos

EUA e Canadá e esse mesmo percentual consome algum tipo de produto ou serviço oferecido pelo Facebook. Aproximadamente 70% desse universo acessa o sistema diariamente. Já em janeiro de 2009, um estudo realizado pelo instituto *Compete.com*[10] classificou o Facebook como a rede social mais utilizada em todo o mundo por usuários ativos mensais, dado que se mantém ainda hoje se somando a novos usuários a cada dia.

Além da criação de um perfil pessoal, a plataforma permite a criação de páginas de empresas, organizações, grupos de interesse: são as chamadas *fanpages*, ou páginas de fãs, que permitem a integração das comunidades virtuais em torno de um determinado tema.

1.3 A memória e os suportes contemporâneos

Estamos vivendo na sociedade da informação. Milhares de novas informações são trocadas, a cada segundo, no mínimo entre duas pessoas, seja uma conversa pessoalmente, ao telefone, ou quem sabe por meio do correio eletrônico, mensagem SMS, postagem nas mídias sociais etc. Com o atual paradigma da comunicação, passamos de meros receptores dos meios de comunicação de massa, para produtores de conteúdo via internet. Se até então a radiodifusão permitia um alcance imenso à população, hoje com a *web* e as mídias sociais, a "grande mídia" [11] potencializou seu discurso, fazendo com que sua mensagem chegasse ao público, também mediada pelo computador. Ainda que o potencial ideológico não tenha aumentado no mesmo expoente, essa presença no Ciberespaço aumenta consideravelmente o tráfego de informações disponíveis *on* e *off-line*, contando ainda com a contribuição do compartilhamento das comunidades virtuais.

Joel Candau (2012) comenta que esse mar de informações tem criado o fenômeno da "memória dilatada" e que o final do segundo milênio foi marcado por essa expansão da memória, a ponto de a modernidade poder ser definida como "uma tentativa de codificação total do mundo, cada instante se caracterizando por uma produção profusa de informações, traços e imagens" (p. 112). O autor destaca ainda que nos últimos cinco anos foi produzida mais informação do que nos cinco

[10] Serviço de análise de tráfego *web* dos Estados Unidos da América.
[11] Grande mídia é o nome dado aos veículos de comunicação que mantêm a hegemonia do poder e das concessões estatais.

mil anos anteriores, chegando ao ponto de afirmar que uma edição de domingo do jornal norte-americano *The New York Times* concentra mais informações em suas páginas do que um homem do século XVII poderia encontrar durante toda a sua vida. Tudo isso pode ser considerado fruto da expansão das tecnologias da informação e da comunicação, com computadores portáteis, *tablets* e *smartphones*, com uma grande capacidade de processamento e com custos cada vez mais baixos. Candau traz a relação de Leroi-Gourhan, a qual relata que, em termos de novas tecnologias da informação e comunicação, é possível que o *homo sapiens*, ligado aos estudos da zoologia, esteja chegando ao fim de sua existência. Estaria nascendo uma nova espécie, a dos "comunicantes". No entanto, ela está "imersa em um universo desordenado de traços e irrigada por fluxos ininterruptos de imagens" (p. 114). Nesta reflexão, a pergunta que surge de Candau é justamente entender a significação e os efeitos dessa imersão nesse mundo, em especial sobre as representações da identidade. Neste contexto, é importante que sejam criadas algumas balizas para os conceitos de Memória Social e Patrimônio Cultural, mantendo a interlocução com o cenário atual da Cibercultura e sociedade da informação.

Do ponto de vista neurobiológico da memória, o médico Iván Izquierdo (1989) teceu conceitos a respeito da complexidade do cérebro humano e as formas químicas, físicas e biológicas que permitem a retenção e a evocação de informações que são refletidas em todas as relações sociais, que podem ser definidas como experiências. Izquierdo denomina a aquisição de memórias como aprendizado, por isso "não há nenhuma memória sem aprendizado, nem há aprendizado sem experiências" (p. 89). O neurocientista reforça a relação de que a memória não é do passado, mas uma construção que relaciona o presente, o passado e o futuro. Essa relação é reforçada na seguinte afirmação: "No plano individual projetam-se futuros possíveis porque a memória permite esse exercício de imaginação, ou seja, movimentam-se do presente ao futuro a partir do que se é capaz de reconhecer como o passado" (M. L. M. FERREIRA, 2011, p. 104).

Para essas conexões, o número de experiências possíveis é muito grande; por isso, Izquierdo (1989) refere-se ao plural: memórias; e não um singular: memória. Assim também Paul Ricoeur (2010, p. 41) trata o tema como uma fenomenologia da lembrança ao declarar que "a memória está no singular, como

capacidade e co-efetuação, as lembranças estão no plural: temos umas lembranças".

Em muitas pesquisas, o hipocampo é caracterizado como a parte do cérebro responsável pela memória. Embora os estudos apresentem o hipocampo como o principal elemento dessa armazenagem e evocação, Izquierdo (1989) defende que, em função das experiências complexas das relações sociais, não é possível apenas uma área do cérebro, mas sim de muitos sistemas cerebrais, ser responsável por todo esse aprendizado e sua exteriorização.

> Aprendemos a não colocar os dedos na tomada, a reconhecer rostos ou lugares, a jogar futebol ou xadrez, a dirigir, a nos comportar nas circunstâncias mais diversas, aprendemos línguas, filosofias, medicina, música. É óbvio que diferentes sistemas sensoriais, associativos e motores participam em cada um destes aprendizados e nas correspondentes memórias (IZQUIERDO, 1989, p. 91).

No entanto, existem também outros olhares sobre a memória, como a perspectiva do sociólogo francês Maurice Halbwachs (1990), que posiciona sua tese sobre a memória coletiva, fruto das relações sociais dos sujeitos. Para Halbwachs, toda lembrança está relacionada com os grupos em que o indivíduo está inserido. Em outras palavras, não faz sentido existirem lembranças ou memórias de situações que não são relevantes para os demais membros do grupo ou da sociedade da qual se é integrante. É a vitalidade dessas relações que permite a evocação de lembranças que se relacionam com o coletivo. Um dos exemplos citados em sua obra "A memória coletiva" é que as lembranças individuais mais evidentes de pessoas que obtiveram uma nova experiência em uma sociedade em que não se relacionavam, ao retornar ao seu grupo de origem, tinham como suas principais lembranças aquelas situações que faziam referência à sua cultura local – como o fato de guardas de trânsito levantarem a mão em repetidas situações, prática que era de forma muito clara relacionada com gestos específicos realizados por seu grupo de origem. Da mesma forma, situações realizadas com grupos específicos tendem a ser esquecidas, por não mais integrarem a reminiscência das memórias, fruto das relações daquele grupo.

Michael Pollak (1989) contribui para a discussão da memória individual e coletiva declarando que efetivamente as lembranças fazem parte dos acontecimentos vividos pessoalmente, mas também por aqueles "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo a que se integra, pois já faz parte do

imaginário das pessoas, que não fazem mais distinção se vivenciaram ou não tal situação. Pierre Nora (1993) estabelece a relação entre memória e história. Nesta comparação apresenta a memória desta forma:

> A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética de lembranças e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. [...] A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente [...] Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. [...] A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. [...] A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto (NORA, 1993, p. 9).

Joel Candau (2012) reforça a relação da memória alinhada com os grupos, assim como os olhares de Nora e de Küchler. O primeiro refere-se à memória como um enquadramento, como também Halbwachs já havia tratado em sua obra “Os quadros sociais da memória”.[12] Já o segundo destaca, justamente, ser insustentável defender que as experiências passadas seriam memorizadas, conservadas e recuperadas na íntegra. Isso por entendermos que a memória se atualiza a cada nova situação, a cada novo contexto em que o indivíduo se insere.

Candau (2012) também trouxe à tona o conceito de metamemória, apresentado como a percepção que cada indivíduo tem de sua própria memória e as formas com que se relaciona com seu passado, baseado na construção explícita da sua identidade. A metamemória é a representação da faculdade da memória que propicia ao sujeito olhar para o futuro, alicerçado em uma clareza de sua memória e identidade. “Cada um de nós tem uma ideia de sua própria memória e é capaz de discorrer sobre ela para destacar suas particularidades, seu interesse, sua profundidade ou suas lacunas: aqui se trata então da metamemória” (p. 24).

Esse conceito de memória – a Metamemória – tratado por Candau permite uma interlocução com a suposta memória coletiva proposta por Halbwachs. A relação feita por Candau é que

[12] HALBWACHS, Maurice. Les cadres sociaux de la mémoire. Paris: Les Presses Universitaires de France, 1952.

> a expressão “memória coletiva” é uma *representação*, uma forma de metamemória, quer dizer, um enunciado que membros de um grupo vão produzir a respeito de uma memória supostamente comum a todos os membros desse grupo” (CANDAU, 2012, p. 24).

De todas as formas, essa suposta memória coletiva contribuirá para a construção do conceito de identidade. Nesse caso, conforme Candau (2012), quando nos referimos à identidade cultural, estamos tratando de uma representação. Pois, uma vez que os indivíduos se percebem como membros e integrantes de um grupo, são produzidas por eles várias representações quanto à sua origem, história e natureza desse grupo.

Candau (2009/2010) refere-se à construção de uma Metamemória da seguinte forma: “Eles dizem e creem todos se lembrar como eles creem que os outros se lembram” (p. 50). Essa estranha frase mostra uma função específica da Metamemória que reforça a crença do indivíduo em uma memória coletiva. É essa crença no coletivo e nas relações convergentes do compartilhamento e a manifestação da memória que permitem aos indivíduos em grupo constituírem a sua patrimonialização. A Metamemória alimenta os imaginários dos integrantes do grupo e os faz entenderem e pensarem como comunidade e, de uma forma ou de outra, contribuírem para modelar um mundo onde a partilha patrimonial se torna real. “Ela faz entrar nas memórias individuais a crença nas raízes e destinos comuns” (p. 51).

O compartilhamento dessa memória também é descrito por Candau (2009) através do conceito de Sociotransmissores. Para o autor, os Sociotransmissores são os elementos das nossas relações e de nossa cultura que funcionam como elementos de conexões em nossa memória. A palavra seria uma espécie de metonímia relacionada aos neurotransmissores – expressão utilizada pela medicina e a neurociência –, cuja função é a transmissão da informação (aminoácidos e seus derivados) de um neurônio a outro, nas vias cerebrais. “Chamo sociotransmissores todas as produções e comportamentos humanos que estabelecem uma cadeia causal cognitiva social ou cultural entre pelo menos duas mentes-cérebros” (p. 8). A definição do antropólogo caracteriza-os como todo o envolto das circunstâncias que promoveram a situação de memória, desde a condição de cada um, como família, religião, profissão, até todo o contexto do momento da experiência, como toda a cultura material (e podemos dizer visual também) envolta na circunstância. “Todas essas coisas que estamos falando, que o meu interlocutor pode me mostrar e eu

posso ver, tocar e sentir, participar da partilha de experiências que, todos dois, buscamos” (p. 8). O autor também entende como Sociotransmissor todas as emoções inseridas naquele momento – quando são experienciadas em comum – e a linguagem utilizada naquele contexto. “Os sociotransmissores são, portanto, os vetores de interação social e cooperação humana. Como tal, ajustam qualquer ato de rememoração às condições coletivas de sua expressão” (p. 9). Maria Leticia Mazzucchi Ferreira (2011) destaca que a Metamemória se vincula aos Sociotransmissores de Candau.

Todos esses referenciais vêm estabelecer a relação com os conteúdos da memória em tempos de comunicação mediada pelo computador. Por estarmos imersos nessa mudança do paradigma da comunicação, as relações sociais também têm sido alteradas. Por isso, os estudos de memória carecem de novos olhares. Essa percepção já foi comentada por autores como Monteiro, Carelli e Pickler (2006), que observam ter o Ciberespaço mudado a natureza da memória, não só quanto ao grande número de informação e conhecimento, mas pela sua essência.

> Dessa nova realidade "virtual", percebe-se a importância de desenvolver estudos para investigar e/ou responder os questionamentos/ premissas sobre a própria essência da memória no ciberespaço, bem como entender mudanças paradigmáticas e pragmáticas da questão da memória entendida como preservação (MONTEIRO; CARELLI; PICKLER, 2006, p. 4).

Marshal McLuhan (2002) referia-se à tecnologia e aos artefatos culturais como espécies de estratégias de minimizar as limitações físicas humanas, permitindo o entendimento de que a escrita seria um prolongamento da memória humana. “Nessa linha, é concebível entender a escrita como uma ferramenta de prolongamento da memória humana” (HOLANDA; SILVA, 2012, s/p). Bergson (*apud* LEMOS, 2010, p. 32) destacava, em 1959, que “se nossos órgãos são instrumentos naturais, nossos instrumentos são órgãos artificiais. O instrumento do operário continua seu braço; o ferramental da humanidade é, assim, um prolongamento de seu corpo”. Assim, as novas tecnologias e os sistemas ubíquos têm sido efetivamente extensões da memória individual e coletiva da sociedade.

Holanda e Silva (2012) trazem a discussão do purismo da tradição oral e o receio de que a escrita pudesse reduzir a capacidade da memória biológica, como já pensava Platão. Atualmente essa discussão volta à tona, comparando a memória humana com as memórias eletrônicas ou digitais.

> Estas segundas [memórias eletrônicas ou virtuais], tais como a escrita, também são memórias externalizadas, fora do cérebro humano, auxiliares; parte de um temor do ser humano pelo esquecimento através da perda da informação e da memória. O imperativo das novas tecnologias de informação e comunicação gera uma série de novos produtos e serviços de informação e isso é um ponto nevrálgico para a ciência da informação (HOLANDA; SILVA, 2012, s/p).

Dodebei (2011) contribui para a discussão lembrando que a escrita foi o primeiro divisor de processos na criação de memórias coletivas. A autora diz que convivemos com duas formas de memória: uma de caráter processual, sob a natureza oral da produção de conhecimentos; o outro formato dessa produção seria por meio de memórias auxiliares, formada por meio dos registros desses conhecimentos representados nos “lugares de memória” (NORA, 1993), como arquivos, bibliotecas, museus e outros.

Se não há possibilidade de formação de memórias auxiliares na cultura oral, a cultura escrita permitiu que isso ocorresse com maior rapidez, evoluindo a partir dos suportes – pedra, madeira, pergaminho, papel, e também o salto exponencial de produção de material com o nascimento da imprensa e os tipos móveis de Gutenberg (século XV). Contudo, a era digital tem permitido que essas memórias auxiliares sejam produzidas infinidade de vezes; neste caso, não só a produção é o destaque, mas a possibilidade de arquivamento em formatos digitais também tem crescido com a tecnologia.

É nessa mudança de paradigma, na imensidão de informações produzidas e no afã da memória e da patrimonialização, que os próprios lugares de memória tendem a ficar descaracterizados: embora feitos para lembrar, conforme Jean-Louis Déotte (apud CANDAU, 2012), se tornam “máquinas de esquecimento ativo”. Essas máquinas de esquecimento citadas por Déotte operam em um mundo do tempo real, do efêmero, onde o resultado da ação cultural não resulta em um objeto. A narrativa é feita em um suporte que ninguém garante que estará lá amanhã.

Candau (2012) chama a atenção para o tempo em que se vive atualmente. A busca por domesticar o tempo foi durante muitos anos a grande corrida. No entanto, o fenômeno do “tempo real” nos dá a sensação de que estamos vivendo uma “religião do efêmero”, como destaca Candau, envoltos em todas as enxurradas de imagens advindas nas mais diferentes formas, como clipes, *flashes*, reportagens

ao vivo etc. A era do cibermundo e da “videosfera” transforma realmente nossa experiência de temporalidade e “o instante invade a consciência”, submetida a um tempo uniforme, indiferenciado, banalizado (p. 92)

Dodebei (2011) lembra que, na década de 1990, houve uma corrida desenfreada pela digitalização de documentos, com o surgimento de bibliotecas e arquivos digitais. Porém, a pergunta da pesquisadora é: “Mas quem vai proteger esses objetos digitalizados? Que garantias de leitura e reprodutibilidade os arquivos digitais propõem à sociedade? [...] o que dizer dos objetos nascidos digitais?” (p. 40). Pierre Levy (1999) já dizia que “a perspectiva de digitalização geral das informações possivelmente tornará o ciberespaço o principal canal de comunicação e suporte de memória da humanidade a partir do início do próximo século” (p. 93). Dodebei lembra que, embora os mecanismos de busca – como Google[13] – tenham a finalidade de localizar com velocidade a informação solicitada, não parece haver uma preocupação com a proteção e com a qualidade da informação pesquisada.

> Seria, no entanto, prematuro pensar que podemos igualar a memória eletrônica à memória humana, embora a princípio ambas operem com critérios de seleção, seja do dado que constitui os bancos ou bases eletrônicas, seja das lembranças que formam nossa memória” (DODEBEI, 2011, p. 41).

Holanda e Silva (2012) dizem que, ao alcançarmos o mundo por intermédio do computador conectado à internet, não percebemos o processo de censura e autocensura com que estamos lidando.

> ...sobreposição vertiginosa de informações ali disponibilizadas encobrem outras informações que poderiam ser enfatizadas. Com este ritmo tão acelerado, a memória humana torna-se incapaz de filtrar o que é real ou fictício, o que é essencial ou inútil, gerando um significativo impacto na memória coletiva, mesmo sem se apresentar como no passado, em uma supressão violenta da memória (HOLANDA; SILVA, 2012, s/p).

No entanto, é importante o registro de que as expressivas pesquisas realizadas por *sites* de busca, chamados de indexadores, como é o caso da Google, tendem a ser cada vez mais maduras e assertivas. A chamada “web semântica” tem crescido com sistemas cujas programações estão cada vez mais alinhadas e contextualizadas com o usuário em tela (MONTEIRO; GIRALDES, 2008). São as

[13] Google é a ferramenta de busca na internet mais utilizada em todo o mundo.

lógicas de programação dos computadores cada vez mais acertadas às formas de pensamento humano e alinhadas aos hábitos de navegação dos usuários, por estarem interconectadas com outros sistemas (como serviços de *e-mail*, *blogs* etc) que permitem reconhecer as preferências e práticas do usuário.

Mayer-Schönberger (2009, p. 196) faz notar um interessante elemento: que o Ciberespaço também pode contribuir na busca por recordações:

> Por milênios o relacionamento entre a lembrança e o esquecimento permanecem claros, a lembrança foi difícil e custosa e os humanos tiveram que deliberadamente escolher o que lembrar. O padrão era esquecer. Na era digital, [...] o equilíbrio entre a lembrança e o esquecimento tornou-se invertido.

Mesmo desordenado, o Ciberespaço equivale a um mar de informação e todo conteúdo disponibilizado permanece na rede e é buscável (BOID, 2002 apud RECUERO, 2009). Ainda que ele faça parte de um esquecimento, necessitamos elementos que nos façam as conexões corretas com aqueles conteúdos outrora visualizados e aprendidos. A relação que Mayer-Schönberger (2009) faz é de que quando esquecemos, não perdemos a informação em si, mas o *hiperlink* que nos leva à tal informação armazenada em nosso cérebro. No entanto, Ricoeur (2010) lembra que “quem busca não encontra necessariamente. O esforço de recordação pode ter sucesso ou fracassar” (p. 46).

No caso de nossa memória coletiva ou Metamemória com o auxílio das mídias sociais, não há uma gerência pontual dessas informações, não permitindo a formação de um acervo que garanta a revisitação dessa memória, propondo novos olhares, novas narrativas e imagens dessa memória. Existe ainda o receio de que a mídia social seja um sistema privado, o que dá a ela – ao seu detentor – a autonomia de desativação do sistema em qualquer tempo, eliminando essa organização de “pseudoarquivamento” de imagens, comentários ou histórico de rastros na própria rede social. Ainda, todos os conteúdos nestes dispositivos computacionais, em especial os textos e as conexões em uma mídia social são apenas digitais, ou seja, só existem por meio de uma configuração dos dispositivos que leem a codificação própria da computação e teoria da informação que se chama BIT (binário) – uma relação de 0 (zeros) e 1 (uns) que, somados, dão formas aos conteúdos das interfaces computacionais, como fotos, textos, links etc. A desconfiguração desses códigos e a falta de sistemas adequados para a sua leitura

impediriam qualquer relação com o conteúdo contido nessa mídia social, mais uma vez impedindo o acesso a esses conteúdos memoriais. Os próprios *links* que nos direcionam às memórias estão suscetíveis ao rompimento, colocando a lembrança em xeque, o que ajuda a configurar um tempo de, talvez, maior possibilidade de esquecimento que memória.

Conforme Corrêa e Dodebei (2013), os mecanismos para se ter uma memória a longo prazo também estão fragilizados, uma vez que a tecnologia digital se coloca como um mecanismo instável no armazenamento, envolvendo inúmeros fatores e atores nessa preservação, bem como a relação da efemeridade do suporte e a falta de políticas para esses conteúdos e plataformas. Os autores lembram também a referência de Pierre Levy ao destacar que esse é um ambiente que favorece muito mais a transformação que o acúmulo, dificultando assim a preservação.

> Quanto mais avançamos em tecnologia, em especial, os suportes digitais ou binários, menos temos a garantia de que as informações serão corretamente memorizadas e, por conseguinte, adequadamente transmitidas (CORRÊA; DODEBEI, 2013, p. 8).

Mesmo com todos esses fenômentos inerentes ao tempo presente, nunca a Memória Social e o Patrimônio Cultural foram tão referenciados e reivindicados. Mesmo sem um consenso de referências na contribuição quanto à memória ou ao esquecimento – nos seus diferentes dispositivos e formatos como *sites*, *blogs*, mídias sociais etc –, a internet tem possibilitado o compartilhamento de conteúdos referentes à Memória Social e ao Patrimônio Cultural. As possibilidades de visitar um museu virtual ou de ter acesso a fotografias antigas circulando contextualizadas, comentadas e recomentadas pela comunidade, dá um novo ponto de partida para o tema.

No próximo capítulo, será apresentada e debatida a potencialização da temática em meio a um *site* de rede social na internet que põe em seu centro a representação da Cidade de Pelotas.

2 O PROJETO PELOTAS MEMÓRIA: DA ORIGEM À PRESENÇA NO FACEBOOK

2.1 O surgimento

A pesquisa se dá a partir de seu objeto, a *fanpage* do Projeto Pelotas Memória no Facebook. O conteúdo inserido nessa mídia social expõe imagens da Cidade de Pelotas, no Estado do Rio Grande do Sul – cidade bicentenária que conserva ainda nos dias de hoje um patrimônio arquitetônico dos séculos XIX e XX, com influências do estilo eclético. Preserva, também, histórias do tempo em que as charqueadas foram a grande mola do desenvolvimento local. No decorrer dessa história, diferentes etnias foram somando-se, dentre elas portugueses, africanos, franceses, alemães, italianos, que, com suas diferentes culturas e formas de ver o mundo, contribuíram para a construção de Pelotas.

O início da representação desta cidade na mídia social Facebook iniciou em 14 de novembro de 2011, quando Leonardo Tajes Ferreira (LTF 2015) criou então a *fanpage* Projeto Pelotas Memória, como uma forma de homenagear Nelson Nobre Magalhães, que no ano de 1989 iniciara o projeto de mesmo nome, e que desde 1996 até sua morte, em 2007, manteve um quiosque na Rua Quinze de Novembro. Na página do projeto no Facebook existe a seguinte descrição – apresentada pelo próprio LTF 2015, conforme segue:

> O PROJETO PELOTAS MEMÓRIA foi criado em 1989 com a finalidade de resgatar e valorizar a história da cidade de Pelotas. Sendo seu idealizador Nelson Nobre Magalhães (1945–2007). No início era apenas uma exposição de fotografias em frente a Biblioteca Pública Pelotense, mas com a admiração da população passou a ter um local fixo, até hoje preservado, no calçadão da cidade, na rua 15 de novembro. Essa página [a *fanpage*] tem como objetivo resgatar a memória do município, como também homenagear Nelson Nobre Magalhães e Mario Osorio Magalhães, historiadores que tanto persistiram em valorizar a cultura e história local. Para todos que apreciam os pequenos livretos sobre a cidade de Pelotas, assim como as fotografias e curiosidades, dedico esta página (L. T. FERREIRA, 2011).

Na descrição, LTF 2015 manifesta que a proposta de 1989 tinha como fim “resgatar e valorizar a história da cidade” e que a página no Facebook busca, da mesma forma, “resgatar a memória do município”. Sabe-se que não se resgata a memória, o passado ou a história – o que podemos resgatar são os documentos da ação do tempo. No entanto, os dois projetos, criados em momentos diferentes, tinham a intenção de valorizar a história e a memória de Pelotas e disponibilizar à comunidade conteúdos que estabelecessem relação com a identidade local. De acordo com Márcia D’Aléssio, as palavras “memória” e “identidade” foram reinseridas no vocabulário histórico, respectivamente, nas décadas de 1980 e 1990.

> Essa sequência no tempo reforça a sensação, já sugerida, que a vontade de memória revela a busca de identidade ameaçada. Dito de outra forma, a compulsão por lembranças e seu registro expressa o temor do desaparecimento do passado que atormenta um tempo cada vez mais desconstrutor e desperta nas pessoas, grupos e povos o desejo de reencontrar ou reinventar referenciais esquecidos e silenciados (D’ALESSIO, 1998, p. 277).

Em Pelotas, o projeto com o título “Memória” surgiu ao final da década que D’Aléssio disse ser o tempo em que a referida memória reaparecera nas discussões sobre as temáticas em torno da história. Esse projeto editou seu primeiro fascículo no ano de 1989, onde descreveu o objetivo de seu trabalho, conforme segue:

> Não temos a pretensão de, em poucas páginas, oferecer conhecimento geral da nossa história, que é vasta. Na peregrinação que fizemos pelas páginas de antigas publicações: revistas, jornais, almanaques, podemos dimensionar o que afirmamos. A essência de nossa história chega ao conhecimento de poucos, pois, quase que, na sua totalidade, as publicações nem sequer tiveram uma segunda edição. O nosso objetivo é reavivar o passado com suas múltiplas nuances! Neste primeiro fascículo apresentamos momentos históricos e revelamos, através de fotografias, aspectos bucólicos e poéticos. Pelotas, hoje, é um centro desenvolvido. Por todos os lugares percebe-se traços de progresso, mas permanecem na sua geografia urbana marcas do passado na suntuosidade de seus velhos casarios, muitos lamentavelmente, descaracterizadas, violentados pela insensibilidade. Em respeito a nós mesmos, invocamos o passado sem perdermos a consciência do progresso (N. N. MAGALHÃES, 1989).

De acordo com sua descrição, Nelson Nobre já desejava colocar informações da cidade à disposição das pessoas. A proposta dispunha fotografias que narrassem a cidade de forma *“bucólica e poética”* e também trazendo à tona

certa tensão que, segundo o documento, já ocorria na época, com o que Nelson Nobre chamou de “traços do progresso” e a falta de entendimento referente ao patrimônio cultural da cidade ao manifestar: “velhos casarios, muitos lamentavelmente, descaracterizados, violentados pela insensibilidade”. Não podemos qualificar Nelson Nobre como historiador, mas talvez como um “colecionador” ou um dos defensores da memória e história da cidade nos anos 80 do século passado, tempo de aguçados debates sobre a temática do patrimônio cultural em Pelotas:

> ...defensores da preservação do patrimônio buscaram meios de resguardar a memória e a história da cidade. Muitos avanços e retrocessos ocorreram nesse longo período, que vai desde a instituição do II Plano Diretor do município, em 1980, até os dias atuais. Legislações específicas de preservação, aprovadas durante a década de 80, foram tentativas que não se concretizaram, na prática, pela falta de consciência de grupos sócio-econômicos do município, envolvidos com a dinâmica de crescimento da cidade e, principal-mente, pela descontinuidade de ações preservacionistas da adminis-tração pública, nesse período (ALMEIDA; BASTOS, 2006, p. 96).

De acordo com Almeida e Bastos (2006), foi no início dos anos de 1980 que conceitos mais efetivos de preservação foram introduzidos em nível municipal e a atuação dos defensores da preservação do patrimônio se fez presente. O projeto Pelotas Memória surgiu em um momento de tensão quanto às temáticas do Patrimônio Cultural. Conforme as autoras, no ano de 1982, com base no Decreto Federal 25/37, foi aprovada a lei nº 2708/82, cujos temas integravam a instituição do Tombamento em nível municipal, a criação do Conselho Municipal do Patrimônio Histórico e Cultural (COMPHIC) e, ainda, a criação de um Conselho Revisor, cuja atribuição consistia em avaliar as decisões originárias no COMPHIC.

Porém, “constituído, em sua maioria, por representantes do mercado imobiliário, o Conselho Revisor desarticulou o grupo de preservação e impediu que se avançasse à luta pela preservação patrimonial” (ALMEIDA; BASTOS, 2006, p. 102). A desarticulação das políticas em defesa do patrimônio não parou por aí, pois, em 1988, forças políticas e econômicas locais, produtoras do espaço urbano e contrárias à preservação promoveram a aprovação da lei nº 3128/88, que, alterando a anterior, ocasionou um retrocesso nas políticas que estavam sendo implantadas.

Diferentemente, o projeto no Facebook surge em um tempo que a discussão sobre memória e patrimônio já está mais consolidada, quando a própria

Universidade Federal de Pelotas (UFPel) já oferecia cursos de graduação na área de Conservação e Restauro de Bens Culturais Móveis, Museologia, um Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Memória Social e Patrimônio Cultural, além daqueles cursos que já se ocupavam do tema, como, por exemplo, a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAUrb/UFPel).

Por meio de consulta documental, identificamos, em reportagem do jornal Diário Popular, que a vinculação do Pelotas Memória nas mídias sociais teve início no Orkut,[14] por meio de comunidade criada no dia 31 de maio de 2006 por Leonardo Tajes Ferreira, também com o título Pelotas Memória. De acordo com a reportagem do Diário Popular (WALTZER, 2013), LTF 2015 havia apresentado a ideia a Nelson Nobre; contudo, o colecionador não pôde ver o crescimento do projeto nas mídias sociais, pois faleceu aproximadamente um ano após a inserção do projeto no Orkut. Mas foi a presença no Facebook, em 2011, que potencializou o crescimento do projeto. Além da migração, LTF 2015 credita o crescimento da *fanpage* à contribuição do trabalho de fotógrafos atuais – profissionais e amadores – ao trazerem suas imagens e representações da Pelotas de hoje. O novo formato do projeto na *web* e a busca por ampliar a temática surgiram da iniciativa de LTF 2015, juntamente com outros dois fotógrafos: Gustavo Mansur e Alexandre Neutzling. A proposta foi apresentar, através da fotografia de diversos autores independentes, a temática Pelotas e seu cotidiano, tendo uma possibilidade ampla para trabalhar a cidade em sua diversidade.

> Assim que a fotografia começou a se disseminar no mundo ocidental, as cidades se tornaram imediatamente objeto de fotógrafos. Afinal, construções, ruas, jardins e monumentos eram o entorno em que fotógrafo e câmera se situavam. Pessoas também eram registradas, mas fotografia é primeiramente espacial (BUITONI, 2013, p. 111).

Para o Pelotas Memória no Facebook, a cidade se tornou o grande cenário a ser registrado, com a expressão que vai desde seus monumentos e suas paisagens até cenas do cotidiano, peculiares pelas formas com as quais as pessoas se apropriam desses espaços urbanos. Pois, como segue Buitoni (2013), a relação da fotografia com a cidade é cultural, assim como as cidades em si são atos de cultura.

[14] O Orkut foi uma rede social filiada ao Google, criada em 24 de janeiro de 2004 e desativada em 30 de setembro de 2014. O alvo inicial do Orkut eram os Estados Unidos, mas a maioria dos inscritos foi do Brasil e da Índia. Em nosso país, teve mais de 30 milhões de usuários. Foi ultrapassada pelo Facebook, atual líder mundial.

A forma como ela é fotografada também é uma prática cultural, o que de fato ocorreu por meio da mídia social, conforme comentário de LTF 2015, em entrevista exclusiva para este pesquisador, sobre a presença dos fotógrafos:

> É interessante observar como um olhar diferenciado de objetos do cotidiano é capaz de causar tanto impacto. Enxergar a realidade com um novo olhar, fazer as pessoas olharem ao redor e refletirem sobre o que as cercam. Desde o início a proposição de um “novo olhar” vem sendo o objetivo da fanpage do Pelotas Memória, e acredito que estamos atingindo nosso objetivo. “Conhecer para preservar”, esta frase resume nossa ideologia (FERREIRA, 2015).

A fotografia presente na mídia social e a possibilidade de acesso a essa tecnologia permitiu que mais pessoas tivessem contato com o patrimônio cultural da cidade capturado pela lente dos fotógrafos. Essa mídia de fácil acesso na disponibilização de imagens fez com que o “conhecer” – da expressão condicionante “conhecer para preservar” – estivesse mais presente. Assim, de acordo com a descrição da obra do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), podemos identificar essa prática na mídia social como uma espécie de trabalho na linha da educação patrimonial, conceituado pela Coordenação de Educação Patrimonial do IPHAN como:

> ... todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o Patrimônio Cultural, apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação (IPHAN, 2014, p. 19).

O IPHAN também considera que esses processos educativos devem primar pela construção coletiva e democrática do conhecimento e que se tenha diálogo entre os agentes culturais e a sociedade. Dessa forma, a presença de conteúdo fotográfico do Patrimônio Cultural circulando pela internet está alinhada ao propósito de construção coletiva e democrática, uma vez que as mídias sociais permitem essa construção apoiadas no diálogo, propiciado pela Web 2.0.

Esta página de fãs no Facebook – ferramenta que pode atuar na educação patrimonial – oferece outras informações que nos possibilitou estabelecer um entendimento de qual é o seu funcionamento e de que forma é possível que esse conteúdo sobre a cidade esteja presente na rede. Além do texto de abertura, citado no início deste capítulo, a página apresenta os membros da equipe que dá vida ao

projeto, composta por “moderadores, pesquisadores e fotógrafos colaboradores”, 41 pessoas/estúdios que assinam o conteúdo fotográfico da página.[15]

Figura 1 – Ilustração com os dados da *fanpage* Projeto Pelotas Memória

Fonte – Montagem própria

Em 23 de maio de 2014, a *fanpage* Projeto Pelotas Memória contava com uma comunidade de 15.968 fãs. O “relacionamento” que ocorre entre esses “fãs” [16] da página – os quais também serão chamados de seguidores – foi identificado como interação. Uma das estatísticas fornecidas pelo sistema do Facebook foi o número de pessoas interagindo com os conteúdos da página, que – no dia 23 de maio de 2014 – registrou 958 pessoas que se relacionaram com as postagens da *fanpage* ou com os comentários de outros seguidores da página, integrantes dessa comunidade virtual. Os dispositivos oferecidos pela mídia para estabelecer essa interação – Curtir, Compartilhar e Comentar – serão tratados na sequência do texto.

Os conteúdos que geram algum tipo de interação na *fanpage* Projeto Pelotas Memória, são fotografias, reproduções de documentos históricos e vídeos. As publicações desta página incluem, em sua maioria, fotografias, reproduções de

[15] No período referente à pesquisa foi concedido a mim, enquanto pesquisador, a senha de moderador da *fanpage* Projeto Pelotas Memória, permitindo a observação de tráfego de informações e algumas estatísticas fornecidas pelo sistema Facebook.

[16] A expressão “fã” é utilizada na mídia social Facebook para referir-se a integrantes da rede social na internet que manifestaram interesse em participar da referida página, com o intuito de receber informações sistemáticas de suas publicações e estabelecer uma espécie de Interação na rede – curtindo, compartilhando e comentando os conteúdos postados. A esses fãs também podemos chamar de seguidores ou membros da comunidade virtual.

documentos históricos, e algumas publicações em vídeo. Quanto às imagens, uma parte delas é acompanhada de legendas ou textos explicativos, contextualizando as publicações. Em casos de conteúdos especiais sobre alguma temática da cidade, um arrazoado maior é apresentado, propondo-se expor um referencial histórico e educativo aos integrantes da rede. No entanto, nem sempre o material contém legendas.

As imagens contidas na página da mídia social estão separadas por álbuns, cujas fotografias são organizadas pelo administrador/moderador[17] da mídia social, que dá a eles diferentes títulos, assim como tem a possibilidade de inserir, retirar e transformar os conteúdos contidos nesses álbuns. Na data da pesquisa, em 23 de maio de 2014, o Pelotas Memória no Facebook possuía 108 álbuns com imagens da cidade em suas representações de acervos antigos e imagens atuais produzidas por fotógrafos que integram o grupo de colaboradores da *fanpage*. De acordo com a matéria publicada no Diário Popular (WALTZER, 2013), um total de 20 mil imagens integrava a mídia social. Há também um álbum com vídeos, que contém seis audiovisuais, cujos conteúdos apresentam reportagens sobre o Projeto Pelotas Memória e conteúdos publicitários sobre a cidade, patrimônio histórico, cultural e natural do município.

Ao explorar esses álbuns da *fanpage,* observamos que seus conteúdos de imagens estão estruturados de forma a podermos classificá-los em quatro categorias. São elas: 1) Álbuns com imagens antigas; 2) Álbuns com imagens exclusivamente atuais, intituladas “Pelotas Hoje”; 3) Álbuns híbridos, que buscam estabelecer um diálogo temporal da cidade; e 4) Álbuns com ilustrações/reproduções. Esta primeira classificação de álbuns, com todos os seus títulos pesquisados, está descrita na Tabela 1; tal categorização foi importante para a criação de uma tabela que registra todos os conteúdos extraídos das postagens na *fanpage*, dando origem ao Apêndice A, elementar na leitura dos dados para as análises de apropriação das mídias sociais referente às temáticas de Memória Social e Patrimônio Cultural.

[17] Para este trabalho não abordaremos as buscas na pasta de imagens intitulada “Linha do tempo”, uma vez que a proposta deste espaço (Linha do Tempo) é registrar todo o conteúdo postado pelo administrador da *fanpage* e também por publicações compartilhadas por ele, oriundas de outras páginas do Facebook. Da mesma forma, não serão analisados os conteúdos do álbum “Vídeos” nem do álbum “Arquivos de dispositivos móveis”. Todos os demais álbuns foram observados com base no método da análise de conteúdo, estipulado como parte da metodologia desta dissertação.

Tabela 3 – Classificação dos álbuns da *fanpage*

Classificação	Álbuns reunidos
1) Álbum com imagens antigas	Cidade Histórica; Fotos da Capa; Fotos do perfil, Especial Zeca Neto e a Revolução de 1923; Postais Antigos – Pelotas/RS; Especial: A história do Rio Grande do Sul através das lentes; Especial: Parque Souza Soares.
2) Álbum com imagens atuais – "Pelotas Hoje"	PELOTAS HOJE: Por Beto Fernandes; Por Willian H. Gomes; Por Kauã Rodrigues; Por José Barbosa; Por Regis Dutra; Por Gustavo Mansur; Por Tani Guez; Por Felipe Argiles; Por Cléo Machado; Por Gustavo Arruda; Por Hamilton Ludtke de Moraes; Por Guilherme Bittencourt; Por Daniel Silveira; Por Rafa Marin; Por William Martins; Por Ítalo Santos; Por Edson Takehiza; Por Bruna Morales; Por Ires Furtado; Por Luciano Ritter; Por Edson Takehisa; Por Fábio Zundler; Por Daniel Giannechinni; Por Julio Urrutia; Por Diego Pizzaro; Por Gugu Portugal; Por Henrique Azevedo; Por Guilherme Touchtenhagen Schild; Por Pamela Zechilinski; Por Luis Paiva Carapelo; Por Karla Nazareth; Por Isa Serrat, Por Luca Hoiamas; Por Alexandre Neutzling; Por Felipe Campal; Por Rodrigo Lessa; Por Lúcio Pereira; Por Orlando Jr Photography; Por Leonardo Tajes Ferreira; Por Gean Rodrigues; Por Igor Sobral; Por Allan Mello; Por Daniel Giannechinni; Por Rafaella Lisboa; Por Diego Silva; Por Hércio Dias; Por Vania Dalponte; Por Eliana Pires; Por Gustavo Vara; Por Bruno Urrutia; Por Jonathan Rivero; Por Jonathan Silva; Por Neco Tavares; Por Anne Dias; Por Wilson Lima; Por Yago Farias; Por Diego Cunha; Por Luigi Sodré. Também integram essa categoria: Pelotas 180º - By Alexandre Neutzling; Especial: Dia de Sol no Laranjal – Por Julio Urrutia; Satolep Lado B – Por Daniel Gianechinni; Especial: O Nascer – Por Henrique Azevedo; Especial: Colônia Z3 – Por Lúcio Santos; Especial: Satolep Elevada; Especial Castelo da Rua XV; Especial: Praia do Laranjal – Por Rafa Marin; Especial: Balneário Santo Antonio – Por Vera Miranda; Especial: Fonte das Nereidas; Architecture - Por: Leonardo Tajes Ferreira; Especial: Reforma no Casarão 8 - Por: Leonardo Tajes Ferreira; Satolep – Dia e Noite; Pelotas Hoje – Por: Diego Rubira; Céu de São Francisco de Paula – Por: Alexandre Neutzling; Pelotas at Night - Por: Leonardo Tajes Ferreira; Noite pelotense - Por: Leonardo Tajes Ferreira; Especial: Haertel - Por Pamela Zechlinski;
3) Álbuns híbridos – "passado/presente" .	Especial Theatro Guarany; Especial Theatro Sete de Abril; Especial Estação Ferroviária de Pelotas; Especial Rua XV de Novembro; Cemitério Ecumênico São Francisco De Paula – Por Bruno; Especial: Escola Estadual Monsenhor Queiroz – 53 anos de história; Olhares sobre Pelotas I; Especial: Parque da Baronesa; Especial: Bibliotheca Pública Pelotense; Especial: Praça Coronel Pedro Osório; I; II; III; IV; V; VI
4) Álbuns com ilustrações/ reproduções	Histórico Administrativo da cidade de Pelotas: 1891 – 1987; Passado e Presente – Por Leonardo Tajes Ferreira; Documentos; Marcas do Tempo

A Tabela 3 nos permite observar que o maior número de álbuns da *fanpage* se refere a imagens atuais da cidade, produzidas por fotógrafos profissionais e amadores. Essa presença trouxe também um olhar artístico da fotografia ao representar o patrimônio. De acordo com o responsável pela *fanpage*, o crescimento exponencial de seguidores do Projeto Pelotas Memória no Facebook ocorreu quando a página recebeu o trabalho dos fotógrafos atuais. Leonardo Tajes Ferreira

relatou ao Diário Popular (WALTZER, 2013): “Em menos de um ano a *fanpage* já tinha mil seguidores, número que saltou para mais de 10 mil fãs em maio de 2013”.

Hoje a página possui aproximadamente 16 mil seguidores e, conforme a entrevista de LTF 2015 para esta pesquisa, a página tem-se focado na atuação dos fotógrafos, que têm trazido diferentes olhares sobre a cidade. “Mostramos majoritariamente nas fotos atuais, uma cidade bela, pois almejamos trazer turismo para a região sul, pois acreditamos em nossa rica História e cultura local” (FERREIRA, 2015). Nesta fala do criador da *fanpage* Pelotas Memória podemos observar a proposta desse recorte temporal com algumas características: atuais; bela; turismo. Conforme Didi-Huberman (2004), a fotografia tem um duplo sentido, que leva a uma leitura simples e ao mesmo tempo complexa, uma vez que a imagem apresenta apenas uma cena, instantes que problematizam o que está sendo visto e não a realidade total dos fatos. Faz-se necessário imaginar, partindo da leitura e dos índices que as imagens proporcionam, na tentativa de interpretar o que elas revelam e silenciam de uma realidade.

Boris Kossoy também contribui para a análise ao destacar que as imagens não se esgotam em si mesmas, mas, ao contrário, elas são o ponto de partida, uma pista na busca por desvendar o passado. “Elas [as fotografias] nos mostram um fragmento selecionado da aparência das coisas, das pessoas, dos fatos, tal como foram (estética/ideológica) congelados num dado momento de sua existência/ocorrência (KOSSOY, 2000, p. 21). Também destaca aspectos estéticos e/ou ideológicos, o que vai ao encontro da intenção da página – manifestada na entrevista – ao expor conteúdos “belos” e que possam “trazer turismo”. E é o olhar de ao menos 41 fotógrafos colaboradores da *fanpage* que contribui para as diferentes perspectivas sobre a cidade, pois “uma mesma cidade (material) contém tantas cidades (virtuais) quantos forem os pontos de vista, as visadas, as perspectivas, os percursos” (ROUILLÉ apud CARVALHO, 2013, p. 330).

2.2. O conteúdo da *fanpage* e sua relação com a comunidade virtual

A Cidade de Pelotas, por meio da *fanpage* Projeto Pelotas Memória, congrega um grupo de pessoas interessadas em uma mesma temática, que chamamos de comunidade virtual. Essa comunidade tem a possibilidade de se relacionar no ambiente *web*. Na mídia social, as pessoas têm a possibilidade de

interagir diariamente com essa representação da cidade – fotografias, em especial –, recebendo informações periódicas por meio das postagens, visualizando-as através de diferentes plataformas – computadores pessoais, *tablets* ou *smartphones* – e se relacionando através dos dispositivos oferecidos pela mídia social: Curtir, Compartilhar e Comentar. Neste contexto de comunicação mediada pelo computador, vamos nos fazer valer da visão de interação trazida por Alex Primo (2008, p. 13): “O posicionamento aqui adotado será de que tanto um clique em um ícone na interface quanto uma conversação na janela de comentários de um blog são interação. Portanto, é preciso diferenciá-las qualitativamente”. Quanto à sua diferenciação qualitativa, Primo vai destacar a “interação mútua” e a “interação reativa” e nestes casos podem ser observadas ainda subcategorias, como sistema, processo, fluxo, operação e outros. O Facebook oferece três dispositivos de interação, uns reativos (Curtir e Compartilhar) e outro de interação mútua (Comentar).

O elemento mais simples dentre esses recursos é o “Curtir”. Por meio desse “botão”, o usuário pode manifestar aos outros integrantes da mídia social que está acompanhando os conteúdos postados por determinado ator. Com um simples clique, os usuários podem mostrar que gostaram do elemento postado ou que estão acompanhando aquilo que é publicado na rede por determinada pessoa. O Curtir é o menor envolvimento dentro da rede, pois não há o esforço de formular uma frase ou argumentação dentro da página, por exemplo. Com esse tipo de envolvimento, o ator da rede não se expõe a possíveis discussões ou contra-argumentações em novos conteúdos produzidos na rede. O Curtir não necessariamente determina que aquela postagem represente efetivamente a sua opinião, pois ele apenas demonstra que está acompanhando as publicações daquele ator.

Já o dispositivo “Compartilhar” projeta a postagem na página/perfil do usuário que a compartilhou. Aqui sim, o significado desse elemento é manifestar que o ator comunga com a referida publicação, postada em texto, imagem ou vídeo. Essa ação estabelece um nível de opinião mais elevado entre os dois atores da rede, significando que suas afinidades são mais fortes e, logo, com interesses e visões de mundo semelhantes. O elemento que implica um envolvimento ainda maior na mídia social é a possibilidade de “Comentar”, pois requer do uso próprio da linguagem e expressão opinativa sobre os fatos, produzindo novos conteúdos e expondo-os na rede.

Por meio desses três dispositivos, a comunidade virtual pode estabelecer um debate sobre esta cidade, compartilhando conteúdos e tecendo opiniões, pontos de vista a respeito daquilo que foi apresentado por meio de fotografias e narrativas. Contudo, essa relação com a cidade *cyber* sempre estará relacionada com o "real" da vida nessa cidade. Esta "vida real" confronta-se com a "virtual", uma vez que a primeira diz respeito a todos os prazeres, desafios e, igualmente, dissabores da vida cotidiana. De outro lado, um imaginário que se estabelece a partir de uma construção coletiva por meio de experiências representadas naquelas imagens, somados a outros discursos de outras mídias que trabalham com a imagem. No olhar sobre a cidade, o trabalho dos fotógrafos consegue atingir um grande número de pessoas chamando a atenção para o patrimônio local, o que potencializa as maneiras de pensar o patrimônio. As fotografias colaboram e podem auxiliar no reconhecimento, valorização e preservação, ao despertar na comunidade local interesse pelo seu patrimônio histórico e cultural. De acordo com Sandra Pesavento, assumir a cidade como propriedade cultural partilhada demanda uma aprendizagem.

> Reconhecer uma história comum inscrita no espaço da cidade, entender, como sua uma memória social, saber ver no traçado das ruas e nos prédios e praças lugares, dotados de sentido, endossar um pertencimento, reconhecendo territórios e temporalidades urbanas, é tarefa que deve ser assumida pelas instâncias pelas quais se socializa uma atitude desejada, indo da mídia ao ensino, do governo à iniciativa privada. Isto implicaria em criar responsabilidades, em educar o olhar e as sensibilidades para saber ver e reconhecer a cidade como patrimônio herdado. (PESAVENTO, 2005, p. 16)

São as fotografias que tornam os conteúdos das mídias sociais tão destacados e é por meio delas que promovemos a educação do olhar (PESAVENTO, 2005), cujo resultado chancela a preservação de nossa memória coletiva. Isso tudo, não somente do ponto de vista estético ao visualizarmos a beleza da imagem sobre o Patrimônio Cultural da cidade, mas também pela possibilidade de identificarmos, por meio da fotografia, más práticas, as quais operam em forma de denúncia, pois "jornais e revistas operam com recortes seletivos de fragmentos de espaços da cidade, imagens com forte carga simbólica ao longo dos anos" (BUITONI, 2013, p. 113).

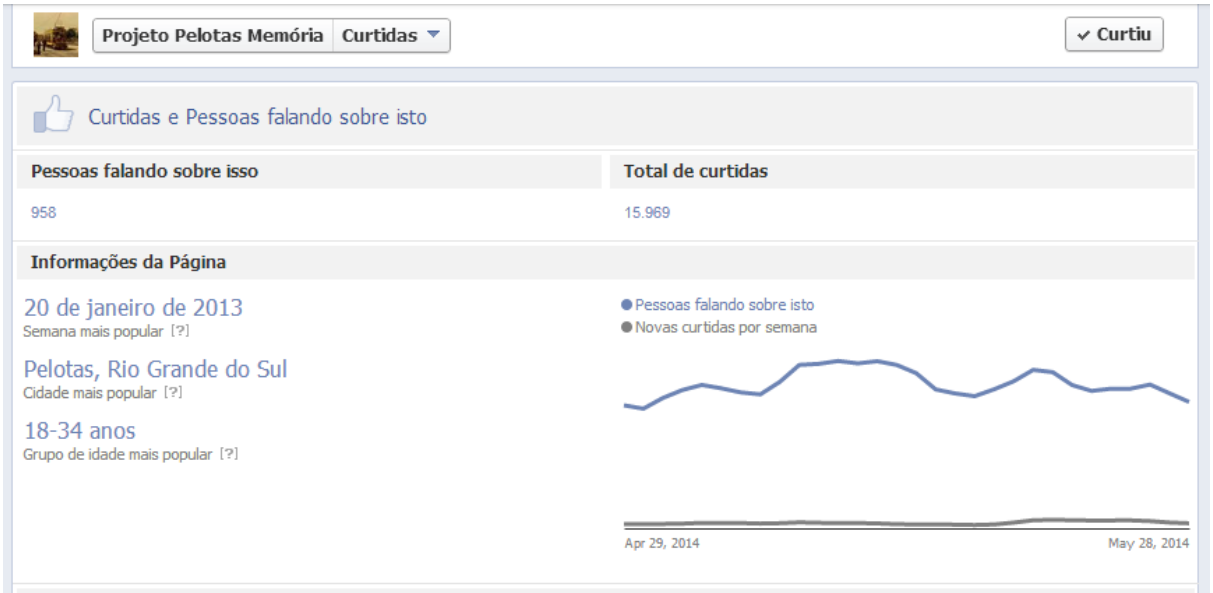


Figura 2 – Gráfico de "Curtidas" da *fanpage*[18]
Fonte – Facebook

A Figura 2 apresenta um gráfico que estratifica alguns dados do *site* de rede social, em especial aquilo que se refere à *fanpage* que está sendo estudada. Informações pontuais que demonstram um pouco do perfil dos atores que estão suscetíveis à ação simbólica das publicações contidas na mídia social, bem como as postagens que causaram mais impacto entre os membros da comunidade virtual. Com os dados da Figura 2 identificamos que a maioria dos atores dessa comunidade são originários da própria Cidade de Pelotas e que a faixa etária de maior expressão nessa *fanpage* está entre 18 e 34 anos. Embora seja essa a concentração de maior número de usuários de toda a rede Facebook, por meio desse dado podemos deduzir que ali estão os estudantes, em sua maioria do ensino superior, assim como um grupo de pessoas economicamente ativas. Esses integrantes, da faixa etária descrita, são oriundos de Pelotas (em sua maioria) e compõem o grupo de "moradores da cidade" que, conforme Déa Fenelon (1999), estabelece relações sociais que acabam definindo a paisagem urbana e criando referências culturais de forma que se possa perceber as imagens da cidade. Essas imagens estão "impregnadas de memórias e de significações que se constroem e se modificam pelas experiências e vivências sociais posteriores, exprimindo diferentes temporalidades" (p. 289).

[18] A imagem refere-se a um dos gráficos que podem ser extraídos do Facebook. A informação é pública e mostra curtidas, interação, evolução do mês e outros dados pertinentes à análise. O registro desse gráfico foi feito em 23 de maio de 2014, poucos dias antes de a empresa Facebook promover mudanças no sistema e na leitura de dados estatísticos das páginas.

Além do perfil dos atores que compõem a *fanpage*, a Figura 2 apresenta o dado da semana em que a página promoveu a sua marca histórica[19] com maior interação entre os integrantes da comunidade virtual, provocada pelos conteúdos postados.

De acordo com a pesquisa realizada, de todas as publicações feitas na *fanpage*, a que promoveu o maior número de interações foi publicada no dia 21 de janeiro de 2013, conforme a Figura 3, conquistando uma marca de 1.097 Curtidas, 1.667 Compartilhamentos e o expressivo número de 247 Comentários.

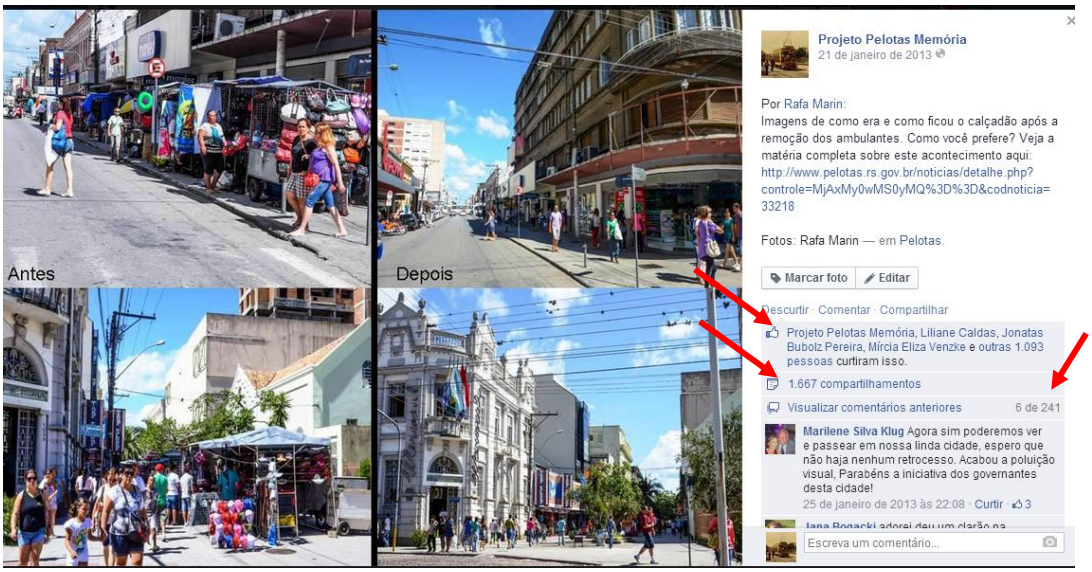


Figura 3 – Montagem de fotografias mostrando dois pontos do centro de Pelotas antes e depois da presença de vendedores ambulantes
Fonte – Postagem da *fanpage* do Projeto Pelotas Memória

A imagem mistura o ponto de maior circulação de pessoas da cidade, em meio ao Calçadão da Rua Andrade Neves. Nele se encontra o grande centro comercial a céu aberto da cidade, em meio a prédios inventariados que integram o Patrimônio Cultural. A referida postagem representa a ação política de retirada dos vendedores ambulantes da área central, o que dividiu opiniões de quem integra a rede social: alguns manifestando o quanto foi positiva a retomada do espaço público para a circulação dos pedestres e a contemplação da paisagem central; outros, em contraponto, defendiam que a atividade do vendedor ambulante deveria permanecer no centro, também com um apelo para que não o impedissem de trabalhar. A forma

[19] De acordo com as métricas do Facebook, a “semana” de maior popularidade é promovida por conteúdos postados próximos à data referida no quadro, sempre concentrando um domingo como centro da informação divulgada. Neste caso, a data específica foi o dia 20 de janeiro de 2013.

de apropriação aparece como legítima, pois, como destaca Lefebvre (apud DOSSE, 2004), o urbano pode ser definido como um lugar da expressão de conflitos. Além do número expressivo de Curtidas e Compartilhamentos, chama a atenção o grande número de Comentários sobre a imagem, uma vez que o Comentário é responsável pelo maior nível de interação e envolvimento com o conteúdo publicado.

A temática mostrou-se relevante para a comunidade virtual, que se apropriou da mídia social como ferramenta para manifestar-se e opinou sobre o ambiente como espaço de circulação e convívio na cidade e, da mesma forma, quanto ao Patrimônio Cultural, ao identificarem os usuários que a presença de ambulantes naquele local prejudicava a paisagem urbana. A imagem, aliada com a interação dos atores da mídia social, permitiu que a temática fosse vista e revista não só por aqueles que integram a comunidade virtual ligada à *fanpage* do Pelotas Memória, mas, também, com visualizações que extrapolaram a comunidade vinculada à *fanpage*, compondo, assim, uma projeção de informação tanto de forma orgânica (alcance referente apenas a membros da *fanpage*), quanto virais[20] (quando remete à publicação para outras comunidades virtuais participantes do *site* de rede social na internet).

2.3. *Fanpage* Pelotas Memória X Nossa Porto Alegre

Para este trabalho, também se fez relevante o estudo comparativo com outras *fanpages* cujas práticas seriam semelhantes à tratada pelo Pelotas Memória no Facebook. A comparação foi feita com a *fanpage* Nossa Porto Alegre, que trabalha temas relacionados à cidade capital do Estado do Rio Grande do Sul.

Com base nas Figuras 4 e 5 podemos analisar de forma objetiva essa relação entre a *fanpage* do Projeto Pelotas Memória e a *fanpage* Nossa Porto Alegre,[21] por ambas trazerem características semelhantes quanto ao período de criação e à natureza das postagens. A Cidade de Porto Alegre existe há mais tempo, é Capital de Estado e tem hoje uma população de mais de 1,4 milhão de habitantes.

[20] As postagens feitas no Facebook podem ter diferentes alcances: orgânicos, pagos e virais. Os alcances orgânicos são os conteúdos que aparecem diretamente nas *timelines* (Linhas do Tempo) dos seguidores e amigos daquele que postou o conteúdo. A postagem torna-se viral quando o conteúdo começa a ser compartilhado e comentado em outras redes sociais, que em um primeiro nível não estavam vinculados àquela comunidade.

[21] A *fanpage* Nossa Porto Alegre pode ser visualizada no endereço eletrônico <https://www.facebook.com/pages/Nossa-Porto-Alegre/218265241634401> (acesso em 21 jun.2014).

Com praticamente o mesmo tempo de existência, separados por apenas sete meses – *fanpage* criada em agosto de 2012 (Figura 5) – a *fanpage* da capital gaúcha possui pouco mais de 3,4 mil seguidores, cerca de ¼ dos seguidores do Pelotas Memória.

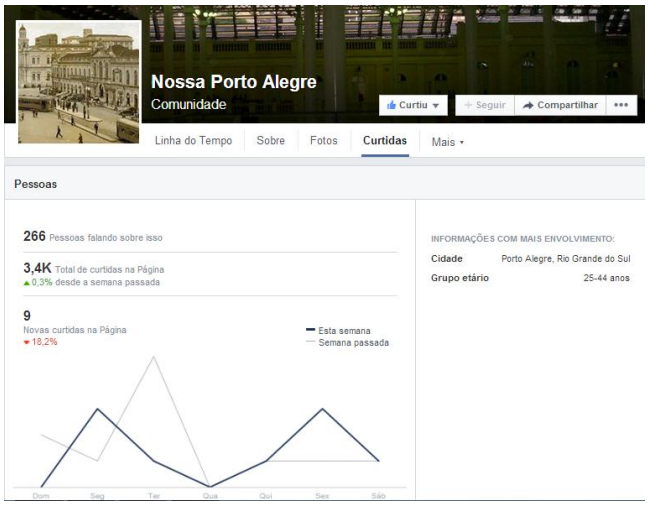


Figura 4 – Recorte de Curtidas da *fanpage* Nossa Porto Alegre
Fonte – Postagem da *fanpage* Nossa Porto Alegre

Figura 5 – Recorte da *fanpage* Nossa Porto Alegre que informa a data de ingresso no Facebook
Fonte – Postagem da *fanpage* Nossa Porto Alegre

Mesmo com todos esses atributos que poderiam gerar um maior número de engajamento com a cidade, sua memória e seu patrimônio, a *fanpage* da capital gaúcha tem um número relativamente pequeno de seguidores, o que faz com que os conteúdos postados naquela comunidade virtual possuam uma visualização menor que aquelas postadas em outras *fanpages*, cujo número de seguidores é maior, como o caso do Projeto Pelotas Memória.

O olhar comparativo e a relação destacada de uma cidade do interior do Estado pode ser observada também em outros documentos e em outras temporalidades, como, por exemplo, no texto de apresentação do segundo volume do Almanaque do Bicentenário de Pelotas, em que o professor Luis Rubira (2014) – organizador e articulista do Almanaque – refere-se a um livro de 1916, editado em Barcelona, cujo título era “O Estado do Rio Grande do Sul”, de Monte Domecq. A

obra buscava apresentar um dos estados brasileiros que, na visão do autor, tinham pouca visibilidade, em comparação com outras localidades do Brasil. Seu desejo era apresentar as potencialidades deste “desconhecido” local.

Rubira destaca que, nas descrições do autor, a primeira cidade mencionada na obra é a capital, Porto Alegre, à qual ele destina um total de 87 páginas com descrição dos potenciais da cidade. A segunda cidade mencionada, primeira do interior do estado, foi Pelotas, a qual teve conteúdos explanados em 127 páginas, que descrevia a opulência da cidade e seu potencial econômico e cultural. Na sequência, a cidade do interior apresentada foi aquela que deu origem à Freguesia de São Francisco de Paula – primeiro nome histórico de Pelotas –, que é a Cidade de Rio Grande, cidade portuária à qual o referido estudo dedicou 70 páginas.

> No capítulo reservado para a apresentação de Pelotas, as imagens que surgem na página inicial mostram o prefeito de Pelotas e a fotografia de um grupo de “interessantes jogadoras de Tênis”. Na página seguinte, Domecq aporta o retrato de um médico da cidade e outro do “ilustre pintor pelotense, Sr. Leopoldo Gotuzzo, autor de vários quadros de indiscutível valor”, bem como outras cinco fotografias que possuem como tema os diretores ou redatores dos principais jornais da cidade. Uma destas fotos, aliás, é a do “pessoal da redação do Correio Mercantil” - aquela em que João Simões Lopes Neto aparece para nós em um de seus últimos registros fotográficos (RUBIRA, 2014, p. 18).

O comparativo entre as *fanpages* e a descrição de cidades do Rio Grande do Sul em documento no início do século XX destacam parte dessa singularidade de Pelotas. A partir dessa relação das pessoas com a cidade e, em especial, com os aspectos que enaltecem parte da memória de Pelotas, poderemos identificar as apropriações que essa comunidade faz das mídias sociais ao perceber o patrimônio cultural por ela representado.

2.4 Análises da representação da cidade descrita pela *fanpage* Projeto Pelotas Memória

Conforme foi apresentado no capítulo introdutório desta pesquisa, a metodologia e os critérios de análise foram estabelecidos com o propósito de criar uma tabela com informações para o estudo. Assim, as imagens que integraram esse quadro foram aquelas mais comentadas de cada um dos álbuns da *fanpage* Projeto

Pelotas Memória. Dentre os conteúdos presentes – conforme Apêndice A – estão informações de natureza do patrimônio, da imagem e da narrativa do contexto. Ainda, os elementos que trouxeram mais informações referentes à contribuição de um olhar sobre memória foram os Comentários dos integrantes da comunidade virtual. As análises foram realizadas com base na relação entre todos esses elementos. A maior parte da tabela foi destinada às naturezas dos Comentários, que foram classificados em nove categorias, as quais representaram a seguinte sequência: 1) Política; 2) Adjetivos; 3) Memórias de afeto; 4) Devir; 5) Informações novas; 6) Questionamentos e diálogos (citações e menções); 7) Constatações e respostas; 8) Cinismo e ironia; e 9) Olhar sobre a imagem.

Com base na observação do Apêndice A, foram descritas, na sequência deste texto, análises referentes às interações na mídia social, fazendo relação com a bibliografia apresentada, buscando construir dados e referências para a discussão sobre a Memória Social e o Patrimônio Cultural na Cibercultura.

Nessa relação, conseguimos identificar algumas informações que contribuíram para os objetivos desta pesquisa. Inicialmente, foram apresentados alguns dados compilados de cada uma das categorias e classificações propostas, e, na sequência, a apresentação de análises de algumas imagens que reuniram um maior número de variáveis e que puderam contribuir mais significativamente para as discussões acerca do tema.

Primeiramente, é importante destacar que, dentre as 108 pastas observadas, quatro delas não foram enquadradas nos critérios de pesquisa, uma vez que nenhuma das fotografias ou ilustrações expostas nesses álbuns apresentava Comentários. As pastas que não integram a tabela são: Histórico Administrativo da Cidade de Pelotas; Especial Fonte das Nereidas; Noite Pelotense – Por Leonardo Tajes Ferreira; e Pelotas Hoje – Por Yago Farias.

2.4.1 Natureza da Imagem

Dentre os álbuns que apresentaram imagens com Comentários, podemos destacar alguns dados referentes à natureza da imagem. Conforme os critérios propostos pelo Apêndice A, seis imagens que integram o recorte são consideradas ilustrações (montagem de fotografias ou reprodução de documentos históricos). 21 delas estão caracterizadas como fotografias antigas. E o número mais expressivo de

imagens que integram a tabela são as fotografias atuais, em um total de 77 imagens. Embora o projeto da *fanpage* tenha iniciado apenas com imagens antigas, foi a presença de imagens atuais da cidade que potencializou a ação da página. Este ponto pode ser visto também na fala do administrador da *fanpage*, na entrevista para esta pesquisa, conforme o trecho seguinte:

> Em 2011, Gustavo Mansur, Alexandre Neutzling e eu tivemos a iniciativa de produzir uma página no Facebook onde, através da fotografia de diversos autores independentes, se tivesse como temática "Pelotas e seu cotidiano", dando margem para uma ampla abrangência de temas e épocas (FERREIRA, 2015).

Foi essa abertura que permitiu o cadastro de 41 fotógrafos colaboradores, responsáveis pelas imagens que são postadas na página.

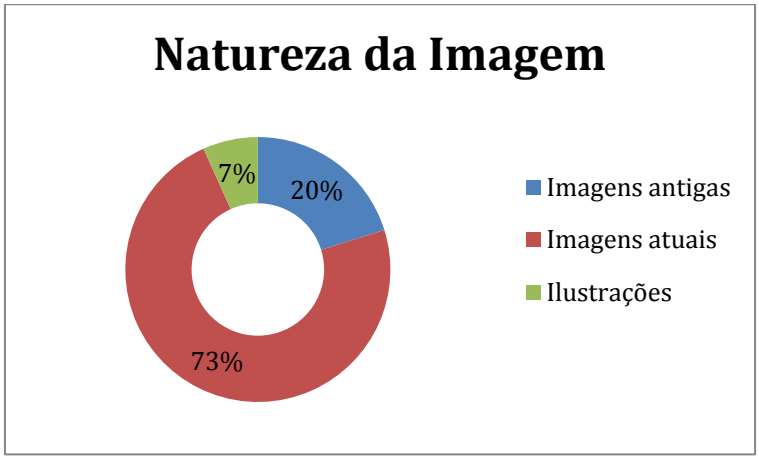


Gráfico 1 – Natureza da Imagem.

2.4.2 Natureza do Patrimônio

Ao olharmos para a classificação que chamamos de "natureza do patrimônio" importa-nos destacar que nem todas as expressões representadas ali pelas fotografias são formalmente consideradas como Patrimônio Cultural. [22] Efetivamente, podemos dizer que das imagens que foram trazidas como patrimônio

[22] Embora o Capítulo 4 trate de forma mais ampla os conceitos de patrimônio, é importante estabelecermos as referências sobre o tema, baseado em alguns autores, como Fonseca (2005), Poulot (2008) e Funari e Pelegrini (2009). O primeiro elemento é a referência de herança – *patri* (pai) e *monium* (recebido). Essa relação também está relacionada a valor simbólico, como a expressão de Poulot e de Funari. Patrimônios ambiental, histórico e artístico também estariam contemplados pela expressão "patrimônio cultural".

natural/ambiental e patrimônio imaterial,[23] nenhuma integra listagens dos órgãos reguladores do patrimônio brasileiro, como aquilo que podemos chamar de "patrimônio por decreto".

No entanto, são representativos para a sua comunidade e são destacados pelo seu poder evocador de memória. Da mesma forma, em relação às representações do patrimônio material, nem todas integram a listagem do Patrimônio Cultural municipal, estadual ou federal – conforme Anexo B. No entanto, neste momento, a proposta dessa classificação foi de entendimento do patrimônio como processo identitário, não necessariamente como elemento preservado pelo Estado, mas os espaços/lugares, imóveis, móveis ou fazeres que compõem a identidade do grupo.

Dentro da classificação objetiva e proposta pelos critérios da pesquisa, os números mais expressivos foram do patrimônio material, em especial o patrimônio arquitetônico edificado na cidade, com mais de 50% das representações fotográficas, um total de 56 imagens. Isto mostrou que efetivamente esses prédios fazem parte da vida da cidade, pois, representados por profissionais e amadores da fotografia, trazem a materialização do que podemos chamar de memória coletiva da cidade.

Como diz Halbwachs (1990, p. 25): "É porque concordam no essencial, apesar de algumas divergências, que podemos reconstruir um conjunto de lembranças de modo a reconhecê-lo". Os prédios representados têm-se mantido no imaginário da comunidade, seja por meio da paisagem do centro da cidade, pelo reforço de sua exposição na mídia ou mesmo pelas políticas do Patrimônio Cultural.

Na sequência, as imagens representaram de forma mais expressiva o patrimônio natural/ambiental, em um total de 25 imagens. O patrimônio imaterial ficou representado em três imagens – duas serão apresentadas adiante.

[23] O patrimônio imaterial foi instituído na Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial da UNESCO em 17 de outubro 2003, ocorrida em Paris. É o principal documento que amplia a visão do patrimônio. Essa ampliação é destacada por Funari: "Esse movimento de valorização das culturas, iniciado com os aspectos materiais, em geral produzido pelas elites, passou aos poucos a se expandir para as manifestações intangíveis e dos grupos sociais em geral, não apenas pelos dominantes" (FUNARI; PELEGRINI, 2009, p. 29).

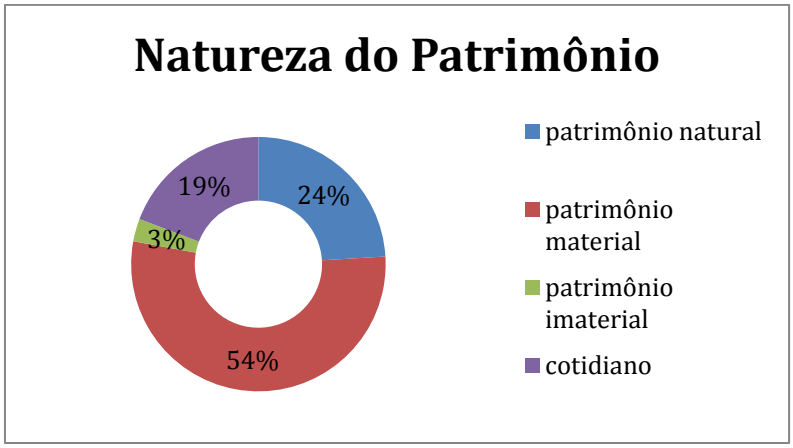


Gráfico 2 – Natureza do Patrimônio

As demais imagens, em um total de 20, foram representações do cotidiano – que não são consideradas como Patrimônio Cultural em si, mas estão relacionadas com as práticas dos sujeitos na cidade, suas apropriações dos espaços e os usos dos lugares – que se relacionam com a cidade e a cultura exposta no dia-a-dia da população, como imagens de pessoas circulando pelas ruas, grupos reunidos etc.

Figura 6 – Carnaval da Quinze de Novembro
Fonte – Postagem da *fanpage* do Projeto Pelotas Memória

Figura 7 – Devoção popular a Nossa Senhora
Fonte – Postagem da *fanpage* do Projeto Pelotas Memória

Quanto às referências do que podemos chamar de patrimônio imaterial – Figuras 6 e 7 – duas imagens apresentaram-se como bastante significativas para a comunidade pelotense: os antigos carnavais da Rua Quinze de Novembro e a

devoção popular a Nossa Senhora – dois destaques da memória e da cultura da cidade, percebido pelas mídias sociais.

O Carnaval, que, muito mais que uma festa, deve ser considerado uma data, é sempre realizado no período determinado de 40 dias antes da Páscoa. Vários nomes intitulavam essas festividades ocorridas nesses dias. O que podemos dizer é que, no século XIX, teve início o que foi chamado de “entrudo”, como uma comemoração nas datas em que se realizava o Carnaval. Mas os registros daquilo que mais se assemelha ao Carnaval que conhecemos ou que está registrado em muitas memórias foi o que teve início no ano de 1870, com registros de entidades como Jockey e Caritativo (BARRETO, 2014).

Naquele momento, os Carnavais começaram a ser vistos com um formato importado dos grandes centros culturais (Paris, Nice, Roma, Veneza), com desfile de carros alegóricos e bailes de máscaras. “Reputamos a década de 1910 como o apogeu dos préstitos (nome dado às festividades carnavalescas naquela época) pelotenses, o que foi construído graças à rivalidade de duas entidades: Diamantinos e Brilhante” (BARRETO, 2014, p. 315). A tal rivalidade gerou um período longo de desfiles ininterruptos, estabelecendo uma atração de alto padrão para o cenário pelotense.

A grande festividade se realizava em meio às ruas centrais de Pelotas, como Quinze de Novembro e General Neto, e no entorno da Praça Coronel Pedro Osório. A tradição do Carnaval em pleno centro da cidade perdurou desde os seus primórdios até os anos de 1990.

> “Independentemente das razões que motivaram tal mudança, o fato é que a perda de um espaço específico, intimamente vinculado à vida cotidiana de Pelotas, demarcou uma ruptura significativa da cidade com a sua folia, cujos resultados se fazem sentir desde então. Sabe-se que o espaço por si só não constitui a festa, logo não era somente a rua Quinze que moldava a folia, mas o abandono desse espaço revela algo mais profundo. A mensagem foi de que o carnaval não era (mais) da cidade, e sim dos foliões, uma pequena parcela da população cujo gosto pela festa os separa de todos os demais. Como tal, devem ficar reservados em um determinado espaço, preferencialmente, o mais longe possível dos demais” (BARRETO, 2014, p. 311).

Perdem-se laços visuais, perde-se em familiaridade local, perde-se identidade, perde-se memória. Seguindo as palavras de Mario Osorio Magalhães

(2000, p. 74), “o carnaval da Quinze desapareceu para sempre, ainda que teime em ficar presente na memória”.

A religiosidade da fé Católica pode ser percebida na Cidade de Pelotas ao identificar o primeiro nome da Freguesia com nome de santo: São Francisco de Paula – isso antes de ser elevada à condição de Cidade. Essa tradição, para além do padroeiro, assumiu devoções marianas. Um dos destaques da reverência a Nossa Senhora ficou por conta da Virgem dos Navegantes. A cidade é banhada pela Lagoa dos Patos (Laguna) e tem uma colônia de pescadores – Z3 – situada às suas margens, localizada a 25 quilômetros do centro da cidade. Da mesma forma, a religiosidade com influências africanas também esteve presente nesse cenário banhado pela Lagoa, com a festa de Iemanjá. A tradição da procissão e comemorações de Nossa Senhora dos Navegantes teve início em 1932, proposta e realizada pela Paróquia Sagrado Coração de Jesus, situada na zona portuária de Pelotas. Conforme Farinha, Michel e Carle (2011), no ano de 1960 as comemorações passaram a ser realizadas na própria Colônia de Pescadores Z3. Imagina-se que, pelo fato de vários participantes serem oriundos daquela região e virem de barco até a zona portuária para a procissão lacustre, é que foi tomada a decisão de que a celebração fosse realizada na Colônia de Pescadores. O atual Santuário de Nossa Senhora dos Navegantes foi construído com a oferta dos pescadores, que a cada safra separavam recursos para esse destino. Toda essa movimentação em torno da Virgem veio em tempos de dificuldades, cujo recurso eram orações à Nossa Senhora dos Navegantes, tida como protetora dos pescadores e daqueles que traziam seu sustento das águas. “A Santa protegia os pescadores das tempestades e perigos que o mar, as lagoas e os rios ofereciam. Pediam à Santa proteção, para retornarem aos seus lares e suas famílias em segurança, terem saúde e uma boa safra” (FARINHA; MICHEL; CARLE, 2011, p. 181).

Também o fato de a cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, celebrar a festa de Navegantes como a maior festa de devoção popular do Estado, pode ter contribuído para essa tradição tornar-se ainda mais forte em Pelotas. A mesma Lagoa dos Patos banha a capital gaúcha, que, atualmente, reúne cerca de um milhão de peregrinos cada dia 2 de fevereiro (FARINHA; MICHEL; CARLE, 2011).

É essa mesma Lagoa dos Patos, palco para uma das grandes manifestações religiosas da Cidade de Pelotas, que está entre as imagens mais

recorrentes dentre as fotografias pesquisadas. Em suas diversas representações, do nascer do sol às noites estreladas, do Trapiche do Valverde à Colônia de Pescadores Z3, a maior lagoa do Brasil tem uma presença de 19 representações em meio ao recorte da pesquisa – algumas estão representadas na Figura 8.

Ainda que a praia esteja com pontos impróprios para banho já há alguns anos, aquele lugar tem representado um espaço de apropriação da comunidade pelotense por meio da mídia social. A grande apropriação de postagens que apresentaram a Lagoa dos Patos também foi confirmada pela entrevista do administrador da *fanpage*:

> A Praia do Laranjal - todas as fotos que envolvem principalmente o Balneário Valverde - recebem um grande número de Curtidas e Comentários. Muitos falam das condições impróprias para banho e da sujeira, mas a grande maioria elogia as belezas naturais e recorda antigas histórias no local (FERREIRA, 2015).

Figura 8 – Imagens da Lagoa dos Patos
Fonte – Montagem feita com algumas imagens da Lagoa dos Patos postadas na *fanpage* do Projeto Pelotas Memória.

No centro da cidade, a imagem mais recorrente foi a da Praça Coronel Pedro Osório. Nestas imagens (Figura 8) ficaram evidenciados símbolos do patrimônio material de Pelotas: a Praça em si, constituída como Paisagem Cultural, juntamente ao seu principal monumento ao centro – a Fonte das Nereidas – e seu entorno.

Por meio da observação, a Praça se mostrou destacada nas imagens do patrimônio de Pelotas, pois está localizada no coração do Centro Histórico e tem ao seu entorno grande parte dos prédios tombados e inventariados de Pelotas, com edificações de grande valor arquitetônico, construídos entre os anos de 1870 e 1930. A Praça, durante sua história, já sustentou diversos nomes, como Regeneração, Dom Pedro II, República (inclusive em uma das imagens consta a nomeação de “Praça da República”) até receber e manter o nome atual. A fonte em seu centro – juntamente com a importação de outros chafarizes – foi símbolo de modernidade, permitindo a autonomia dos serviços de abastecimento de água, por meio da Companhia Hidráulica Pelotense. O monumento foi instalado na Praça no ano de 1875 (MAGALHÃES, 2000). Além disso, o espaço acolhe outros monumentos da cidade, com obras do escultor pelotense Antônio Caringi – como o monumento ao Coronel Pedro Osório e o monumento à Mãe Pelotense –, um Relógio Solar e obras de outros artistas.

Figura 9 – Imagens da Praça Coronel Pedro Osório
Fonte – Montagem feita com algumas imagens da Praça Coronel Pedro Osório postadas na *fanpage* do Projeto Pelotas Memória

A presença no recorte da pesquisa se destaca em Comentários nas fotografias no álbum, não apenas por suas referências históricas, mas por tudo aquilo que o espaço se tornou, representou e representa até hoje. De fato, a Praça marca o centro da cidade. É a seu redor que se encontram o Paço Municipal, algumas das secretarias de governo, prédios pertencentes à UFPel – como o curso

de Hotelaria no prédio do Grande Hotel –, e outros espaços destinados à valorização da cultura local, como é o caso do Casarão 8, que abriga o Museu do Doce, também mantido pela UFPel, o Casarão 6 – futuro Museu da Cidade –, o Casarão 2, com a SECULT, além de integrar parte do centro comercial da cidade. Por fazer parte desse ponto de convergência da cidade, a Praça é elemento do cotidiano no centro de Pelotas. Aliado a isso, ainda estão os grandes eventos que eram e são realizados em seu entorno e em seu interior. A memória dos grandes carnavais da Rua Quinze de Novembro contemplam, em seu imaginário, boa parte da paisagem da Praça – uma vez que a Rua Quinze é um de seus entroncamentos (BARRETO, 2014). Atualmente, outros eventos tradicionais têm sido realizados no interior da própria Praça, como é o caso da Feira do Livro de Pelotas e, mais recentemente, as atrações alusivas às comemorações de Natal.

Como destaque da relação atual da Praça Coronel Pedro Osório com a comunidade e o tema da cultura, ficamos com a observação sobre a realização da Feira do Livro, que desde 1960 ocorre neste logradouro. Conforme edição do Diário Popular de 26 de novembro de 1960, a Feira do Livro em Pelotas foi a primeira feira dessa natureza realizada em cidade do interior, em todo o país.[24] Atualmente, o evento é promovido pela Câmara Pelotense do Livro em parceria com a SECULT.

No ano de 2013, uma crise entre livreiros, comunidade e poder público se estabeleceu ao ser retirada a realização da Feira do interior da Praça. Uma proposta da Prefeitura Municipal levou o evento para o interior do Mercado Central, recentemente restaurado e reformado, mas com suas lojas ainda com pouco funcionamento, por isso, permitindo espaço para a acomodação dos livreiros e circulação de visitantes, uma vez que havia o veto da presença da Feira na Praça, com a alegação de que a montagem da estrutura do evento poderia causar danos ao patrimônio público. Conforme as reportagens do Diário Popular, a proposta não foi bem aceita tanto por aqueles que buscavam o olhar comercial, quanto pela comunidade que costumava visitar a Feira. A confirmação dessa rejeição do proposto foi o público ter caído pela metade e as vendas com redução de 20% a 30% (QUEIJO, 2013). O descontentamento, por parte da comunidade, pela realização do evento no Mercado Central, também constou na reportagem do jornal citado. Expressões como: “Na Praça era mais interessante” (visitante); ambiente

[24] O recorte da notícia do Diário Popular de 26 de novembro de 1960 foi reproduzido pelo blog da 40ª Feira do Livro de Pelotas (SCHWONKE, 2012).

classificado como “claustrofóbico” (livreiro); “liberdade de espaço é o que caracterizava a Feira” (visitante); foram utilizadas para definir o sentimento da comunidade com a não-realização do evento na Praça. No ano de 2014, a Praça voltou a acolher a Feira do Livro.

A relação que originou esse conflito em 2013 pode ser observada segundo Tuan (1983, p. 151) ao definir que o espaço só se torna lugar quando existe familiaridade: “O espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado”. A relação com o lugar – familiar e com significado, conforme Tuan – fica também evidente quando estabelecemos a comparação com o Carnaval de Pelotas, ao ser retirado do centro da cidade, pela percepção equivocada de que o evento não era da cidade, mas de algumas pessoas e, com o tempo, resumindo-se a uma atividade de um pequeno grupo e desprestigiada por outro, fazendo brotar o sentimento saudosista de um tempo distinto do que se tem hoje (BARRETO, 2014). Parece que o mesmo sentimento ocorreu no caso da Feira do Livro, no qual houve a retirada dos elementos simbólicos do público, dando uma possibilidade de perda de sentimento de pertença, por uma determinação do poder público – uma tradição de 42 edições podendo ser descaracterizada pelo fato de a comunidade perceber que a “nova” Feira do Livro era da Prefeitura e não da comunidade pelotense.

2.4.3 Interação com a *fanpage* Projeto Pelotas Memória

Além dos elementos de classificação da imagem contidos no Apêndice A, já citados neste trabalho, se faz necessária a observação dos indicadores que sinalizam o resultado da interação na mídia social, por meio dos dispositivos Curtir, Compartilhar e Comentar. Esses três mecanismos de interação disponibilizados pelo Facebook estabelecem formas de relação entre os atores da mídia social, demonstrando os laços fortes ou fracos entre eles (RECUERO, 2009). Os *sites* de redes sociais fixam os laços entre as pessoas, não necessitando que exista uma energia despendida ou um investimento para mantê-lo. Basta um “aceitar” que, enquanto esse elo não for quebrado pelo dispositivo “bloquear”, esse laço permanecerá. A relação de laços fortes ou fracos se estabelece de acordo com o nível de interação que existe entre os atores: quanto maior a interação (Curtir, Comentar ou Compartilhar publicações), mais fortes os laços. São os laços fortes que tomam uma maior relevância em sua rede social.

Tabela 4 – Extrato das informações do Apêndice A

Categorias e critérios do Apêndice A	Totais
Nº de álbuns com texto de apresentação	20
Nº de imagens antigas	21
Nº de imagens atuais	77
Nº de ilustrações	6
Nº de imagens identificadas como patrimônio natural	25
Nº de imagens identificadas como patrimônio material	56
Nº de imagens identificadas como patrimônio imaterial	3
Nº de imagens identificadas como cenas do cotidiano	20
Nº de Curtidas	7.771
Nº de Compartilhamentos	10.473
Nº de Comentários	1.086
Nº de pastas não analisadas por falta de Comentários	4

A Tabela 4 é um compilado de informações retiradas do Apêndice A. Por meio dela, podemos observar que os conteúdos da *fanpage* são mais "Compartilhados" que "Curtidos". De forma bastante objetiva, tivemos duas leituras a respeito do conteúdo: uma foi que, pelo fato de não se tratar do perfil pessoal e sim de uma *fanpage,* não há necessidade de manifestar um laço forte com a página, que nesse caso não está pessoalizada, configurando-se mais como institucional que propriamente uma relação de laços sociais que se deseja manter fortes e buscando cooperação na comunidade virtual. O fato de visualizarmos um maior número de Compartilhamentos pode estar na relação de apropriação das imagens e manifestação expressa de que os atores compartilham daquela opinião e daquela memória, e de que aquele patrimônio o representa de alguma forma. Podemos entender também esse Compartilhamento como uma forma de "guarda" daquelas imagens, uma vez que, a partir daquele momento, a fotografia – no caso dos Compartilhamentos das imagens da *fanpage* Projeto Pelotas Memória – passa a integrar também o "arquivo pessoal" de fotografias na página/perfil do ator na mídia social. Por meio desse Compartilhamento e de guarda pessoal da imagem, podemos compreender de forma bastante elementar a expressão de Walter Benjamin (1987, p. 170) quando se refere a que "cada dia fica mais irresistível a necessidade de possuir o objeto, de tão perto quanto possível, na imagem, ou antes, na sua cópia, na sua reprodução".

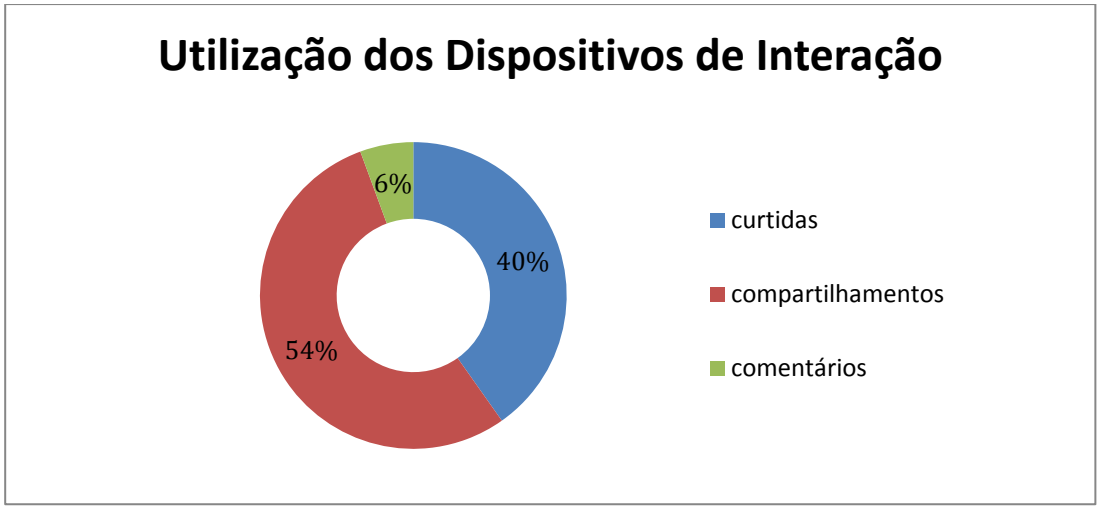


Gráfico 3 – Utilização dos dispositivos de interação

O elemento que requer um maior envolvimento do ator da rede é a possibilidade de “Comentar”. Por meio deste dispositivo, as postagens podem ser referenciadas ou questionadas. A ferramenta Comentar permite debate, elemento chave da Web 2.0, concretizando assim o *feedback*. É no Comentário que o ator contribui para o diálogo na rede, construindo, desconstruindo ou reconstruindo opiniões, narrativas e, por que não dizer, memórias. Uma construção coletiva que permite posicionamentos mediante diferentes prismas, com manifestações de atores que não estão em uma mesma comunidade, próximos geograficamente, comungando da mesma ideologia etc.

Também coube à observação deste trabalho a análise dos Comentários da *fanpage*, buscando identificar os elementos presentes nos discursos dos usuários da rede e, por meio dessas leituras, estabelecer uma relação da memória no Ciberespaço. Nesse caso, nossos elementos de pesquisa tornaram-se mais abrangentes, por se tratarem dos Comentários em expressões livres de cada um dos atores, seguidores da *fanpage*. A forma com que os usuários se posicionam em seus Comentários e qual a sua relação com a imagem postada nos trouxeram elementos que demonstraram a relação do espaço virtual, em especial as mídias sociais, como Sociotransmissores,[25] ao auxiliarem na reconstrução e atualização das memórias.

[25] Sociotransmissores são os elementos das nossas relações e de nossa cultura que funcionam como elementos de conexões em nossa memória. A palavra seria uma espécie de neologismo relacionado aos neurotransmissores – expressão utilizada pela medicina e as neurociências –, cuja função é a

Tabela 5 – Número de Comentários em cada categoria de análise

	Número de Comentários em cada categoria	Totais
1	Política	64
2	Adjetivos ou expressões de prazer	230
3	Memórias de afeto	107
4	Devir	14
5	Informações novas	73
6	Questionamentos e diálogos (citações e menções)	145
7	Constatações e respostas	308
8	Cinismo e ironia	116
9	Olhar sobre a imagem	29

A Tabela 5 apresenta o compilado de dados referentes às postagens selecionadas e classificadas de acordo com o conteúdo ali exposto. Com base em algumas postagens pudemos ter exemplos de Comentários que contribuíram para a discussão do tema da pesquisa, e outros, nem tanto.

Um primeiro elemento observado, intitulado como Classificação Nº 1, foi o tipo de Comentários que englobamos como **Política**. Nestes Comentários, observamos críticas à gestão pública e a discussão sobre o patrimônio ficou bastante evidente, principalmente no descuido com o patrimônio edificado ou com as belezas naturais da cidade, tanto no âmbito público quanto no privado.

A referência que balizou esta classificação foi Levy (1999), que, na obra "Cibercultura", dedicou um capítulo ao tema: "O ciberespaço, a cidade e a democracia eletrônica". Neste capítulo, o autor chama a atenção para as potencialidades do Ciberespaço com o propósito de encorajar novas formas de reconstituição de laços sociais, desburocratização das administrações públicas, fazer uso do tempo real para a otimização dos recursos e equipamentos da cidade e experimentar novas práticas democráticas.

> A verdadeira democracia eletrônica consiste em encorajar, tanto quanto possível – graças às possibilidades de comunicação interativa e coletiva oferecidas pelo ciberespaço –, a expressão e a elaboração dos problemas da cidade pelos próprios cidadãos, a

transmissão da informação (aminoácidos e seus derivados) de um neurônio a outro, nas vias cerebrais. "Chamo sociotransmissores todas as produções e comportamentos humanos que estabelecem uma cadeia causal cognitiva social ou cultural entre pelo menos duas mentes-cérebros" (CANDAU, 2009, p. 8).

> auto-organização das comunidades locais, a participação das deliberações por parte dos grupos diretamente afetados pelas decisões, a transparência das políticas públicas e sua avaliação pelos cidadãos (LEVY, 1999, p. 190).

Não objetivamos aqui buscar uma reflexão sobre este ponto, mas as mídias sociais também podem ser um lugar oportuno para as críticas e para os movimentos que impulsionam mudança e transformação social. Em alguns momentos, no espaço da *fanpage* do Projeto Pelotas Memória, os usuários da mídia social acabam se apropriando da ferramenta para protestar e manifestar críticas à gestão pública ou às irregularidades cometidas pela iniciativa privada.

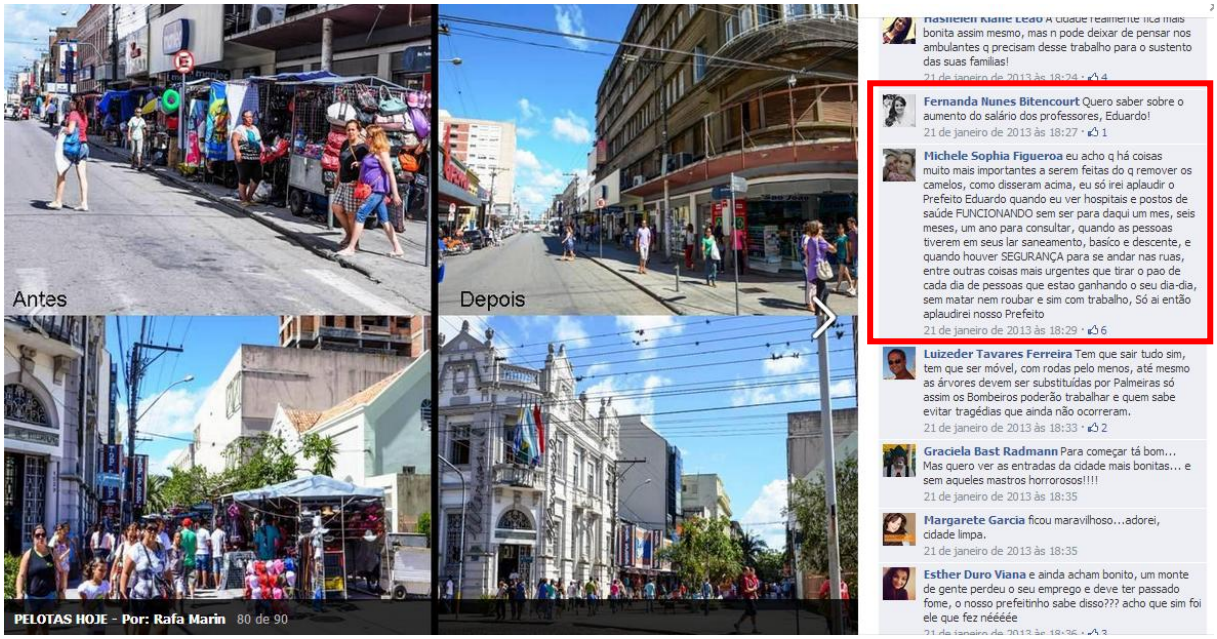


Figura 10 – Ilustração de comentários na categoria “Política”
Fonte – Postagem da *fanpage* do Projeto Pelotas Memória

A Figura 10 é a postagem mais comentada da *fanpage*. Ela apresenta uma montagem do antes e do depois da presença dos vendedores ambulantes. Nesse caso, podemos utilizar exemplos de Comentários categorizados como “Política” que contemplam manifestações pró e contra a ação do gestor público. A grande maioria dos Comentários apresenta manifestações de apoio à ação, pois ampliou o espaço de circulação do centro da cidade. No entanto, Comentários como “a prioridade seriam ações em prol da segurança e educação” também estão presentes dentre as manifestações. O exemplo abaixo expressa bem essa categoria presente na mídia social. A representação da “Política” no recorte total da pesquisa é de

aproximadamente 6% de todos os conteúdos manifestados em Comentários na *fanpage* Projeto Pelotas Memória, conforme a Tabela 3.

Quanto à temática Política, embora não se estabeleça uma relação direta a todas as políticas de preservação de patrimônio, o poder público é efetivamente o responsável pela elaboração e fiscalização das políticas de preservação do Patrimônio Cultural e de estratégias de desenvolvimento de valorização desse patrimônio. Desde as primeiras iniciativas, conforme Fonseca (2005), como a criação da Inspetoria dos Monumentos Nacionais, passando pela criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), a criação de outros organismos, até a criação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e seus olhares sobre as diferentes formas de cultura e patrimônio. Essas responsabilidades são compartilhadas com os estados e municípios.

Os **Adjetivos** (Nº 2) – expressões objetivas reverenciando a imagem – foram elementos que pudemos identificar mais como um elogio ao fotógrafo do que propriamente ao recorte temporal que a fotografia representa. Um grande volume de Comentários da *fanpage*s são dessa natureza. Suas contribuições para uma Metamemória – que pode ser entendida como a percepção de que cada indivíduo tem de sua própria memória e as formas com que se relaciona com seu passado, baseado na construção explícita da sua identidade – são singelas, pois trazem expressões como: “Lindo!!!”, “Maravilhoso!!!” etc. Assim, caracterizamos essa natureza de Comentários como um segundo nível do botão “Curtir”, pois estabelecem uma relação do ator da mídia social com o fotógrafo e sua produção. No entanto, essa proposta de elogios dos seguidores às publicações na mídia social estava alinhada com as intenções da *fanpage* no trabalho do fotógrafo.

> Através de ângulos diferentes mostramos as belezas que muitos acreditam ter se perdido, enaltecemos a História através das lentes (FERREIRA, 2015).

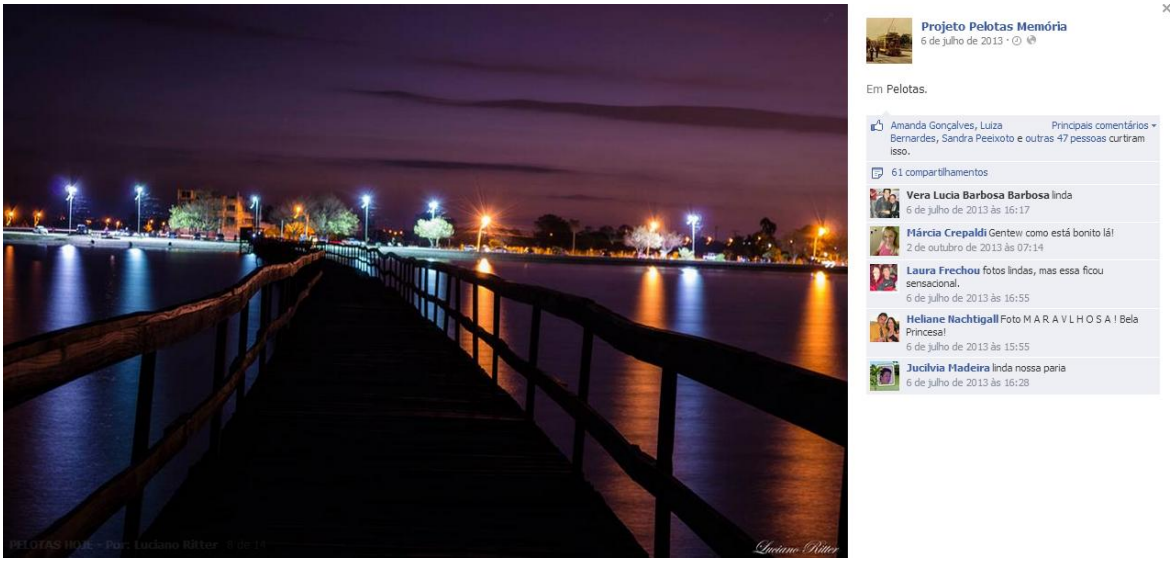


Figura 11 – Ilustração de Comentários “Adjetivos” e “Constatação e Resposta”
Fonte – Postagem da *fanpage* do Projeto Pelotas Memória

Sem obedecer à sequência da tabela, mas por aproximação e semelhança dos Comentários, os tópicos que trataram de **Constatação e Resposta** (Nº 7) mostraram, em grande parte, conteúdos de exclamação quanto à imagem; porém, diferentemente do Nº 3, esses elementos trazem manifestações um pouco mais elaboradas, como a formulação de uma frase que contribui com mais elementos na observação da imagem, como podemos observar na Figura 11. Diz um dos Comentários: “Foto M A V I L H O S A ! Bela Princesa!”. Caso a expressão ficasse na manifestação “maravilhosa” ela seria caracterizada simplesmente como “Adjetivos”. Contudo, ela traz um elemento que demonstra conhecimento do local e uma relação com a cidade, pois atribui a ela o título de “princesa” – forma carinhosa como Pelotas é conhecida, nossa Princesa do Sul.[26]

Esses dois elementos da pesquisa somam o maior percentual dentre os Comentários. Conforme a Tabela 3, as manifestações de “Constatação e Resposta” e “Adjetivos”, juntas, representam mais de 50% dos Comentários. No entanto, podemos observar que essas menções são informações pouco relevantes para a construção de um discurso metamemorial por meio dos Comentários na mídia social, pois não propõem trocas e reconstruções de outros indivíduos pertencentes ao mesmo grupo. Contribuem, sim, a uma maior disseminação da imagem na rede. O que ocorreu efetivamente nestes casos foram as contribuições para a disseminação “viral” da imagem na rede, o que foi potencializada pelo

[26] A referência deste título é descrita no artigo “Princesa do Sul”, de Mario Osorio Magalhães (2006).

contato/visualização dos conteúdos por atores não ligados à *fanpage.* São os alcances virais que mais contribuem para o aumento da comunidade virtual, uma vez que mais pessoas receberão aquela informação.

O tópico **Memórias de Afeto** (Nº 3) foi aquele que apresentou relações de carinho com o lugar mostrado na imagem ou com o seu contexto. A maior parte das imagens que contemplaram essas memórias de afeto foi referente às fotografias antigas. Entretanto, algumas imagens atuais também despertaram esse tipo de sentimento. Assim, entendemos que efetivamente uma edificação pode ser representativa para determinada comunidade, e por isso é considerada patrimônio, projetando memória e identidade desse grupo. Pela observação, imagens da Catedral, Rua Quinze de Novembro, Praça Coronel Pedro Osório, praia do Laranjal e outras foram alguns dos exemplos de postagem que despertaram Comentários do tipo Nº 3. Nessa categoria das imagens que despertaram o sentimento de afeto, também estavam aquelas com uma percepção de saudosismo ou nostalgia, em Comentários que reverenciavam o passado como algo estanque que nunca deveria ter mudado. Além das imagens antigas, em muitos casos essas expressões estavam presentes nas imagens que representam espaços e práticas que não ocorrem mais. Um dos exemplos dessas memórias de afeto foram manifestações sobre os Carnavais da Rua Quinze. A própria percepção de LTF 2015 quanto ao trabalho de Nelson Nobre Magalhães mostra que sua inspiração não dava espaço para a simples nostalgia, mas o registro, em especial, porque se tinha a certeza que a cidade mudaria:

> Frequentava esporadicamente o quiosque do Pelotas Memória e observava as fotos expostas. Sempre gostei de ver as transformações paisagísticas ocasionadas pelo passar dos anos, e as fotografias antigas me possibilitavam obter outras interpretações do cenário urbano (FERREIRA, 2015).

O patrimônio em ruínas ou mesmo com marcas da deterioração do tempo também foi foco para a evocação de memórias de afeto. A lembrança da função original do espaço, em pleno funcionamento, e as vivências daquela época foram confrontadas com o descaso e a falta de valorização daquele bem que representou e ainda representa um tempo e uma comunidade, e que pela sua importância para a história e a memória, deveria permanecer vivo. Neste caso, podemos citar como exemplo a Figura 12. Nos Comentários, fruto do *post* com a fotografia da Estação

Ferroviária deteriorada, com o início das obras de restauro, atores da rede social na internet se apropriam da postagem para manifestar suas memórias do espaço. No mesmo tópico, moradores da região do bairro Simões Lopes – que talvez nunca tenham realizado uma conversa – se utilizaram do Ciberespaço para manifestar sua evocação, podendo provocar outros atores a novas evocações reunindo uma comunidade real por meio da mídia digital, em Comentários que contribuem para a necessidade de preservações do patrimônio e valorização dos espaços representativos para a cidade. Além de identificar na fotografia a paisagem da região em que morava, a alegria estava presente ao ver que uma atitude estava sendo tomada na restauração e preservação daquele monumento, ainda que os novos usos não fossem os mesmos de sua atividade original.

Figura 12 – Ilustração referente a “Memórias de Afeto”
Fonte – Postagem da *fanpage* do Projeto Pelotas Memória

O **Devir** (Nº 5) foi a categoria de menor expressão dentre as observações das postagens, em um total de 14 menções, o que contemplou 1% de todos os Comentários. Nessas expressões estava o desejo de um novo tempo, ou de algo que se desejasse ver concretizado em um futuro próximo. Não deixava de ser uma expressão da memória ou de reverência do patrimônio, pois se posiciona com uma esperança de que a identidade e a memória permanecessem vivas. A Figura 13 nos ajudou nessa observação ao demonstrar a presença de Comentários nessa categoria quando os atores viram a água da praia do Laranjal translúcida. Com toda essa carga de diversos anos com as águas impróprias para banho, o fato de ver a aparência de “limpeza” e “pureza” da Lagoa deram novos ares e novas perspectivas

para a comunidade, que também se apropriou da imagem do local por meio da rede social na internet, mediante as ações de Curtir, Compartilhar e Comentar.

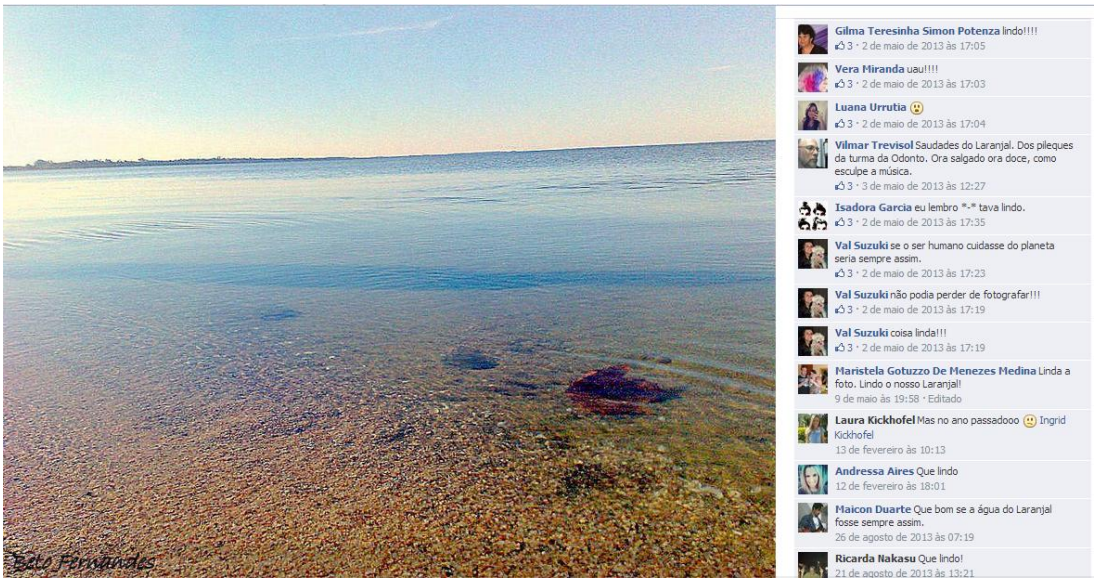


Figura 13 – Ilustração referente ao “Devir”
Fonte – Postagem da *fanpage* do Projeto Pelotas Memória

O item da categorização que trouxe **Informações novas** (Nº 5) veio construir parte da análise de pesquisa como uma possibilidade de construção de discurso metamemorial, presente nos Comentários desta categoria. Por meio deste olhar, os membros do grupo puderam potencializar suas memórias – neste caso, não oriundas apenas da experiência e do conhecimento da imagem, mas mediante relatos sobre certo fato ou do entorno daquele recorte de realidade. A interação da comunidade virtual impactada com determinadas imagens em suas *timelines* da mídia social pôde potencializar a memória dos demais usuários da mídia pelo simples fato de colocá-los em contato com novas informações, que em um olhar solitário não seria percebido ou despertado. Desde este prisma, podemos dizer que os Sociotransmissores de Candau estão presentes nesta rede, quando, apenas pelo vínculo do Ciberespaço e do “tempo real”, novas narrativas são produzidas, estabelecendo novas relações com os objetos e com a realidade presente.

A Figura 14, acompanhada da Figura 15, foi o melhor exemplo de informações novas que estabeleceram conexões entre os atores da rede social. A casa na esquina das ruas Gonçalves Chaves e Lobo da Costa foi o destaque da pasta “Olhares sobre Pelotas I”. Este álbum mistura imagens antigas e fotografias atuais, o que permite novos olhares sobre o patrimônio da cidade, sejam eles em

tempos de suas fundações ou mesmo da forma como se encontram atualmente. Uma postagem despretensiosa, com poucas informações sobre o local, chamou a atenção pela beleza do prédio, que estava em condições de pouca conservação: um local de grande circulação de veículos e pedestres, ao lado do Teatro Guarany, destacando-se em um conjunto de prédios históricos com grande valor arquitetônico.

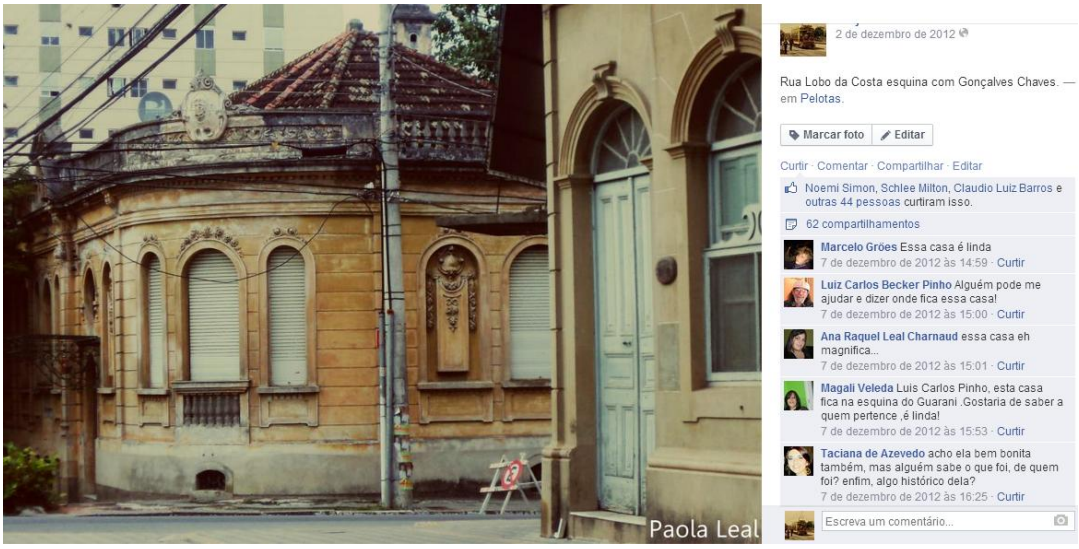


Figura 14 – Ilustração do item “Informações novas”

Figura 15 – Imagem com os comentários da Figura 14
Fonte – Postagem da *fanpage* do Projeto Pelotas Memória

A imagem postada não contextualiza a casa, que muitas vezes já deve ter sido observada por moradores da cidade e por quem visita Pelotas. No entanto, os Comentários a partir desta fotografia tirada recentemente trouxeram algumas

informações que permitiram o entendimento da história e das memórias que integram o imaginário daqueles que obtiveram experiências com o referido local – sejam elas vivenciadas efetivamente, compartilhadas por aqueles que viveram ou por meio de uma memória coletiva de certo grupo. Foi só a partir desses Comentários que pudemos entender – e está disponível para todos os usuários da mídia social – que a referida casa pertenceu a Juvenal Dias da Costa Vidal. Sete comentários integraram a postagem antes que um herdeiro da família manifestasse a propriedade do prédio. Antes dessa manifestação, estiveram presentes postagens enaltecendo o prédio, outras questionando a respeito e ainda outras que traziam informações pouco precisas sobre o lugar. Após a manifestação que centra a discussão, uma conversação entre atores do Facebook pertencentes à família proprietária do prédio foi estabelecida. Filhos, irmãos e primos trocam informações, fruto de memórias dos tempos de infância vividos naquele lugar. Os diálogos se apropriando do espaço virtual com trocas que superam qualquer distância, pois os integrantes da família se apropriaram da *fanpage* como uma roda de conversas em um dia de domingo, ocasião em que poderiam se encontrar pais, filhos, irmãos, tios e primos na casa do patriarca. Foram apresentados diferentes Comentários sobre lembranças, ao descreverem o interior da casa, com os objetos que a decoravam, as lembranças da simpatia dos donos da casa, assim como tradições de família, em especial relacionadas à culinária. Foram esses elementos dos diálogos que despertaram o interesse de outros seguidores da página e que manifestaram a vontade de uma visita ao interior da casa, com o intuito de observarem aquilo que os outros descreveram.

Outro integrante da tabela foram os **Questionamentos e diálogos** (citações e menções), identificados como Nº 6. Com o paradigma de comunicação em rede, a mídia social permite que perguntas sejam feitas a qualquer integrante da *net* de forma que esse apresente uma resposta. O sistema permite que as respostas sejam dadas também mencionando outro ator da rede. Essa menção aproximou os laços, pois o sistema notifica que foi obtido um retorno. Também foram caracterizados nesse formato os casos de citações de um amigo para que ele fosse notificado e verificasse a publicação. Em grande parte dos casos, o retorno da pessoa mencionada vem com uma manifestação, a qual cita o amigo que o havia mencionado. Assim, se estabelece uma espécie de diálogo entre duas pessoas, misturado, não obstante, em meio aos demais Comentários de outros seguidores da

página. O sistema também ofereceu uma mudança na própria dinâmica de Comentários, ao criar uma espécie de hierarquia na listagem de Comentários. Se estabeleceria aí uma espécie de “Comentários do Comentário”, como pode ser visto nas publicações que integram a Figura 16.

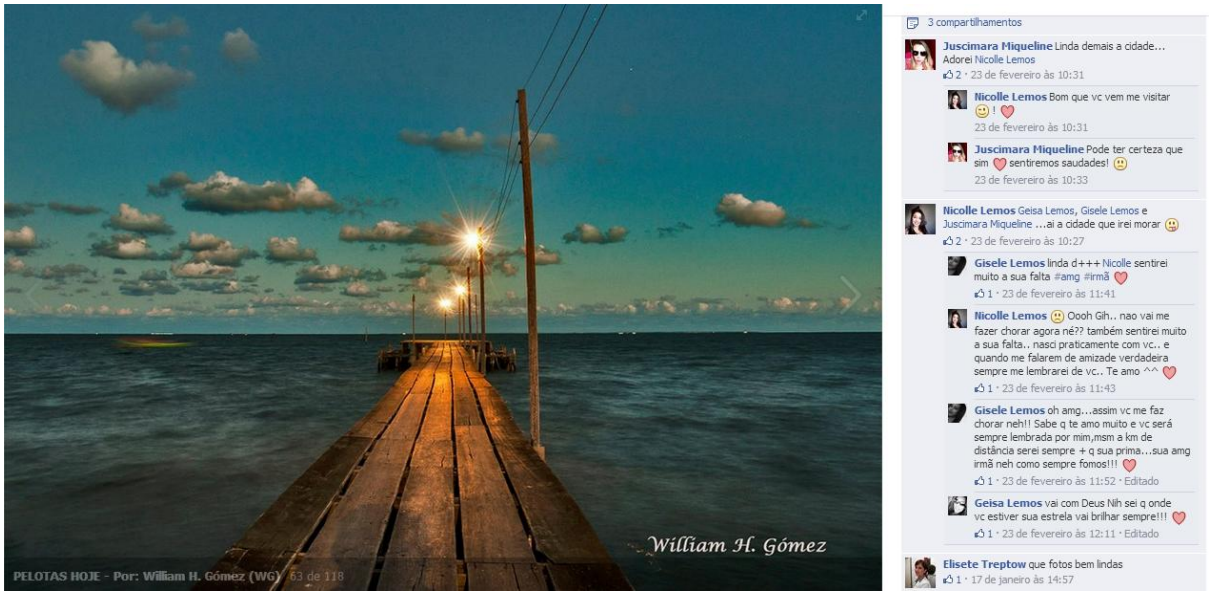


Figura 16 – Ilustração do item “Questionamentos e diálogos (citações e menções)”
Fonte – Postagem da *fanpage* do Projeto Pelotas Memória

Na interação com a cidade por meio da mídia social, o pensamento cínico também tem sido percebido nessas conversações. Essa observação nos levou a criar a categoria **Cinismo/Ironia** (Nº 7). Diferente daquilo que o senso comum tem trazido como cinismo, a ideia foi relacionar o Comentário à filosofia originalmente pensada pelos antigos gregos Antístenes e Diógenes, que vem sendo discutida, neste caso, por meio da visão moderna do pensamento, segundo obra de Peter Sloterdijk. De acordo com Ana Carolina Silva (2015, p. 17), Sloterdijk faz uma crítica à visão de devir: “Nesse viés, o cinismo funciona como uma desmistificação que gera uma espécie de interrupção desse devir, ou seja, nada pode ainda acontecer, nada pode ser mudado”. Ao nos depararmos com essa visão, observamos que essa descrença desperta o humor em forma de ironia.

> O humor aparecia como a maneira correta de dizer aquilo que é da ordem da verdade, humor que inverte designações e que esvazia significações. O que nos explica porque as formas da transmissão filosófica dos cínicos estavam todas vinculadas a modos humorísticos (SAFATLE, 2007, p. 51)

Talvez a forma de levar a vida desde esse prisma fosse, muitas vezes, fazer "piada" de situações que envolvem tanto cenas do cotidiano, quanto à ação pública na organização da cidade. Uma das imagens recortadas do objeto de pesquisa que permitiram esse olhar, devido ao volume de conteúdos nessa classificação, foi o que se refletiu na Figura 17. A imagem do Pop Center[27] – centro de compras de comércio informal da cidade – em Pelotas apresentava uma escada que, em princípio, não levava a lugar algum. Grande parte dos Comentários dessa postagem foi em tom de ironia – com críticas à ação do poder público e também ao técnico responsável pela obra. E não apenas o fato da "escada", isolado, levou a tamanho número de Comentários dessa natureza, pois podemos observar, por meio de reportagens no Diário Popular, que os encaminhamentos de criação, construção e instalação do Pop Center foram conturbados. Alagamentos às vésperas da inauguração do espaço,[28] manifestações e protestos dos comerciantes,[29] agressão a fiscais da prefeitura,[30] além da relação espacial de vizinhança entre o principal centro de comércio informal da cidade e o prédio da Delegacia da Receita Federal em Pelotas.

Além disso, aos olhares da memória e do patrimônio, o atual Pop Center (Figura 20) está localizado no local onde, no passado, corria o leito do Arroio Santa Bárbara. No fim do século XIX e início do século XX, diversas pontes atravessavam o canal – hoje localizado na Praça Cipriano Barcelos, no centro da cidade. Uma dessas pontes, que segue a Rua Marechal Floriano Peixoto, recebeu o tombamento municipal em 26 de dezembro de 1991, conforme Decreto nº 3.462. Hoje, o referido monumento passa despercebido por quem circula naquele local, mesmo sendo um ambiente que o próprio poder público – neste caso, em específico, a Câmara de Vereadores – instituiu como elemento de preservação. A ironia se completa quando um dos destaques de Comentários se dá em um prédio que está localizado pontualmente sobre o leito do Arroio, que não existe mais naquele local e que a

[27] O chamado Pop Center em Pelotas é o espaço de compras caracterizado por vendedores ambulantes, que sobrevivem do comércio informal, anteriormente chamado de Camelódromo. Após a elaboração de um projeto pelo poder público, estabeleceu-se uma construção com espaço destinado aos vendedores, com bancas próprias, espaço de alimentação e estacionamento. O local onde está sediado o Pop Center é o antigo leito do Arroio Santa Bárbara, que foi aterrado na década de 1960.
[28] Sobre os alagamentos, veja a notícia "Eduardo visita prédio do Pop Center" (EDUARDO, 2013).
[29] Sobre os protestos, veja a notícia "Responsáveis pelas bancas do Pop Center devem fazer nova manifestação nesta quinta-feira" (PIEGAS, 2013).
[30] Sobre a agressão a fiscais, veja a notícia "Dois fiscais são agredidos durante fiscalização do Pop Center, diz prefeitura" (DOIS, 2013).

principal ponte, que ligava as duas extremidades das margens, instituída como patrimônio, não tem mais valor simbólico para a comunidade. Abordaremos mais sobre esse assunto, em específico, no Capítulo 3 deste trabalho.

Figura 17 – Ilustração sobre o item “Cinismo e ironia”
Fonte – Postagem da *fanpage* do Projeto Pelotas Memória

A última categoria analisada dentre os Comentários nas postagens da *fanpage* do Projeto Pelotas Memória foi o simples **Olhar sobre a imagem** (nº 9). Buscou-se encontrar nesses Comentários a observação de detalhes ou a contemplação sobre a imagem. São 29 os Comentários contemplados nessa categoria, a segunda com menor expressão em toda a observação do objeto. Poucos conteúdos referentes à memória e ao patrimônio foram expressos nesta categoria de Comentários, por isso não estão presentes imagens que a possam ilustrar.

Todos esses dados destacados neste capítulo foram elementares para a relação de memória e patrimônio que estão estabelecidos no próximo capítulo deste trabalho. Nesta relação, em destaque, estão os prédios tombados da Cidade de Pelotas e de que forma eles se relacionam com os sujeitos da mídia social que estão presentes nos Comentários da *fanpage* Projeto Pelotas Memória.

3 A APROPRIAÇÃO DO PATRIMÔNIO POR MEIO DA *FANPAGE* PROJETO PELOTAS MEMÓRIA

3.1 O patrimônio e a Cidade de Pelotas na *fanpage*

Neste terceiro capítulo, com o intuito de relacionar a temática do Patrimônio Cultural em meio à Cibercultura, faremos uma nova estratificação do Apêndice A, buscando estabelecer esse diálogo patrimonial apenas com os prédios/monumentos tombados[31] por decreto[32] na Cidade de Pelotas, seja na categoria municipal, seja estadual ou federal – conforme Anexo A. Abaixo, foi estabelecido o referencial teórico sobre Patrimônio Cultural que norteou os apontamentos de apropriação e relação de significação do patrimônio instituído com as práticas dos atores da mídia social. Essa relação foi estabelecida por meio dos Comentários das postagens selecionadas, buscando, assim, com a análise de conteúdo, trazer à tona informações relevantes para a temática, conforme está proposto na metodologia da pesquisa e referendado pela bibliografia dos temas.

De forma bastante objetiva, sabemos que a palavra "patrimônio" tem sua origem no latim, na junção de duas palavras: *patri* (pai) e *monium* (recebido), dando a ideia de herança, o que inicialmente seriam bens materiais deixados por herança de pai para filho. No entanto, hoje a mesma expressão vem acompanhada por outros atributos, como patrimônio ambiental, histórico, artístico etc, tudo o qual se resumiria na expressão "Patrimônio Cultural". Nesse caso, nos referimos ao conjunto de bens materiais ou imateriais que, por seu valor cultural, podem ser considerados relevantes para a identidade de um povo. Por isso, o patrimônio é a nossa herança do passado, vivenciado no presente e que será transmitido às gerações vindouras. Assim como a memória é considerada a representação a partir do presente, Hartog

[31] "O Tombamento é um instrumento legal de proteção do patrimônio cultural aplicado pelo poder público, podendo acontecer em nível federal, estadual ou municipal. Os bens tombados deverão ser preservados integralmente, não podendo ser demolidos nem descaracterizados. Estes exemplares arquitetônicos, podem sofrer obras de melhoria, desde que acompanhados por profissionais especializados, o que significa a garantia de suas características internas e externas" (PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS, 2008).

[32] A presença do patrimônio neste capítulo do trabalho restringe-se à observação daqueles prédios que se encontram listados nos Livros Tombo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e do Estado (IPHAE-RS), além dos decretos municipais expedidos pelos poderes Executivo e Legislativo deferindo o título de patrimônio cultural ao referido prédio/monumento.

(2006, p. 270) ressalta que o patrimônio não deve ser visto a partir do passado, “mas a partir do presente, como categoria de ação do presente e sobre o presente”.

Em meio a essa relação, o patrimônio surge como elemento de vínculo social, como observa Poulot (2008), fazendo vários *links* entre a memória social com os objetos, edificações, paisagens, mitos, ritos, crenças e saberes peculiares. Poulot vai se referir ao patrimônio como uma espécie de “reservatório de objetos de valor vítimas da história e dos homens” (p. 26). Em muitos momentos ele será entendido como herança ou legado; já em outras tantas, apenas como uma alegoria de uma identidade que se tem em comum. Neste caso, podemos fazer relações a fim de criarmos um mapa cultural que nos aproxima de uns e nos afasta de outros.

Françoise Choay (2006) nos lembra de que antes mesmo do “patrimônio histórico”, falava-se de “monumentos históricos” e, por consequência, antes de serem históricos, já existiam os “monumentos”. Segundo a autora, a

> natureza afetiva de seu propósito é essencial: não se trata de apresentar, de dar uma informação neutra, mas de tocar, pela emoção, uma memória viva. Nesse sentido, chamar-se-á monumento tudo o que for edificado por uma comunidade de indivíduos para rememorar ou fazer que outras gerações de pessoas rememorem acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças (p. 18).

Assim, o monumento nos evoca a lembrança de fatos e acontecimentos, funcionando como uma espécie de marco. É possível, a partir da preservação deste, observar um movimento de perpetuação de “memórias coletivas”. Através dos tempos entendeu-se por monumento aquilo que traz à lembrança de alguma coisa (fato, acontecimento, marco), em que é possível, a partir do movimento de preservação destes, o testemunho cultural expresso nesses monumentos que as sociedades pretendem conservar como marcas de sua existência. “O monumento muito se assemelha a um universal cultural, sob múltiplas formas, ele parece presente em todos os continentes em praticamente todas as sociedades, dotadas ou não de escrita” (CHOAY, 2006, p. 18).

Qualquer patrimônio, o mais simples documento de um tempo passado, participa na construção de referências às identidades individuais e coletivas – nacionais, regionais, locais, étnicas etc. Conforme Fonseca (2005), muito mais que um valor histórico, artístico ou etnográfico, os bens patrimoniais têm um valor nacional, ou seja, aquele fundado em um sentimento de pertencimento a uma

comunidade, no caso a nação. Para Funari e Pelegrini (2009), o patrimônio é entendido como um bem material concreto, um monumento, um edifício, assim como objetos de alto valor material e simbólico para a nação. Parte-se do pressuposto de que há valores comuns, compartilhados por todos, que se consubstanciam em coisas concretas. Também, aquilo que é determinado como patrimônio é o excepcional, o belo, o exemplar, o que representa a nacionalidade. É comum a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) e os estados nacionais[33] expressarem a predileção pela excepcionalidade de obras-primas da humanidade ou da nação como dignas de preservação à posteridade.

No entanto, Funari e Pelegrini (2009) nos lembram que, com as críticas ao nacionalismo e às visões normativas da sociedade, surgem apelos por um patrimônio da humanidade, desconsiderando a visão monolítica e homogênea, que efetivamente não existe, mas procurando uma concretude da diversidade.

> Esse movimento de valorização das culturas, iniciado com os aspectos materiais, em geral produzido pelas elites, passou aos poucos a se expandir para as manifestações intangíveis e dos grupos sociais em geral, não apenas pelos dominantes" (FUNARI; PELEGRFINI, 2009, p. 29).

Essa reflexão dos autores evidencia a tradição da Cidade de Pelotas, pautada, inicialmente, no patrimônio das elites e em toda opulência baseada na preservação do Patrimônio Cultural edificado, oriundo da indústria do charque.

Nos últimos tempos, os processos instituídos pela UNESCO[34] têm "alterado" o olhar patrimonial da cidade, uma vez que olhares sobre o patrimônio imaterial

[33] Entendemos por "estados nacionais" a organização geográfica que concentra um relativo número de pessoas que possuem uma referida identidade nacional. Sendo assim, conforme Hall (2006), entende-se por "identidade nacional" o discurso moderno que o descreve metaforicamente como alguém ligado a determinada cultura. Isso ocorre inicialmente porque o ser humano necessita identificar-se a si como algo mais amplo – integrante de uma sociedade, grupo, estado ou nação etc. Na verdade, as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação. Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política mas algo que produz sentidos – um sistema de representação cultural. As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da ideia da nação tal como representada em sua cultura nacional. Uma nação é uma comunidade simbólica e é isso que explica seu "poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade" (SCHWARZ, 1986 apud HALL 2006, p. 49). Essa lealdade e essa identidade que, na era pré-moderna, eram dadas à tribo, ao povo, à religião e à região, foram transferidas gradualmente, nas sociedades ocidentais, à cultura nacional. As diferenças regionais e étnicas foram sendo colocadas, de forma subordinada, sob aquilo que Geller chama de "teto político" do estado-nação, que se tornou, assim, uma fonte poderosa de significados para as identidades culturais modernas (HALL, 2006, p. 47-49 passim).

[34] A Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, em 17 de outubro de 2003, realizada em Paris, é o principal documento que amplia a visão do patrimônio (UNESCO, 2003).

também têm tomado destaque, como é o caso da cultura doceira de Pelotas. A memória e o legado desse fazer constitui-se projeto para o IPHAN com o intuito de ter os Doces de Pelotas[35] como patrimônio imaterial. Essa prática é um legado de toda a diversidade cultural de Pelotas, originalmente com influências portuguesas, mas com o toque das culturas africana, francesa, alemã e outras.

Ao observarmos o Patrimônio Cultural por meio da mídia social, é importante termos claro que as redes sociais virtuais não geram arquivos e não permitem que sejam utilizadas técnicas de preservação e salvaguarda dos documentos por meio da ferramenta, uma vez que ela é um serviço que não permite a ação efetiva do "administrador", pois se trata de um sistema fornecido pela empresa detentora da marca Facebook – ou outra, em caso de outro *site* de rede social. Contudo, é importante entendermos que Le Goff (1990) chama a atenção ao fato de que a história é a forma científica da memória coletiva e ligados a ela estão dois tipos de materiais: os documentos e os monumentos.

> Do mesmo modo que se fez no século XX, a crítica da noção de fato histórico, que não é um objeto dado e acabado, pois resulta da construção do historiador, também se faz hoje a crítica da noção de documento, que não é um material bruto, objeto inocente, mas que exprime o poder da sociedade do passado sobre a memória e o futuro: o documento é monumento (LE GOFF, 1990, p. 9-10).

Rubens Ribeiro Silva (2011) contribui para a discussão destacando que a documentação fotográfica é monumento e documento. "Monumento" porque é um legado à memória coletiva; "documento" porque é a prova, o fundamento do fato histórico. Também segundo Silva, desde os anos 1970 a comunidade de arquivistas teve uma grande preocupação com a preservação da informação eletrônica. Contudo ocorreram grandes avanços técnicos, científicos e tecnológicos na área de arquivologia, em especial a garantia de integridade e autenticidade do patrimônio documental em formato digital. É essa atualização que carece ser feita e com a

[35] Com base no edital lançado em 2005 pelo Ministério da Cultura, em parceria com a UNESCO, que disponibilizava recursos para o Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) a municípios que entendessem ser detentores de um bem imaterial com valor para sua identidade cultural, reconhecendo-o como patrimônio cultural da nação. Na Cidade de Pelotas, a Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL), com a parceria da Secretaria de Cultura (SECULT) e do IPHAN, foi proponente do INRC – *Produção de Doces Tradicionais Pelotenses*. Com a aprovação do Inventário, o trabalho foi iniciado em 2006, com financiamento da UNESCO e do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), por meio do Programa Monumenta. A realização dos estudos coube à equipe multidisciplinar do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia (LEPARQ) da Universidade Federal de Pelotas (FERREIRA; CERQUEIRA, RIETH, 2008).

visão de Le Goff (1990, p. 535): “Monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação, por exemplo, os atos escritos” – e hoje também aqueles digitalizados e/ou nascidos originalmente em formato digital, cujos processos têm sido foco de estudo do Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ).

É importante deixar claro que o desenvolvimento de técnicas para a criação de novos sistemas que contemplem um bom processo de arquivamento de documentos – fotografias, atas, jornais e outros elementos – já fazem parte do processo museológico e de gestão de acervos da atualidade. No entanto, quando olhamos para a página Projeto Pelotas Memória no Facebook não estamos tratando de um sistema de gestão de acervos, com indexadores, buscadores, catalogadores, que de forma inteligente contribuem para a pesquisa de informações memoriais e patrimoniais. Neste caso, o sistema utilizado é uma *fanpage* de uma mídia social que foi criada com o intuito de ser uma rede social na internet, podendo aproximar pessoas e compartilhar conteúdos entre os atores pertencentes a uma mesma comunidade virtual. Na mídia social não há catalogação, nem indexação, apenas uma série de imagens disponíveis naquele espaço digital e que podem ser pesquisadas uma a uma – em alguns casos com uma leve organização de pastas – sem a preocupação em contemplar informações consistentes a respeito daquele documento. A intenção é disponibilizar. E é essa disponibilização, muitas vezes desarticulada, que incita a apropriação da imagem. Está presente o fato de desejar ter determinado conteúdo em “meu acervo”, com a “minha contribuição narrativa” sobre aquela imagem. A dinâmica da mídia social como o Facebook é da comunicação em rede, por isso ela permite que informações relevantes ao usuário apareçam de forma espontânea no dispositivo utilizado, uma vez que as conexões unem pessoas com interesses mútuos e essas informações chegam por meio de membros dessa comunidade virtual.

3.2 A dinâmica da mídia social e os Sociotransmissores

A dinâmica da mídia social consiste em interagir com os conteúdos presentes na internet – curtindo, compartilhando e comentando-os. A partir dessa interação é que, de forma orgânica, esses conteúdos surgem na *timeline* dos demais membros da comunidade virtual, sugerindo que outros atores identifiquem o conteúdo “relevante” circulando na rede. Como diz Machado (1996), são os recursos

interativos disponíveis pelas máquinas que dão o caráter lúdico à utilização. Quando o administrador da *fanpage* Projeto Pelotas Memória publica um conteúdo ou mesmo interage com publicações de outras páginas/perfis no Facebook, esse conteúdo está propenso a ser visualizado pelos seguidores do Pelotas Memória. Todo esse movimento ocorre em meio às diversas atividades rotineiras de cada uma das pessoas que utilizam a mídia social, sem que seja dedicado por elas um tempo específico àquela pesquisa ou ao repertório necessário para receber aquele conteúdo.

Nessas circunstâncias, não entendemos como possível identificarmos a mídia social como um museu virtual ou mesmo um catalogador de documentos de memória, pois, conforme Rute Muchacho (2005, p. 1544), "os museus virtuais até podem ir ao encontro de várias audiências, contudo deveriam apresentar os conteúdos também de várias formas". O olhar deve se restringir ao fato de a mídia social ser um grande propulsor desses conteúdos, colocando na pauta do cotidiano das pessoas a temática da Memória Social, por meio do Patrimônio Cultural representado por fotografias e narrativas que surgem de forma "espontânea" – ou, conforme Primo (2011, p. 132), "por um fluxo não linear" – nas páginas pessoais de cada um dos usuários da rede. Por este viés, há uma grande circulação de informação que socializa os diferentes materiais publicados, de forma rápida.

Os documentos e os monumentos são elementos que integram o patrimônio com o conceito de Metamemória, de Candau (2009/2010). Neste caso, é sua preservação que mantém viva a memória que é reconstruída a cada momento com o auxílio do grupo. Candau utiliza um jogo de palavras para referir-se à construção de uma Metamemória: "Eles dizem e creem todos se lembrar como eles creem que os outros se lembram" (p. 50). Essa frase mostra uma função específica da Metamemória que reforça a crença do indivíduo em uma memória coletiva. É essa crença no coletivo e nas relações convergentes do Compartilhamento e a manifestação da memória que permitem aos indivíduos em grupo constituírem a sua patrimonialização. É a Metamemória que alimenta os imaginários dos integrantes do grupo e os faz entender e pensar como comunidade e, de uma forma ou de outra, contribuir para modelar um mundo onde a partilha patrimonial se torna real. "Ela faz entrar nas memórias individuais a crença nas raízes e destinos comuns" (p. 51).

Mais uma vez precisamos olhar atentamente para os Sociotransmissores envolvidos nessa partilha patrimonial. Aquilo que Halbwachs (1990) chamou de

“quadros sociais da memória”, Candau vai buscar concentrar no conceito de Sociotransmissores.

> Proponho resumir a multiplicidade de quadros sociais e objetos de transmissão que eles trazem na noção de “sociotransmissores” (CANDAU), quer dizer, todas as coisas que compõem o mundo (objetos tangíveis ou intangíveis tal como os objetos patrimoniais, seres animados, seus comportamentos e produções), que permitem estabelecer uma cadeia causal cognitiva (SPERBER) entre ao menos dois espíritos-cérebros (CANDAU, 2009/2010, p. 52).

Com base nesse conceito, a forma como se pode estabelecer uma “cadeia causal cognitiva” está expressa diretamente na relação que o indivíduo (inserido em seus quadros sociais) tem com os objetos tangíveis ou intangíveis. Então deixamos claro que o Sociotransmissor não é pontualmente o objeto – documento, monumento – mas a relação deste com a pessoa e tudo aquilo que se produz de cognição a partir desse encontro.

Olhando para nosso objeto de estudo – uma página do Facebook com conteúdos sobre uma cidade do interior do Rio Grande do Sul –, seria completamente incoerente dizer que a internet ou mesmo a mídia social são Sociotransmissores, ou até mesmo que o conteúdo disponibilizado naquele sistema é um Sociotransmissor. No entanto, também conteúdos ali postados poderão, sim, ter essa função, desde que exista uma relação entre indivíduos e que isso produza uma cognição que relacione ao menos dois “espíritos-cérebros”. Mais uma vez, buscaremos os referenciais da Cibercultura para contribuir para a análise desse fenômeno. Por se tratar da mídia social, estamos falando de algo que se encontra no Ciberespaço, construído a partir da conexão do computador pessoal com o satélite, permitindo que qualquer computador conectado ao dispositivo da internet possa estar ligado a essa rede, obtendo acesso a informações das mais diferentes naturezas e origens. Este ambiente virtual não é composto da materialidade que nos permite tocar no objeto e observá-lo nas mais diferentes perspectivas [36] O Ciberespaço é um ambiente formado pela programação de computador, que cria uma “nova realidade” e, por meio das interfaces computacionais, nos apresenta a ela. Portanto, por detrás daquela imagem que representa o objeto real, só existem códigos de programação. Logo, se olharmos para a fotografia digital, estaremos em

[36] Alguns sistemas de computadores já oferecem a possibilidade de observar as imagens em diferentes perspectivas.

frente a uma representação da realidade. Neste caso, o objeto em voga seria intangível. É o que Arlindo Machado (1996, p. 17) ilustrou ao referir-se aos “objetos” projetados pela computação gráfica: “a imagem é agora uma realidade fantasmática: ela está ali para todos os efeitos práticos, mas, a rigor, não passa de uma equação matemática a qual se deu forma plástica, através de um algoritmo de visualização”.

Para associarmos o conceito de Sociotransmissores à mídia social é importante elencarmos ainda os dois conceitos que também conforme Levy (1999) constituem a Cibercultura: as comunidades virtuais e a inteligência coletiva. Por mais distantes que estejam as máquinas, a interconexão dos computadores permite que interesses comuns de pessoas que estejam geograficamente distantes possam se relacionar em tempo real. Olhando para o objeto da pesquisa, a Cidade de Pelotas é o elemento que conecta essa comunidade virtual de aproximadamente 16 mil membros, integrantes da *fanpage* do Projeto Pelotas Memória, assim como confirma Levy (2010, p. 130): “afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais”. Por ser a Cidade de Pelotas o elemento integrador, imagens de prédios em estilo eclético do Centro Histórico de Pelotas, de um doce artesanal/tradicional da cidade ou mesmo documentos como fotografias de tempos remotos da cidade podem servir de Sociotransmissores para a memória, uma vez que esses elementos são representativos para uma comunidade – neste caso, virtual – que tem interesse pelas temáticas e está envolta no simbolismo a que elas remetem. Também o fato de qualquer integrante dessa rede ter a possibilidade de produzir conteúdo e acrescentar àquele conhecimento é outro destaque potencializador dessa ferramenta. A interconexão de pessoas geograficamente distantes, porém com interesses na memória e patrimônio de uma mesma cidade, tendo a possibilidade de trazer novos elementos para o desenvolvimento da temática referente, dá à internet o caráter de um potencial Sociotransmissor.

O que antes carecia do desejo – visitar um museu, buscar em arquivos fotográficos da cidade ou o desenrolar de uma conversa com uma tia idosa – pode se resumir à simples rotina de estar em frente ao seu dispositivo tecnológico em seu cotidiano – seja trabalhando em um computador *desktop* ou navegando em seu *smartphone* enquanto está no ônibus – sendo surpreendido pela presença de uma imagem que sirva de conector entre quem a observa e a memória coletiva de sua

cidade e, assim, a cada impulso recebido nesta Sociotransmissão podendo ser respondida com um novo conteúdo produzido especificamente para este canal – em tempo real –, em diferentes mídias, seja por meio de uma foto registrada pelo próprio dispositivo móvel, um texto escrito por você mesmo no editor da ferramenta ou ainda sugerindo um novo *hiperlink* a ser compartilhado com aquela comunidade virtual, tudo isso podendo construir novas narrativas sobre o mesmo tema ou mesmo atualizando a memória conforme os quadros sociais presentes naquele instante. E isso tudo só ocorre porque as pessoas conectadas àquela comunidade estão sintonizadas na temática pertinente e imersas em uma memória coletiva que já as pertence, pois, como diz Candau (2009/2010, p. 52): “Os objetos, monumentos, imagens que nós vemos ali e que são todos sociotransmissores, provocam emoções compartilhadas, solicitam um imaginário comum”.

Pelotas possui 25 bens culturais tombados como Patrimônio Cultural, registrados com seus referidos tombamentos e decretos em nível federal, estadual e municipal. Toda essa gama de prédios pode ser identificada no material informativo “Pelotas Patrimônio Cultural”, da Secretaria de Cultura, inserido nesta Dissertação como Anexo B.

Para este trabalho, a análise de conteúdo a respeito do Patrimônio Cultural com a mediação das redes sociais na internet teve o foco nos monumentos tombados da Cidade de Pelotas que integram a tabela do Apêndice A. Também imagens da Praça Coronel Pedro Osório serão observadas, pelo fato de o espaço ser caracterizado como Paisagem Cultural da cidade e ser o ponto de referência do Centro Histórico. Com esse recorte, os monumentos destacados em imagens da mídia social foram os seguintes: Praça Coronel Pedro Osório; Teatro Sete de Abril; Casarão 8, Catedral São Francisco de Paula; Mercado Central; Paço Municipal; Grande Hotel; Solar da Baronesa; Ponte sobre o Arroio Santa Bárbara; e Estação Ferroviária.

O conteúdo dessas postagens foi analisado com base nas referências de Cibercultura, memória e patrimônio, buscando entender qual o nível de relacionamento e de apropriação que a comunidade virtual tem com o monumento instituído publicamente como Patrimônio Cultural da comunidade/nação. Se o patrimônio de um povo é aquilo que estabelece um referencial para sua identidade, imagina-se que essa referência seja legítima para toda a comunidade. Nesta observação, o objeto está disponível na sua representação por meio das interfaces

computacionais, por isso a relação de apropriação pode ser distinta da relação espaço ou lugar, conforme distinção que destaca Michel de Certeau (apud DOSSE, 2004, p. 85): “O espaço estaria em relação ao lugar da mesma forma que a palavra quando é pronunciada... Em suma, o espaço é um lugar praticado”. Neste caso, o autor destaca que a transformação do espaço em lugar vem pela sua utilização, ou seja, da forma como ele é apropriado, praticado. Isso é o que dá significado ao lugar. Quanto ao objeto de estudo, pudemos identificar duas formas de apropriação. Uma foi o espaço ou lugar representado na imagem, quando referido a um prédio histórico ou mesmo o ambiente da Praça. A outra foi a relação de apropriação com o espaço da mídia social, por meio da *fanpage* Projeto Pelotas Memória. Essa situação pode não ser equilibrada, pois a relação que se tem com um prédio ou lugar nas práticas do cotidiano podem ser distintos daquelas que ocorrem por meio da mídia social, uma vez que os integrantes da mídia social são chamados de atores e naquele sistema eles estão representando.

Neste contexto, existem tendências que são manifestadas nas mídias sociais com a proposta de estar “antenado” a elas, em um espaço onde o “parecer ser” pode ser mais valorizado que o próprio “ser”. É o que fala Recuero sobre a representação no ambiente virtual, enfatizando que as diferentes conversações “seriam, também, formas de construir performances que constroem para a audiência impressões a respeito de quem são os integrantes” (RECUERO, 2012, p. 59). Neste caso, a um clique – ou seja, com pouco esforço – eu posso “parecer” interessado em livros, eu “pareço” solidário, eu “pareço” politicamente engajado, eu “pareço” estar valorizando o patrimônio cultural etc. É por isso que a apropriação do patrimônio por meio das mídias sociais pode ser distinta de sua apropriação direta.

3.3 O conteúdo das mídias sociais e a apropriação do patrimônio

Ao falarmos sobre apropriação do Patrimônio Cultural na cidade e, em especial, a relação dos atores da mídia social na *fanpage*, mostra-se importante observarmos a percepção do autor da página a respeito de quais elementos do patrimônio da cidade lhe parecem representar as diversas etnias que compõem a cultura de Pelotas. As informações trazidas por LTF 2015 com relação a essa representação foram interessantes e mostraram, também, sua preocupação em representar, por meio da *fanpage*, a diversidade que compõe a comunidade

pelotense. Ao observar a cidade no seu dia-a-dia e também a sua representação no Ciberespaço, LTF 2015 comenta que evidentemente a cultura europeia é a mais marcante em toda a cidade, mesmo que boa parte desses traços já tenha se perdido.

> Gostei muito de abordar a colonização alemã, italiana e inglesa na Página. Em uma postagem dos ingleses, onde citei o sobrenome de pioneiros na região, alguns descendentes até se manifestaram, achei interessante (FERREIRA, 2015).

O fato citado por LTF 2015 referente aos descendentes de ingleses mostra a apropriação da mídia social pelas pessoas com o intuito de obter mais informações, conectar pessoas e histórias, reconstruindo e atualizando a memória coletiva por meio de novas informações sobre conteúdos de relevância para determinado grupo.

Na sequência do trabalho, foram apresentadas as imagens do Patrimônio Cultural que integraram o recorte deste terceiro capítulo, buscando identificar por meio dos Comentários – foco da metodologia de estudo e análise – como os usuários/atores apropriaram-se do Patrimônio Cultural na cidade representada pelas mídias sociais. Para uma sequência desta apresentação, foram listados e analisados os prédios por ordem de tombamento, coforme as imagens contempladas no recorte da pesquisa.

Por meio das metodologias de análise, a apropriação do patrimônio foi observada através dos Comentários nas postagens da *fanpage* Pelotas Memória. Para a utilização dos conteúdos observados no decorrer do texto foram atribuídos codinomes aos atores que estabeleceram uma conversação por meio da postagem. Embora todos os conteúdos observados fossem caracterizados como públicos pelas referências de privacidade estipuladas pelo Facebook, esta medida foi usada como forma de resguardo dos atores da rede social na internet. Como referência para esses "codinomes" foi adotado o critério de chamá-los da seguinte forma: Ator-A-Fig20,[37]por exemplo. Quando o Comentário foi feito diretamente pelo administrador da *fanpage*, com o nome "Projeto Pelotas Memória", este permaneceu inalterado, uma vez que temos a autorização formal deste para a realização da pesquisa.

[37] A referência de chamá-los de "ator" ocorreu conforme a própria bibliografia orienta (RECUERO, 2009). A referência da letra foi para distinguir os comentários de diferentes atores que comentam em um mesmo *post*. Na sequência a expressão "Fig.xx" fez a relação com as figuras expressas em determinadas postagens.

A primeira análise foi do local que podemos chamar de “coração” do Centro Histórico de Pelotas: a Praça Coronel Pedro Osório. Seu entorno faz parte das Zonas de Preservação do Patrimônio Cultural da cidade e ali se encontra um conjunto arquitetônico bastante significativo. Além disso, em uma de suas arestas cruza a Rua Quinze de Novembro, tradicional no imaginário dos pelotenses. Por ser esse marco referencial no centro da cidade é que a Praça foi a primeira a ser abordada.

3.3.1 Praça Coronel Pedro Osório

Na relação de apropriação, não bastaria ser a centralidade do Centro Histórico; precisaria fazer parte da vida dos pelotenses. A Praça Coronel Pedro Osório está na circulação diária das pessoas tanto quanto na interação por meio das mídias sociais. Dentre as imagens de representação do Patrimônio Cultural selecionadas para análise deste capítulo da pesquisa, a Praça Coronel Pedro Osório foi o patrimônio de maior recorrência. São seis imagens que apresentam e representam a Paisagem Cultural do centro de Pelotas. Duas delas são imagens antigas e outras quatro são fotografias atuais.

> No plano urbanístico, no que se refere a atual Praça Coronel Pedro Osório, seus arredores tornam-se cenário de emulação das elites charqueadoras e estancieiras, que procuravam, junto à praça ou nas ruas circunvizinhas, palacetes cujas fachadas espetacularizavam o *status* social e cultural que desejavam ostentar (CERQUEIRA, 2014, p. 422).

Conforme a citação de Cerqueira, no fim do século XIX e início do XX a pujança econômica era notável na Cidade de Pelotas. O conjunto arquitetônico construído naquele período ainda é bastante representativo na cidade e parte dele com influências do estilo neoclássico. Fruto das adaptações dos estilos utilizados na Europa e da busca por releituras de modelos originais foi concentrado aqui de forma mais efetiva (assim como em outras regiões do Brasil) um estilo eclético.[38] Essas construções no entorno da Praça ficaram evidentes por se tratar de uma região nobre da cidade, nos aspectos comerciais, políticos e culturais. Segundo Castriota

[38] “O ecletismo arquitetônico, cujos arquitetos foram denominados pejorativamente como ‘decoradores’, posto que davam grande valor às caixas murais dos prédios através de ornamentações e empregavam diferentes elementos/fragmentos da arquitetura do passado, de culturas próximas ou longínquas, para compor suas fachadas” (SANTOS, 2011, p. 3049).

(2009, p. 132): “Este espaço geométrico central, que concentrava os poderes espirituais e temporais, passava a desempenhar o papel de centro da cidade, exercendo um poder de atração incontestável”.

Em Pelotas, a expressão de “Plaza Mayor”, trazida por Castriota ao referir-se sobre sua força simbólica na citação acima, não se concretizou por inteiro; no entanto, o terreno destinado para os “poderes espirituais” – a igreja – estava destinado. Parte da área central foi doação de Dona Mariana Eufrásia – que obtivera uma vasta propriedade, a qual dizia possuir desde 1784, que contemplava praticamente toda a zona Sul da cidade. Conforme Mario Osorio Magalhães (1994, p. 68), após solicitação ao governo para a confirmação das vendas de diversos lotes e a licença para continuar a vender, a autorização foi concedida no ano de 1822, mas com uma condição: “a de reservar o ‘melhor terreno’ em torno da Praça e ofertá-lo para uma nova igreja matriz, que substituiria a antiga (ou seja, substituiria – o que jamais foi feito – a Catedral de agora)”. A referida área destinada era o loteamento ao lado da Biblioteca Pública Pelotense, espaço que chegou a ter seu marco de início de construção, pois, “Dom Pedro II, em 1846, lançou a pedra fundamental, na quadra vizinha à atual Biblioteca” (M. O. MAGALHÃES, 1999, p. 24).

Mas não foi a ausência de uma igreja matriz na Praça que a impediu de ser o grande espaço de convergência de pessoas, com um “poder de atração incontestável”. O centro da cidade é a Praça Coronel Pedro Osório e o espaço está apropriado pelos mais diversos grupos de pessoas, bem como pelas distintas atividades da cidade.

Ao centro da Praça – que, conforme Mario Osorio Magalhães (1999), fora chamada Regeneração, Dom Pedro II, novamente Regeneração e da República – um belo chafariz vindo da França, ainda permanece como seu principal monumento. É a chamada Fonte das Nereidas.

> O interior da Praça Coronel Pedro Osório por muito tempo permaneceu intransitável em todo o seu percurso, cercado por um alambrado, tendo ao centro uma lagoa de águas paradas. Só na década de 1870 será arborizado e ajardinado. Levantando o nível do brejo, escorrendo as águas para a sarjeta e daí para o Santa Bárbara, um jardineiro francês, de nome Aquiles Beauvalet, permitiu que a Câmara importasse da França o chafariz que colocou no “redondo”. Intitulado Fontes das Nereidas, foi inaugurado, o chafariz, em abril de 1873 (M.O. MAGALHÃES, 1999, p. 70).

Figura 18 – Fonte das Nereidas
Fonte – Alexandre Neutzling

Um fato que permitiu considerações ao longo da pesquisa foi a ausência de comentários no álbum “Especial: Fonte das Nereidas”, um dos quatro álbuns que não apresentaram Comentários dentre suas postagens. Neste caso, parece entrarmos em uma contradição, pois o ambiente de maior recorrência na apropriação de imagens pelas mídias sociais – seis imagens destacadas –, seu monumento mais significativo, localizado no coração da Praça, não é passível de apropriação por meio de Comentários nas postagens. Podemos buscar entendimento na relação que Cassey (apud CASTRIOTA, 2009) faz ao referir-se sobre uma memorabilidade intrínseca de um lugar, em especial quando ele, lugar, é suporte de experiências. Neste caso, o ambiente como um todo – ladrilhos, entradas, árvores, flores, fonte e bancos – se faz mais representativo que o monumento em si, por maior valor artístico e histórico que ele tenha. O uso é o que dá força à Praça, pois se tornou um lugar que adquiriu “definição e significado” (TUAN, 1983).

Observemos as imagens recortadas pela pesquisa, iniciando pelas fotografias antigas. A Figura 19 expressa a Praça ainda quando nem suas árvores haviam crescido, e, em alguns casos, ainda não plantadas. A imagem mostra, escrita à mão, a data 1872 e a descrição do primeiro nome da Praça Coronel Pedro Osório: Praça da Regeneração. Ao centro, o seu monumento principal, a Fonte das Nereidas, já estava presente.

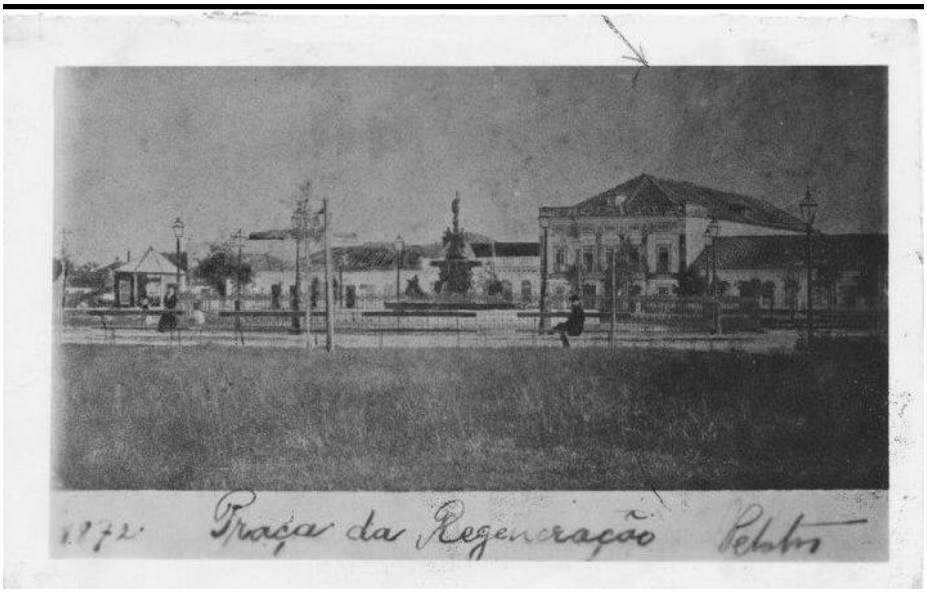


Figura 19 – Praça da Regeneração (Praça Cel Pedro Osório)[39]
Fonte – Postagem da *fanpage* Projeto Pelotas Memória

Não havia legenda na postagem; no entanto, o primeiro Comentário foi do próprio administrador da página, ao destacar que essa imagem era uma das mais antigas do acervo virtual. Interessante ver que a postagem, mesmo com sua datação e sua descrição na própria imagem, gerou um conflito memorial. Os Comentários fizeram uma discussão histórica sobre a possibilidade de datação equivocada ou mesmo de referências distintas à bibliografia expressa sobre o tema ou mesmo a localização primeira e atual da Fonte. A conclusão a que chegaram foi que o chafariz fora instalado em local diferente do que se encontra hoje, e que, no ano de 1873, o monumento foi então instalado no local em que permanece hoje. No entanto, essa conclusão contraria M. O. Magalhães (1999), que expressa a importação do monumento e sua instalação no "redondo" da Praça – entenda-se em seu centro – no ano de 1873.

[39] Comentários referentes à Figura 19: Projeto Pelotas Memória "Praça Coronel Pedro Osório-1872-*Uma das fotos mais antigas de toda a coleção de imagens."; Ator.A.Fig.19 "Mas o chafariz da praça só foi instalado no dia 25 de junho de 1873,essa foto não pode ser de 1872,ou havia um chafariz anterior?"; Projeto Pelotas Memória "Parece que é o chafariz das Nereidas, não sei informar o ano precisamente, a anotação data 1872 (canto esquerdo). Mas a imagem é realmente uma das mais antigas do site. Note o Sete de Abril atrás do homem sentado, completamente diferente do que é nos dias de hoje."; Ator.B.Fig.19 "E o chafariz sempre me parece que está num lugar diferente do atual, olhando pra esta foto."; Ator.C.Fig.19 "essa foto tbm era do vo Rufino"; Projeto Pelotas Memória "Realmente Cíntia, tens razão. Em uma pesquisa descobrimos que em 1873 a Fonte das Nereidas, ficava próxima à atual rua Marechal Floriano,em diagonal com o Theatro Sete de Abril. Portanto, em um local diferente." Projeto Pelotas Memória "Essa fotografia foi um dos primeiros postais da cidade."; Ator.D.Fig.19 "Então em 25 de Junho de 1873 ele foi colocado no local atual, um ano depois dessa foto, certamente houve uma importante cerimônia nesse dia, pena não haver registro fotográfico."

Também integrante do acervo histórico da *fanpage* estava a Praça anos após, já com árvores crescidas e jardins bem definidos. A imagem aparece com um selo à sua esquerda inferior, mostrando que fizera parte do acervo de cartões postais da cidade. Da mesma forma que a Figura 19 (anterior), também integrou a coleção de postais, em uma primeira edição, como é destacado pelo próprio administrador da página.

Figura 20 – Imagem da Praça Cel Pedro Osório[40]
Fonte – Postagem da *fanpage* Projeto Pelotas Memória

Nos Comentários, percebe-se a crítica à cidade de hoje, embebida pelo afã da preservação – ou do discurso de preservação. A observação da imagem levou um dos atores a visualizar apenas alguns prédios, creditando a eles a preservação em detrimento de outros que também poderiam estar preservados. No entanto, a leitura dessa fotografia por meio do ator da mídia social não deveria ter sido feita por essa perspectiva saudosista; antes pelo olhar da quantidade de edificações belas que ainda haveriam de vir, como foi o caso da construção de outros prédios históricos do entorno da Praça que ainda não haviam sido construídos, como, por exemplo, o emblemático prédio do antigo Banco do Brasil (Secretaria de Finanças), na esquina do Mercado; e o Grande Hotel, na esquina com Anchieta. Podemos identificar isso em parte do Comentário do Ator.A.Fig.20, ao expressar: *"Acho q os*

[40] Comentários referentes à postagem expressa na Figura 20: Ator.A.Fig.20 "q legal essa foto Gilmar Carvalho, então a praça Coronel Pedro Osório já foi assim? acho q os únicos prédios existentes na atualidade são o Mercado Municipal e o da prefeitura, ambos acima a direita e se vê a torre da Igreja Cabeluda ao fundo mais a esquerda"; Ator.B.Fig.20 "Era lindíssima, Pelotas..."; Ator.C.Fig.20 "não tinha me dado conta da igreja cabeluda"; (Um contribui com o outro na percepção da imagem, contribuindo para a ativação da memória e a ligação para novas conexões) Ator.D.Fig.20 "que lindo....adoro voltar no tempo,as fotografias revelam coisas e lugares peculiares...."

únicos prédios existentes na atualidade são o Mercado Municipal e o da prefeitura, ambos acima a direita e se vê a torre da Igreja Cabeluda ao fundo mais a esquerda". Interessante também observar que um Comentário levou outro ator a identificar novos elementos na própria imagem e despertar memórias até então não relacionadas, como foi o caso da percepção do Ator.C.Fig.20 ao manifestar *"não tinha me dado conta da igreja cabeluda"*. A percepção de um pode ativar conectores de outras pessoas na relação com aquele lugar ou monumento. A manifestação de voltar no tempo também está presente, na contemplação do passado e na observação de determinadas situações: *"que lindo....adoro voltar no tempo,as fotografias revelam coisas e lugares peculiares...."*, conforme comentário do Ator.D.Fig.20.

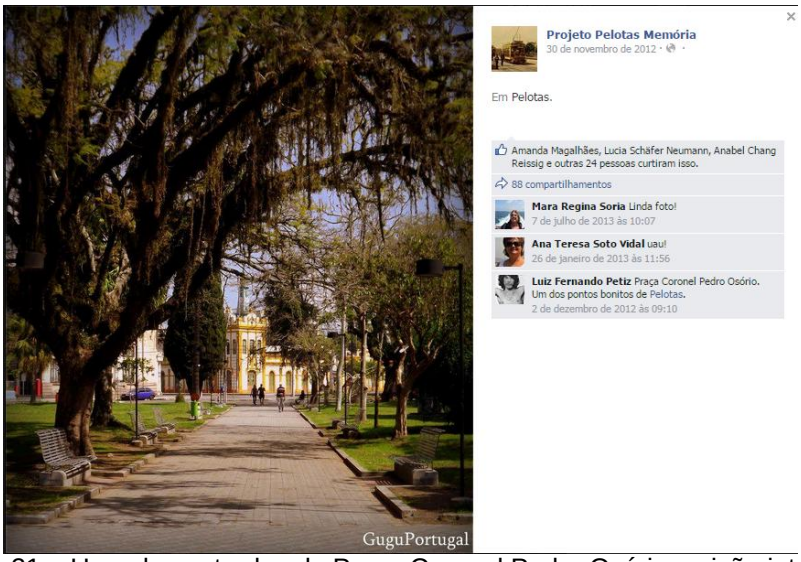


Figura 21 – Uma das entradas da Praça Coronel Pedro Osório – visão interna[41]
Fonte – Postagem da *fanpage* Projeto Pelotas Memória

As demais postagens da Praça Coronel Pedro Osório são de imagens atuais. Duas delas são bastante corriqueiras, focalizando os acessos da praça. A primeira delas – Figura 21 – enaltece o ponto de Pelotas que faz entroncamento entre Praça, Prefeitura Municipal, prédio do antigo Banco do Brasil e o Mercado Central. Já a postagem da Figura 22 destacou uma distinção da Praça há três anos, no entanto, sem possibilidade de identificar se a leitura foi de que a Praça estava em melhor ou pior estado de conservação.

[41] Comentário referente à Figura 21: Ator.A.Fig.21 "Linda foto!"; Ator.B.Fig.21 "uau!"; Ator.C.Fig.21 "Praça Coronel Pedro Osório. Um dos pontos bonitos dePelotas.".

Figura 22 – Uma das entradas da Praça Coronel Pedro Osório – visão interna
Fonte – Postagem da *fanpage* Projeto Pelotas Memória

No entanto, outras duas imagens registradas pelo fotógrafo Alexandre Neutzling resultaram em novos conteúdos para a apropriação da cidade e mesmo do patrimônio de Pelotas. Ambas as imagens registraram a praça de cima, com a copa das árvores em destaque: uma durante o dia e outra à noite, com os efeitos de luzes em um período de Feira do Livro.

A Figura 23 apresentou um contraste de duas cidades, uma *"perfeitamente integrada"* com o Centro Histórico e outra logo atrás, desconectada, com os edifícios comerciais e de apartamentos construídos já no final do século XX. A legenda mobiliza os Comentários: *"fusão de épocas"*. Nestas postagens de Alexandre Neutzling ocorreram interações grandes dos usuários da mídia social, intercaladas com manifestações do próprio fotógrafo. Pela bela produção do material visual e também pelos laços do próprio profissional, muitos são os elogios dirigidos à própria imagem e ao produtor dela. Da mesma forma, ele agradece os elogios na própria postagem da *fanpage*, fato que amplia o relacionamento na mídia social e permite um despertar ainda maior dessa interação, permitindo mais exposição à imagem e um alcance orgânico ainda maior, possibilitando aos usuários a busca por novas referências de representação do patrimônio ou mesmo outros olhares sobre a cidade, como sugere o ator da mídia social Ator.N.Fig.23 *"Muito bom ângulo, os pelotenses não o conhecem."*. Nesta postagem, também um estrangeiro integrou o rol de comentários ao fazer referência às particularidades da cidade: *"Pelotas tiene un encanto Europeo muy particular con las tradiciones Gauchas y el fervoroso corazon Brasileiro...."*, comentou o Ator.H.Fig.23. A imagem faz, mais uma vez, os

usuários da mídia social despertarem para a preservação do Patrimônio Cultural da cidade. Destaque para a peculiaridade dos três prédios tombados em contraste com as demais construções em seu entorno.

Figura 23 – Fusão de épocas[42]
Fonte – Postagem da *fanpage* Projeto Pelotas Memória

Na mesma postagem, uma das manifestações na rede social sobre o olhar da imagem veio fazer uma espécie de reivindicação à memória daqueles que operaram a construção da Cidade de Pelotas, mas, no entanto, eram escondidos em porões ou senzalas. A manifestação do Ator.F.Fig.23 clama pelo registro das imagens dos locais onde os próprios escravos se recolhiam: as senzalas. Este Comentário deu outro viés à memória evocada por meio da mídia social. Ele também permite que a voz daqueles que muitas vezes são esquecidos nas narrativas da história esteja presente. Conforme M. O. Magalhães (1999, p. 35), no ano de 1814, Pelotas tinha um total de 2.419 habitantes e, destes, mais da metade,

[42] Comentários referentes à Figura 23: Ator.A.Fig.23 “linda cidade”; Ator.B.Fig.23 “Boa foto.”; Projeto Pelotas Memória “Irado, *Daniel Giannechini.”; Ator.C.Fig.23 “Que foto linda!!!” ; Ator.D.Fig.23 “Muito bom o Alexandre tem um olhar diferente de Pelotas!”; Ator.E.Fig.23 “Foto lindíssima Alexandre...Parabéns!”; Ator.F.Fig.23 “Foto espetacular... sugiro que se possível tire fotos das senzalas dos casarões... só não sei se dá pra tirar. Abraços ao amigo.”; Ator.G.Fig.23 “Como sempre...Perfeito!!”; Alexandre Neutzling (produtor da imagem) “Obrigado à todos!!!”; Ator.H.Fig.23 “Pelotas tiene un encanto Europeo muy particular con las tradiciones Gauchas y el fervoroso corazon Brasileiro....”; Ator.I.Fig.23 “Esta foto está muito linda demais. Parabéns ao Alexandre, mais uma vez. Foto tirada do edifício inacabado?”; Ator.J.Fig.23 “Muito massa essa foto fera Alexandre Neutzling”; Ator.L.Fig.23 “Lindo!!!✿¸•*`*•.✿¸•*`*•”; Ator.M.Fig.23 “O que Henri Lefebvre diria sobre essa desigualdade temporal do Desenvolvimento ?”; Ator.N.Fig.23 “Muito bom ângulo, os pelotenses não o conhecem.”; Ator.O.Fig.23 “Linda!”; Alexandre Neutzling “Valeu Jorcenita Alves Vieira e Fernando Rafael! Abraços!”; Ator.P.Fig.23 “Parabéns Alexandre Neutzling.”; Alexandre Neutzling “Muito Obrigado Rodrigo Cordeiro! Abraço!”; Ator.Q.Fig.23 “Pelotas poderia ter mais edifícios! Parabéns pela foto!”; Ator.R.Fig.23 “É cada foto mais linda da nossa cidade... Parabéns, Alexandre Neutzling!”

num total de 1.226, eram escravos. “É que a indústria saladeiril [...] constituiu-se toda ela sobre a força de trabalho, o martírio, a revolta e a resignação do negro cativo”. Ou seja, 50% das memórias da cidade naquele tempo eram de sofrimento. De certa forma, o Comentário na postagem reivindica um discurso que represente a memória dos negros escravos.

Essa reivindicação, segundo Candau (2009, p. 51) apresenta-se em forma de Metamemória, que pode ser vista como a reivindicação compartilhada de uma memória e que se supõe ser compartilhada. “Ela [Metamemória] alimenta os imaginários dos membros do grupo os ajudando a se pensar como uma comunidade e contribui para modelar um mundo onde o compartilhar patrimonial se ontologiza”. No caso do Comentário, o que ele deseja ver representado é o interior das casas, em especial a representação do local onde se recolhiam os escravos. Surge uma nova perspectiva sobre o patrimônio, buscando questionar a quem ele efetivamente representa.

O outro destaque ficou por conta de um registro noturno, apresentando a praça central como o espaço da leitura, durante o período da 40ª Feira do Livro de Pelotas. A fotografia foi feita com uma lente que propicia um amplo campo de visão e que acabou distorcendo as extremidades da imagem, deixando-as arredondadas. Com as luzes da cidade se acendendo, num tempo das primeiras horas após o pôr-do-sol, o fotógrafo obteve um efeito luminoso interessante, o que promoveu um efeito destacado ao centro da imagem: a Praça Coronel Pedro Osório, iluminada e habitada à noite, em plena Feira do Livro.

Essa imagem trouxe Comentários que manifestaram efetivamente a apropriação da cidade por meio da imagem do Centro Histórico de Pelotas. Uma expressão peculiar às mídias sociais é utilizada: *“roubartilhei”*. Um neologismo que fez levar em consideração a apropriação da imagem na rede, de certa forma “honesta”, como se estivesse pedindo licença para se apropriar da imagem do fotógrafo e compartilhá-la em sua *timeline*. Outra expressão que trouxe à tona essa apropriação foi a solicitação ao fotógrafo para utilizar a fotografia como “capa” de seu perfil. Com a autorização do próprio autor da imagem, outro ator da mídia social também pede essa licença, dizendo: *“vou por como capa também então”*. Essas manifestações mostram o desejo de estabelecer um laço afetivo com sua cidade e neste caso, o patrimônio da cidade. No uso do material como capa, a imagem da cidade fica expressa no perfil da pessoa na mídia social. Faz parte da construção da

identidade dela nessa mídia, como elemento integrante do cenário em que o ator se apresenta/representa.

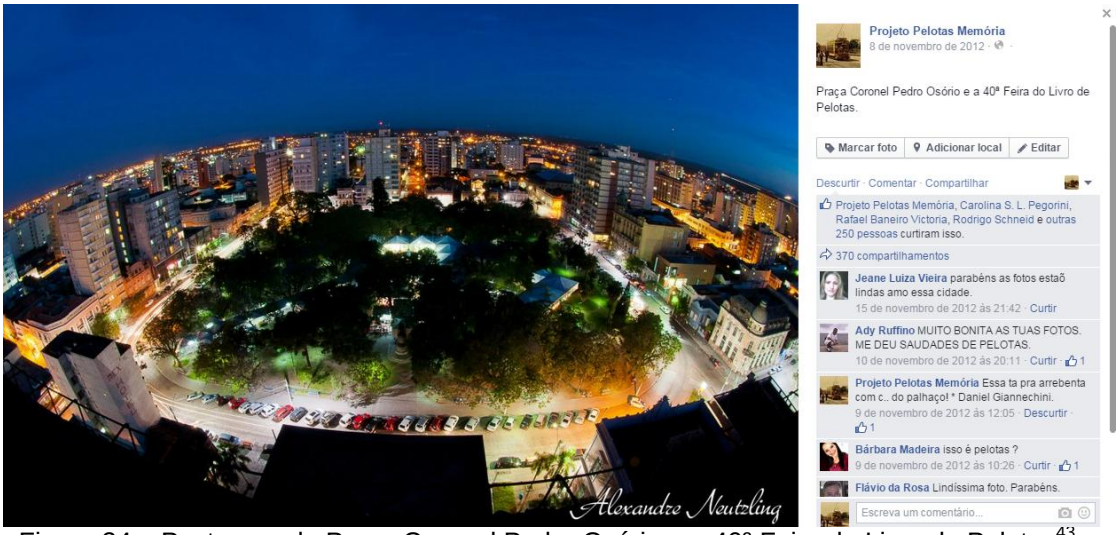


Figura 24 – Postagem da Praça Coronel Pedro Osório e a 40ª Feira do Livro de Pelotas[43]
Fonte – Postagem da *fanpage* Projeto Pelotas Memória

Uma das postagens que trouxe à tona as relações da cidade com o passado "vistoso" de Pelotas também foi destaque. É o que foi manifestado no Comentário do Ator.F.Fig.24 *"Esta é minha velha e querida PRAÇA que linda está!!!!!!!!!!!! Parece que o meu sonho de vê-la movimentada e viva como na mina infancia e juventude se realizou. Parabéns Pelotas."* A expressão foi de um ator da mídia social que parece ter vivido na primeira metade do século XX (seu perfil confirmou essa possibilidade). Essa memória expressada no Comentário da postagem vai ao encontro do que fala Mario Osorio Magalhães (1999) sobre os passeios, destacando a Praça Coronel Pedro Osório como um dos grandes destinos de gente "grã-fina", que em frente ao Sete de Abril havia um jardim e uma espécie de bar ao ar livre. O

[43] Comentários referente à Figura 24: Ator.A.Fig.24 "parabéns as fotos estão lindas amo essa cidade."; Ator.B.Fig.24 "MUITO BONITA AS TUAS FOTOS. ME DEU SAUDADES DE PELOTAS."; Projeto Pelotas Memória "Essa ta pra arrebenta com c.. do palhaço! * Daniel Giannechini."; Ator.C.Fig.24 "isso é pelotas ?"; Ator.D.Fig.24 "Lindíssima foto. Parabéns."; Ator.E.Fig.24 "nem parece pelotas, afude"; Ator.F.Fig.24 "Esta é minha velha e querida PRAÇA que linda está!!!!!!!!!!!! Parece que o meu sonho de vê-la movimentada e viva como na mina infancia e juventude se realizou. Parabéns Pelotas."; Ator.G.Fig.24 "Ótima foto, parabéns!"; Ator.H.Fig.24 "Lindooii"; Ator.I.Fig.24 "Roubartilhei!"; Ator.J.Fig.24 "Recomendo a obra "Sete de Abril" de Klécio Santos."; Ator.L.Fig.24 "de onde foi feita a foto? está linda!"; Ator.M.Fig.24 "vou por como capa tambem então ^^"; Ator.N.Fig.24 "Baita foto Alexandre Neutzling!! Parabéns!"; Ator.O.Fig.24 "E parabéns pela coragem Alexandre.... Não subo novamente nesse lugar nem pagando....Não sei se a subida ou a descida deu mais medo..... Hahahaha"; Ator.O.Fig.24(2) "Parabéns, a foto ficou um escândalo....."; Ator.O.Fig.24(3) "Show.... Pensar que eu já tive aí na beiradinha com o Rafa Marin"; Alexandre Neutzling (produtor da imagem) "Manda ver!"; Ator.Q.Fig.24 "claro"; Ator.R.Fig.24 "autorizado para usar de capa?"; Ator.S.Fig.24 "demais!".

afeto também aflora no caso de ser a expressão da memória de alguém com mais idade – “velhos têm mais lembranças do que os jovens, mas menos memória” (RICOEUR, 2010, p. 41) – e também por residir fora da Cidade de Pelotas, conforme está expresso no perfil do usuário no Facebook.

É a partir da Praça que os principais monumentos tombados em Pelotas estão situados. Com base no olhar da centralidade do Centro Histórico, os demais prédios que integram a observação da rede social na internet foram observados para uma clareza e cruzamento daquilo que os conceitos de Memória Social e Patrimônio Cultural nos apresentam, buscando uma relação com o conteúdo da imagem, somados as legendas e os Comentários dos demais atores da mídia social.

3.3.2 Teatro Sete de Abril[44]

Em 1831 nasceu o embrião do Teatro Sete de Abril, quando um galpão abandonado começara a reunir em seu interior parte da cultura do Rio Grande do Sul. Neste mesmo ano tiveram início as obras do prédio oficial, que serviria de templo das artes cênicas em Pelotas. Foi no ano de 1833, especificamente no dia 2 de dezembro, que o teatro ainda inacabado foi inaugurado. O nome destinado ao teatro foi da data em que Dom Pedro II, ainda criança, “assumira” a coroa de Imperador do Brasil. O período era de riqueza da cidade, fruto da indústria do charque. Com a força econômica, buscava seu desenvolvimento cultural. “A fortuna que jorrava do charque também alimentava hábitos refinados da burguesia local. Eram tempos de fartura. Foi esse dinheiro que financiou o Sete de Abril” (SANTOS, 2012, p. 15).

O prédio foi inicialmente construído com uma fachada de quatro colunas, no estilo neoclássico, e passou por várias reformas e adaptações, principalmente frutos dos movimentos de modernização no final do século XIX. Em 1870, os detalhes em madeira da fachada foram alterados para estruturas metálicas, influências já das construções dos Casarões 6 e 8 no entorno da Praça. Em 1916, a fachada foi totalmente alterada, foram eliminadas as colunas e inseridas iconografias de instrumentos musicais – como bandolim, flauta, pandeiro, clarinete, cítara e clarim –

[44] Todas as referências históricas do Teatro Sete de Abril foram retiradas do livro “O Teatro do Imperador”, de Klécio Santos (2012).

e máscaras. O prédio passou a ser classificado como *Art Nouveau*.[45] Seu tombamento pelo IPHAN ocorreu no ano de 1972.

Figura 25 – "Especial: Teatro Sete de Abril"
Fonte – Postagem da *fanpage* Projeto Pelotas Memória

Figura 26 – Interior do Teatro Sete de Abril
Fonte – Postagem da *fanpage* do Projeto Pelotas Memória

Embora seja um dos prédios mais clássicos da Cidade de Pelotas, com um vasto conteúdo cultural vindo por meio de seu palco, o Sete de Abril não se mostrou apropriado pelas mídias sociais. O fato de o Teatro estar fechado[46] para reforma e restauro e fora da rota cultural dos internautas em tempos de expansão do

[45] *Art nouveau* é um estilo internacional de arquitetura e de artes decorativas – especialmente o início da arte aplicada à industria – que foi muito apreciado de 1890 até os anos 1910. O estilo é uma reação à arte acadêmica do século XIX e inspirado principalmente por formas e estruturas naturais, não somente em flores e plantas, mas também em linhas curvas (WIKIPEDIA, s/d).

[46] Reportagem do jornal Correio do Povo destaca o processo de artistas e estudantes do curso de Teatro da UFPel na data em que se completou um ano de fechamento do Teatro Sete de Abril (PROTESTO, 2011)

Facebook pode ter refletido na pequena base de Comentários. Todo o álbum destinado a apresentar o histórico do Teatro teve apenas três Comentários, sendo que dois deles, em fotografias diferentes, são da mesma pessoa.

A imagem recortada para o Apêndice A apresenta um Comentário muito mais a respeito da paisagem do que propriamente do Sete de Abril. A fotografia foi tirada de um prédio alto, registrando a cidade em uma perspectiva de câmera alta, com a paisagem da Rua Quinze de Novembro, destacando parte do Mercado Central, o Paço Municipal e a Praça Coronel Pedro Osório, com as árvores ainda pouco desenvolvidas. Ao fundo, encontrava-se o Teatro Sete de Abril, integrante do Centro Histórico de Pelotas – naquela época ainda não se encontrava comprimido entre dois grandes prédios modernos, com sete e 11 andares. O Comentário foi encontrado na descrição da imagem, citando a Rua Quinze de Novembro e a identificação do Mercado Central. O mesmo ator se apropriou da rede para fazer outro Comentário em uma fotografia interna do Teatro. Em ambos os casos, bem como em todas as demais imagens do álbum “Especial Teatro Sete de Abril”, as fotografias não apresentaram legendas com descrição de tempo. Nesse caso, o usuário apropriou-se da rede, em especial da *fanpage*, para identificar a imagem, com o intuito de contribuir com aqueles que porventura não conseguiram fazer a devida identificação.

3.3.3 Casarão 8

Na sequência, os três casarões da Praça Coronel Pedro Osório receberam seus reconhecimentos no Livro Tombo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Um ao lado do outro no entorno da Praça Coronel Pedro Osório, pela rua Félix da Cunha, os prédios apresentavam características monumentais, conforme documentos da própria Secretaria de Cultura de Pelotas.[47]

> Outro grande marco do tombamento a nível federal foram as residências localizadas na Praça Coronel Pedro Osório, mais conhecidas como de n.º 2 (Casarão Barão de Butuí), n.º 6 (Casarão Barão de São Luís) e n.º 8 (Casarão Barão de Cacequi), ambas tombadas em 1977. Essas casas foram consideradas patrimônio nacional e, em consequência, garantiram a sobrevivência de um dos mais belos conjuntos arquitetônicos do século XIX no Brasil. A

[47] Uma lista com descrições detalhadas do Patrimônio Cultural tombado encontra-se na SECULT, situada na Praça Coronel Pedro Osório nº 2.

> mobilização popular foi fundamental no processo de tombamento dessas casas, sensibilizando particularmente os técnicos do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (TAVARES, 2012, p. 85).

Dentre os três prédios tombados no mesmo ano de 1977, foi a chamada Casa 8 – ou Casarão 8 – que esteve presente no recorte da pesquisa. Nesse caso, um dos olhares interessantes foi com relação à perspectiva da imagem, registrada do interior do prédio. Dentre os monumentos do Patrimônio Cultural apresentado na pesquisa, foram apenas dois os casos em que imagens internas dos prédios tiveram apropriação pelos usuários, por meio dos Comentários da mídia social (o outro caso foi a Catedral São Francisco de Paula, que foi observada na sequência do texto). A imagem do interior destacou outro aspecto da memória e da preservação do patrimônio: o fato de não tornar a cidade apenas um cenário, com fachadas de prédios antigos, de determinados períodos da história, mas proporcionar que detalhes contidos no próprio interior das casas também fossem preservados, seja pela história em si, pelo patrimônio imaterial contido naqueles espaços, ou mesmo pela beleza estética de manifestações artísticas peculiares na arte decorativa dos séculos XIX e XX, como, por exemplo, os detalhes em estuque, escaiolas, pinturas murais e outros elementos característicos do trabalho de artífices que mantinham o conhecimento da técnica. O trabalho normalmente era produzido por artistas pouco conhecidos, em função de ser considerada uma “arte menor”. A arquiteta e pesquisadora Cristina Rozisky (2012) trouxe alguns elementos sobre a presença desses artistas na constituição do *glamour* dos prédios de Pelotas, em especial nos tetos, forros e paredes internas das casas. “Grande parte das técnicas de estucaria chegou à cidade através do intercâmbio com profissionais estrangeiros, assim como o acesso aos catálogos europeus” (p. 14). E ainda manifesta que em sua pesquisa, até o momento, não havia sido possível determinar os artífices que realizavam os trabalhos nos casarões, pois nem mesmo os jornais da época traziam os nomes desses artistas.

A preservação e o restauro do conteúdo interno dos prédios geram um custo alto para o seu proprietário, às vezes bastante proibitivo, sem falar na necessidade de mão-de-obra altamente especializada para manter uma arte – estuques e escaiolas –, cuja detenção da técnica hoje é bastante rara. No entanto, a memória não se mantém apenas pela manutenção de uma fachada, como se a cidade fosse um grande cenário, ou, como classifica Choay (2006), uma “casca vazia”, que

também define como “procedimento discutível quando se trata de preservar a morfologia de uma malha urbana; procedimento inadmissível quando se resume ao sacrifício das estruturas e do ambiente interno do edifício.” (p. 221). Por isso o destaque da imagem interna ter sido selecionado, pois, conforme Choay, tanto as fachadas quanto seus interiores concentram conteúdo de memória da cidade.

O Casarão 8 foi construído pelo arquiteto italiano José Izella Merotti no ano de 1878 para servir de residência à família de Francisco Antunes Maciel (o Conselheiro Maciel). Conforme dados obtidos no Departamento de Patrimônio da SECULT, a residência foi de um dos famosos charqueadores de Pelotas e, no entorno da Praça Coronel Pedro Osório, integrou um dos maiores conjuntos ecléticos do Brasil. O proprietário, além de charqueador, foi um destacado personagem político do fim do século XIX. Entre os anos de 1955 e 1973 a casa foi utilizada como Quartel-General e, após, passou a ser ocupada por órgãos da Prefeitura Municipal de Pelotas. Os detalhes estéticos chamam a atenção, com recuos frontal e lateral formando acessos ajardinados, porão alto, sacadas de ferro e platibanda mista com frontões curvos, vasos e estátuas.

A parte interna também foi destaque, em especial no registro da Figura 27, que apresentou a riqueza do forro. Possui claraboia sobre o *hall* do bloco da esquina, que ilumina a circulação que serve de distribuição para os diversos compartimentos da casa. O forro é de um detalhamento riquíssimo, com trabalhos em estuque e com relevos de gesso, além de pinturas em escaiola. A cozinha é toda revestida com azulejos franceses de cor azul. O Casarão foi adquirido pela Universidade Federal de Pelotas no ano de 2006 e seu restauro foi aprovado pelo IPHAN após um longo período de análise. O projeto manteve todas as características originais do prédio e também elementos alinhados aos seus novos usos. Considerado um prédio que reúne interesse público e científico – de acordo com o *site* da UFPel –, o espaço sedia o Museu do Doce e o Museu da Antropologia e Arqueologia, além de uma sala de cinema, auditório, salas de exposição permanente, uma sala de exposição temporária, espaço para oficinas e ações educativas, um laboratório de conservação, área administrativa, espaço de acolhimento e convivência e um local destinado a estudos e pesquisas. Também a Editora da UFPel terá sede neste Casarão.

Ao observarmos este prédio, enxergamos também as referências de novos usos do patrimônio e sua articulação para que o monumento continue sendo

representativo para a comunidade. Essa discussão foi travada por Choay (2006) na obra “A alegoria do patrimônio”. Em sua reflexão, ela estabeleceu uma relação entre três possíveis novos usos do patrimônio, em especial aos velhos edifícios religiosos, antigos palácios, palacetes particulares, hospitais, casernas etc, que são consideradas obras-primas da arquitetura pré-industrial: culturais; utilitárias de prestígio; e utilitárias comuns. A grande relação dessas três novas funções ocorre quando “os usuários públicos são substituídos pelo mercado privado” (p. 221). No caso do Casarão 8, ela integra a categoria das utilizações culturais, pois está de propriedade de uma Universidade Pública, que em seu espaço deve instalar museus e também espaços de estudo. O Museu do Doce – espaço que reverencia o Doce como patrimônio imaterial da Cidade de Pelotas – deve ser um espaço de circulação pública em seu interior – sejam turistas ou a própria comunidade pelotense.

Quando olhamos para a apropriação por meio das mídias sociais e identificamos os tipos de Comentários contidos naquelas postagens, vemos uma relação peculiar de apropriação do patrimônio, em especial de um monumento que representa a memória e identidade de Pelotas. De acordo com os Comentários da Figura 27, o fato de se ter o prédio restaurado – em restauro na imagem – foi de grande referência aos usuários da rede. Um primeiro Comentário misturou espanto com orgulho: Ator.A.Fig.27 *“É em Pelotas mesmo ??? Fantastica restauração orgulho de ser pelotense.”* A pergunta apareceu por não haver legenda na postagem, o que muitas vezes deixa o usuário da mídia social sem referências ao observar a imagem, em especial quando ela está fora de um contexto de outras imagens. Contudo, na sequência, o próprio administrador da *fanpage* apresentou-se para esclarecer o questionamento, trazendo informações importantes para a postagem, como o nome do referido Casarão, a data do restauro e a quem pertence o prédio hoje. A seguir a mesma pessoa respondeu, manifestando que sabia e que aparentemente tratava-se de uma “pergunta retórica”. O que se explica pelo fato de o primeiro Comentário ser completado com uma expressão de “orgulho de ser pelotense”. Neste caso, embora o usuário soubesse a resposta, o que de fato ele desejava era estabelecer a interlocução com outros internautas e integrantes da rede social.

Um terceiro usuário utiliza-se da postagem para a divulgação de seu livro, que tratava efetivamente da história do Casarão 8. Com a publicação do restauro, nesta página com tráfego de usuários interessados na temática cultural, o

pesquisador e escritor divulgou sua obra. O fato de apresentar um livro escrito sobre o prédio enalteceu ainda mais a sua presença como Patrimônio Cultural, digna de um livro editado.

Finalizando os Comentários da postagem, a expressão de um ator da mídia social, que parece ser morador de fora de Pelotas, mais uma vez enalteceu a edificação, manifestando um encantamento pela cidade e pelos seus casarões. Uma relação que, em muitos casos, caracteriza uma valorização maior de pessoas de fora da cidade – ao enxergarem o Patrimônio Cultural de Pelotas –, ao expressarem elogios. Muitas vezes, essa valorização não é identificada pelos moradores naturais da própria cidade.

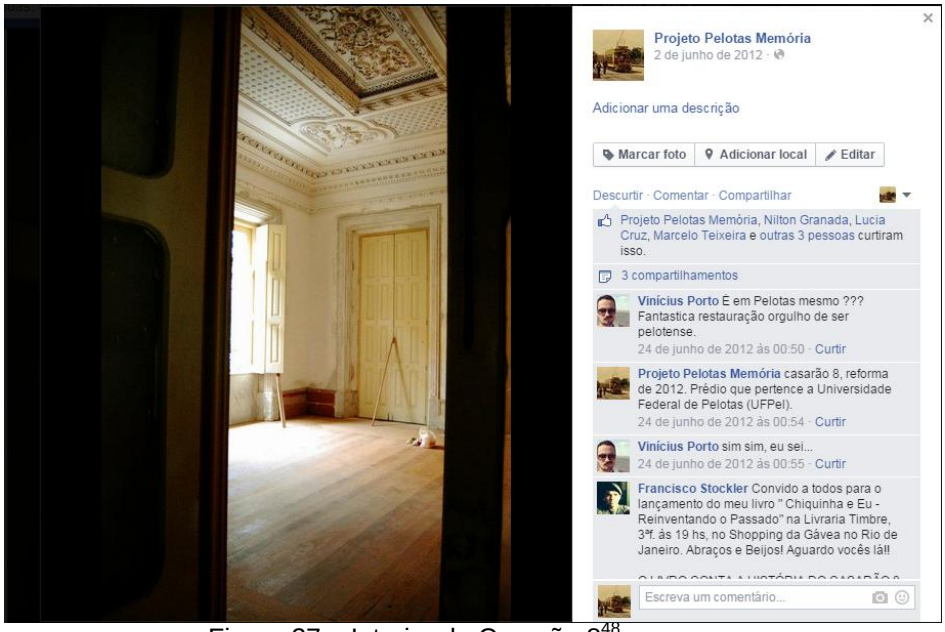


Figura 27 – Interior do Casarão 8[48]
Fonte – Postagem da *fanpage* do Projeto Pelotas Memória

[48] Comentários da postagem referente à Figura 27: Ator.A.Fig.27 “É em Pelotas mesmo ??? Fantastica restauração orgulho de ser pelotense.”; Projeto Pelotas Memória “casarão 8, reforma de 2012. Prédio que pertence a Universidade Federal de Pelotas (UFPel).”; Ator.B.Fig.27 “sim sim, eu sei...”; Ator.C.Fig.27 “Convido a todos para o lançamento do meu livro " Chiquinha e Eu - Reinventando o Passado" na Livraria Timbre, 3ªf. às 19 hs, no Shopping da Gávea no Rio de Janeiro. Abraços e Beijos! Aguardo vocês lá!!”; O LIVRO CONTA A HISTÓRIA DO CASARÃO 8 DA CIDADE DE PELOTAS/RS, ANTIGA RESIDÊNCIA DO CONSELHEIRO DO IMPÉRIO FRANCISCO ANTUNES MACIEL E SUA FAMÍLIA. A EDIÇÃO É COMEMORATIVA AOS 200 ANOS DA CIDADE DE PELOTAS. ENCOMENDAS PELO E-MAIL CHIQUINHAEEU.CASARAO8@GMAIL.COM. VISITEM O BLOG: SERVOLETA.BLOGSPOT.COM. AUTORIA BETH STOCKLER! Obs: está nas Livrarias Mundial e Vanguarda!”; Ator.D.Fig.27 “Por gentileza, qul o endereço desse csarão mravilhoso? obrigada...me encantei por Pelotas”; Projeto Pelotas Memória “Localização: Praça Coronel Pedro Osório, nº 8.”; Ator.D.Fig.27(2) “obrigada.....sou apaixonada por esses casarões.”

3.3.4 Catedral São Francisco de Paula

Em nível estadual, os tombamentos são de responsabilidade do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Rio Grande do Sul (IPHAE-RS). Ao todo, em Pelotas, são oito os monumentos tombados como Patrimônio Cultural – Quartel Legalista (Casa da Banha), Casa dos Assumpção, Catedral São Francisco de Paula, Antiga Escola Eliseu Maciel, Palacete Payssandu, Clube Cultural Fica Ahi Pra Ir Dizendo, Castelo Simões Lopes e Instituto João Simões Lopes Neto (conforme material informativo da SECULT/Pelotas). No entanto, apenas a Catedral São Francisco de Paula integra o estudo, conforme Apêndice A.

A beleza do maior prédio religioso da Cidade de Pelotas passou por algumas etapas antes de se tornar o monumento consagrado que é hoje, tanto por sua arquitetura, quanto pela riqueza artística que é contida nas paredes do interior do prédio. De acordo com Castilho (2004), em 1950, após todas as reformas, o prédio foi concluído, não tendo, a partir de então, novas adaptações. As etapas que compuseram a edificação da Catedral de São Francisco de Paula iniciaram em 1813, com a construção de uma capelinha – onde hoje se encontra a Praça José Bonifácio, endereço da Catedral–, justo no local onde surgiu o povoado que deu origem à cidade. A igrejinha iniciou com características bastante simples, sem torres e sacristias. Credita-se projeto e construção ao próprio vigário da época, Padre Felício da Costa Pereira. A capelinha foi erguida pela necessidade de aproximar a própria comunidade das atividades da Igreja Católica, já que possuía dificuldades em se deslocar até a igreja matriz na Freguesia de Rio Grande em períodos como a quaresma – coincidentemente, período de maior movimento da atividade charqueadora. “Desde que a imagem de São Francisco de Paula foi entronizada em seu altar, a capela sofreu sucessivas e constantes reformas de ampliação e melhoramento” (CASTILHO, 2004, p. 29).

Após a outorga do título de Cidade, em 1835, Pelotas começou a passar por grandes transformações em sua malha urbana, substituindo modelos da arquitetura colonial por construções ecléticas. Foi o desenvolvimento e o enriquecimento por meio do charque que permitiu às elites a contratação de tecnologias avançadas na construção dos prédios, muito pelo então possível contato com a Europa, permitindo que arquitetos e engenheiros executassem prédios que imitavam os modelos do Velho Mundo. Foi com essa influência de diferentes estilos que a igreja foi

construída – contudo, com uma expressão ainda muito simples, mesmo que com uma fachada mais suntuosa, concluída em 1853, como está descrito nas paredes externas do próprio prédio.

Com a decadência do charque no fim do século XIX, a recém-formada elite industrial proporcionou o movimento de construção de uma nova cidade. Foi dentro desse período de desenvolvimento que a Matriz de Pelotas recebeu o título de Igreja Catedral de Pelotas, após a cidade tornar-se sede de bispado, em 1910. A partir disso, a comunidade católica, liderada por benfeitores da época, deu início a novas reformas no templo.

> A fachada foi conservada, mas demoliram o restante do prédio para dar lugar a uma construção mais condizente com a necessidade dos fiéis. O projeto de Frei Niceto Peters ampliou o espaço interior para 570 m^2, com capacidade para 1700 fiéis (CASTILHO, 2004, p. 32).

Mas a configuração atual da Catedral de São Francisco de Paula que conhecemos hoje, Patrimônio Cultural do Estado do Rio Grande do Sul, só foi concluída após a Segunda Guerra Mundial. O bispo Dom Antônio Zattera promoveu as melhorias, fazendo construir o presbitério, a cripta, as sacristias e o salão paroquial. Também remodelou as fachadas laterais (antes em estilo colonial) que passaram a concordar com a principal. Aumentou a nave e edificou a grande cúpula. O destaque, também obra estimulada por Dom Antônio Zattera, foi a decoração de seu interior, com as pinturas murais dos artistas italianos Aldo Locatelli, Emílio Sessa e Adolfo Gardoni.

Embora o legado artístico mantido pela Catedral e sua memória de edificação que acompanhou o período de desenvolvimento da Cidade de Pelotas, foi apenas no ano de 2011 que o prédio recebeu a inscrição no Livro Tombo do IPHAE-RS, tornando-se efetivamente Patrimônio Cultural garantido pelo Estado – antes apenas inventariado pelo Município.

No caso da Catedral de Pelotas, o risco de novos usos do patrimônio, que possam interferir na identidade e na representação do monumento, não se faz presente, pois o prédio permanece sendo o principal templo dos católicos na cidade. E é essa representatividade que dá força à comunidade pelotense na apropriação efetiva desse patrimônio. Isso se fez presente também nas mídias sociais, pois nos Comentários dos atores no Facebook, nas postagens relacionadas ao tema na *fanpage* Projeto Pelotas Memória, os elementos da religiosidade estão presentes,

uma vez que a Catedral foi e continua sendo “palco” para momentos especiais da vida de muitos pelotenses. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Pelotas tem aproximadamente 140 mil pessoas que se denominam da religião Católica Apostólica Romana. No entanto, o patrimônio contido ali não diz respeito apenas aos católicos, mas a toda a comunidade pelotense, uma vez que estão registradas obras de arte com valor singular e também parte da história e memória da cidade.

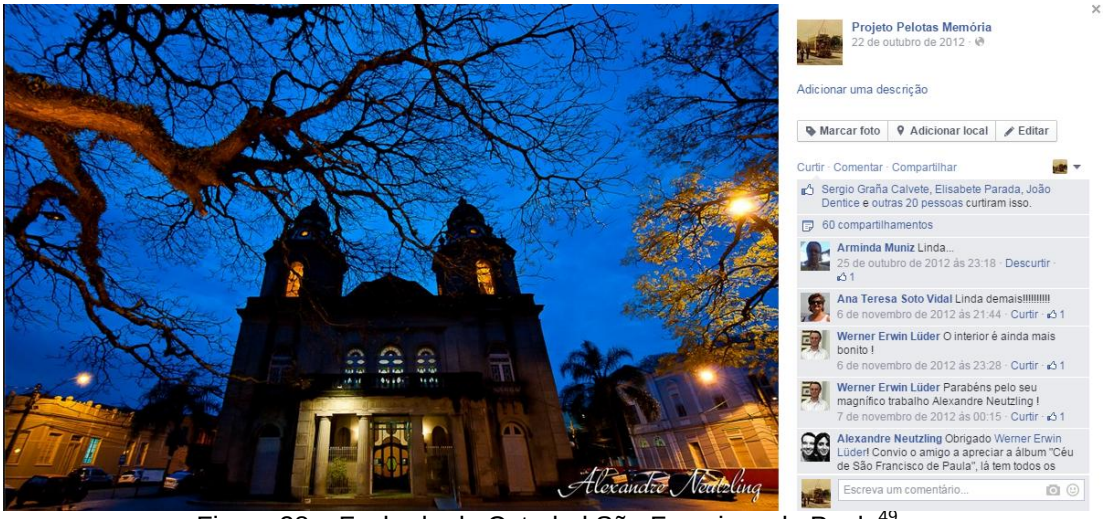


Figura 28 – Fachada da Catedral São Francisco de Paula[49]
Fonte – Postagem da *fanpage* do Projeto Pelotas Memória

No recorte do objeto, duas imagens da Catedral estão presentes. Uma de seu interior, focado na nave central, e outra da sua fachada ao anoitecer, emoldurada pelas árvores da Praça José Bonifácio. Nas manifestações de Comentários observados pela pesquisa, identificamos a presença de pelotenses residentes na cidade, pessoas nascidas em Pelotas e que hoje residem em outro município e também aqueles naturais de outra cidade, mas que conhecem Pelotas.

[49] Comentários referentes à postagem da Figura 28: Ator.A.Fig.28 “Linda...”; Ator.B.Fig.28 “Linda demais!!!!!!!!!!”; Ator.C.Fig.28 “O interior é ainda mais bonito !”; Ator.C.Fig.28 “Parabéns pelo seu magnífico trabalho Alexandre Neutzling !”; Alexandre Neutzling (produtor da imagem) “Obrigado Werner Erwin Lüder! Convio o amigo a apreciar a álbum ‘Céu de São Francisco de Paula’, lá tem todos os detalhes das pinturas de Locatelli, no interior da Catedral. Abraço e obrigado mais uma vez!”; Ator.C.Fig.28 “Obrigadoo pelo convite !”; Ator.B.Fig.28 “É que a gente conhece muitos desses lugares, mas a fotografia artística dá o que às vezes o descuido não enxerga! Fotografia é isso ai mesmo: o espanto do comum!”; Ator.D.Fig.28 “Lindaaaaa!!!!!!”; Ator.E.Fig.28 “que imagem deslumbrante, me arremete ao passado que jamais vivi mas que me da impressão que em outra vida estive lá, como pode algo tão lindo que passa a sensação de antiguidade meio ao modernismo, perfeita captura desta imagem, parabéns.”; Ator.F.Fig.28 “QUE SAUDADES!”; Ator.G.Fig.28 “Volta amiga! Pelotas te espera de braços abertos!Eu tmb bj”

Sem contar os adjetivos expressados – Comentários classificados como Nº 2 no Apêndice A –, em ambas as representações fotográficas estavam contidos elementos memoriais e que reverenciavam o patrimônio, sinais de apropriação. A imagem da fachada fez mexer com os sujeitos da mídia social a ponto de, em muitos momentos, o patrimônio ser mais valorizado por meio da fotografia do que propriamente em sua expressão real em três dimensões. Pois, como diz Rouillé (apud CARVALHO, 2013 p. 330), "cada percurso na cidade desenvolve uma infinidade de visadas efêmeras, que se desfazem com o movimento, que mudam com as perspectivas, que variam com os pontos de vista". A expressão do Ator.B.Fig.28 chama a atenção ao reverenciar imagens que muitas vezes passam despercebidas, mas que se tornam destacadas pela fotografia: "*É que a gente conhece muitos desses lugares, mas a fotografia artística dá o que às vezes o descuido não enxerga! Fotografia é isso ai mesmo: o espanto do comum!"*.

Destacado também foi o comentário de Ator.E.Fig.28, que dá à mídia social um olhar atemporal ao manifestar: *"Que imagem deslumbrante, me arremete ao passado que jamais vivi mas que me da impressão que em outra vida estive lá, como pode algo tão lindo que passa a sensação de antiguidade meio ao modernismo, perfeita captura desta imagem, parabéns".* O Comentário pode ter relação com o que Ricoeur (2010, p. 56) falou sobre a fenomenologia da memória, pela qual "o conhecimento histórico restitui seu objeto ao reino do passado decorrido, fazendo dele o que Michel de Certeau denominava o 'ausente da história'".

As memórias evocadas pelas imagens da Catedral estiveram presentes, justamente por este local fazer parte de momentos significativos da vida dos pelotenses. A memória de uma criança, hoje já adulta, que adentrou a igreja carregando as alianças do casamento de sua irmã, por exemplo. Em sua lembrança, a beleza daquele prédio na década de 1970 permanece forte: *"Minha irmã casou nela, e eu fui pagem deveria ter uns 07 anos. Saudade, está foto é atual? Se for continua linda, tem mais de 35 anos que não não vou a Pelotas"*. Ao fazer o questionamento se a fotografia era atual, reforçou a lembrança daquilo que estava escrito em sua memória, com a expressão: *"... continua linda"* e finaliza descrevendo que há mais de 35 anos não retorna à cidade.

A possibilidade de a imagem chegar até os lugares mais distantes, por meio da internet, dá o que Levy (2010) chamou de "telepresença", como item integrado de

um dos pilares que constituem a Cibercultura: a interconexão. Assim, o reconhecimento do patrimônio extrapola o espaço tradicional, permitindo que essa relação permaneça viva por meio do dispositivo tecnológico, fazendo com que sua identidade seja reforçada mediante a memória revisitada.

Também a expressão de práticas religiosas está inserida nos Comentários. A menção de Ator.C.Fig.29 apresenta esse aspecto da apropriação do patrimônio que é cultural e religioso. A expressão *"Linda... Adoro ir a igreja e ficar olhando as pinturas..."* manifesta uma prática recorrente de muitas pessoas. O encantamento e o desenrolar das narrativas bíblicas contadas através das pinturas murais o encantavam.

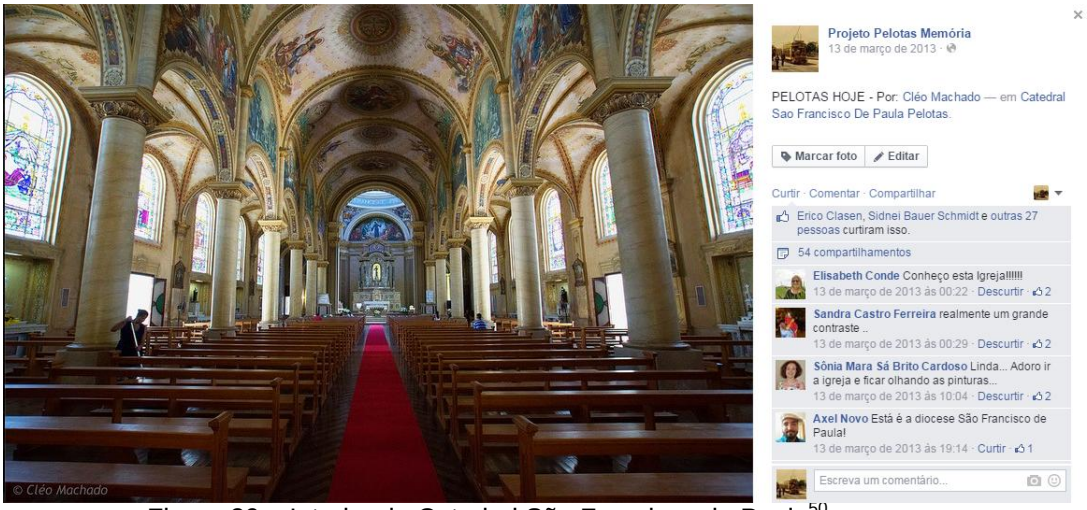


Figura 29 – Interior da Catedral São Francisco de Paula[50]
Fonte – Postagem da *fanpage* do Projeto Pelotas Memória

Outra expressão de apropriação esteve no Comentário do Ator.F.Fig.29, ao descrever: *"É meu chão Bárbara Vargas Echevenguá. Bjs*". Com essa frase, o ator manifestou a afeição por sua terra e ainda mencionou outra pessoa da rede, aparentemente uma pessoa amiga; mesmo alguém que talvez não conhecesse a Cidade de Pelotas pessoalmente, mas apenas por meio de histórias contadas pelo próprio Ator.F.Fig.29. O ato do referido ator foi de querer compartilhar algo que era de valor para ele.

[50] Comentários referentes à postagem da Figura 29: Ator.A.Fig.29 "Conheço esta Igreja!!!!!!"; Ator.B.Fig.29 Sandra Castro Ferreira "realmente um grande contraste .."; Ator.C.Fig.29 "Linda... Adoro ir a igreja e ficar olhando as pinturas..."; Ator.D.Fig.29 "Está é a diocese São Francisco de Paula!"; Ator.E.Fig.29 "Minha irmã casou nela, e eu fui pagem deveria ter uns 07 anos. Saudade, está foto é atual? Se for continua linda, tem mais de 35 anos que não não vou a Pelotas."; Ator.F.Fig.29 "È meu chão Bárbara Vargas Echevenguá. Bjs".

3.3.5 Mercado Central de Pelotas

O Mercado Central é patrimônio tombado pelo Município de Pelotas. Da mesma forma que a Catedral, o Mercado mantém até hoje sua função original para a qual foi criado. Nos últimos anos, o prédio passou por uma grande reforma e restauração. Os contratos com os locatários foram rescindidos para que um "novo tempo" no Mercado Central de Pelotas se iniciasse. De acordo com reportagens do Diário Popular,[51] no ano de 2013 o Mercado reabriu suas portas após a reforma, ainda que sem comerciantes. A abertura foi para que a comunidade pudesse conhecer o local então restaurado. Em meio a esse período, um plano de vendas desenvolvido pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Turismo (SDET) permitiu a instalação de novos locatários das bancas do Mercado Central. Embora com um processo lento, com uma adesão vagarosa aos editais de licitação, hoje o espaço encontra-se com a maior parte de suas lojas ocupadas, com o mix de produtos de acordo com aquilo que foi planejado para esse "novo" Mercado Central. As grandes críticas foram a falta de movimento dos consumidores, que, segundo Santos (2014), são fruto de algumas mudanças na proposta e também dos novos hábitos de compra, com o surgimento de supermercados, macroatacados, *shopping centers* e outras possibilidades.

Com isso, foram buscadas estratégias que promovessem uma circulação maior da comunidade, com ações culturais envolvendo o prédio que é histórico e também cultural. Como exemplo, podemos citar o Mercado das Pulgas, que iniciou em 2014, com a exposição e comercialização de artefatos antigos, como uma espécie de *brick*. (WALTZER, 2014). A iniciativa tem movimentado o centro da cidade aos sábados e levado consumidores e curiosos até o Largo Edmar Fetter, possibilitando que circulem pelo interior do prédio. Nestes mesmos dias, artistas têm-se apropriado do espaço para expor seu trabalho, como música, artes visuais etc. Além disso, no interior do Mercado é realizada, uma vez ao mês, uma roda de samba, trazendo um pouco do espírito boêmio e popular que também integra o imaginário do entorno do Mercado Central de Pelotas e de outros mercados dessa natureza no mundo todo (SANTOS, 2014). Todas essas ações vêm para compor e

[51] Algumas notícias referentes aos processos de reforma no Mercado e de inserção dos comerciantes estão disponíveis neste endereço de busca *online* do Diário Popular: <http://www.diariopopular.com.br/index.php?n_sistema=3075&chave_busca=798478869> (acesso em 22 de maio de 2015).

integrar a trajetória desse prédio histórico em um tempo distinto daquele em que este foi idealizado.

Conforme os históricos do Mercado (SANTOS, 2014; PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS, s/d), a obra foi sonhada e iniciada em 1848, com projeto de Rafael Mendes de Carvalho. Devido a dificuldades financeiras, no ano seguinte a proposta arquitetônica passou por mudanças que foram adequadas por Roberto Offer. Tratava-se de um edifício quadrado, com pátio central e acesso pelas esquinas. No período de 1911 a 1914, um novo projeto de remodelação foi proposto pelo arquiteto Manoel Itaqui, os acessos principais foram deslocados para as laterais e o pátio cortado por uma circulação em forma de cruz. Também a torre do relógio foi substituída por uma de ferro, vinda da Alemanha, como uma imitação inspirada na Torre Eiffel. Em 1969, um incêndio atingiu boa parte do Mercado, que passou por significativas reformas após o ocorrido. Após esse período, o Mercado foi alvo de projetos que previam sua destruição ou mesmo a sua total descaracterização.

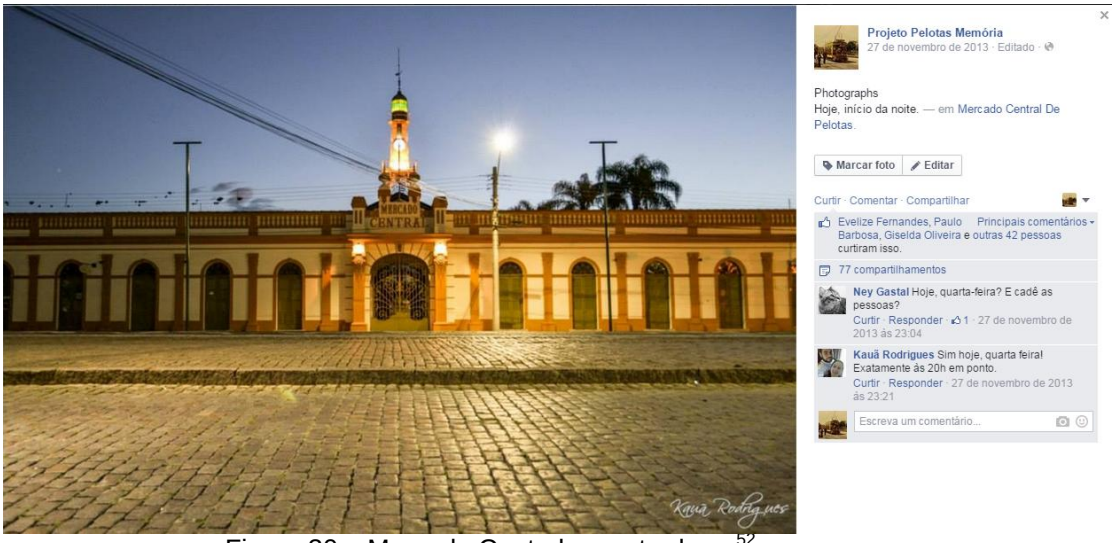


Figura 30 – Mercado Central ao entardecer[52]
Fonte – Postagem da *fanpage* do Projeto Pelotas Memória

Hoje, embora sejam desenvolvidas atividades que busquem evidenciar o vulto cultural e patrimonial do Mercado Central, ainda existem muitas pessoas que não demonstram essa referência, em especial manifestando – por meio dos Comentários na mídia social – que todas essas ações de restauração e reorganização só prejudicaram a "vida" do Mercado. Por esse viés, o espaço que é

[52] Comentários referentes à postagem da Figura 30: Ator.A.Fig.30 "Hoje, quarta-feira? E cadê as pessoas?"; Ator.B.Fig.30 "Sim hoje, quarta feira! Exatamente às 20h em ponto."

público também é explorado pelo setor privado, ou seja, toda a movimentação de comércio no local é mantida por empresários dos ramos que compõem a gama de produtos comercializados no local.

Nesse cenário, a relação entre o individual e o coletivo fica evidente. De um lado, a relação com a memória, a identidade e o patrimônio; de outro, a sobrevivência de famílias que podem perder seus negócios – em função do Decreto 5.571, que instituiu a nova linha de produtos e serviços do Mercado.[53] Em muitos casos, estes vinham de famílias que há anos desenvolviam suas atividades no Mercado Central. Essa tensão entre público e privado, individual e coletivo ficou exposta por meio da reforma do Mercado e das novas políticas para o funcionamento do local, conforme estipula o Decreto acima citado, que institui o novo regramento dos permissionários com investimentos no Mercado Central.

A apropriação desse patrimônio por meio das mídias sociais também demonstrou essa tensão. De um lado, Comentários que enalteciam a representação patrimonial e este prédio histórico integrante do Centro Histórico de Pelotas; ao mesmo tempo, o contraste de olhares contrários a essa nova política para o Mercado. Embora seja apenas uma opinião contrária, ela se apresenta bem contundente e até com sentido da ironia quanto às ações que foram utilizadas para com o Mercado: *"PERDERAM A CHANCE DE TRANSFORMA-LO NUM CAMELODROMO... TODOS IRIAM AI... QUEM QUER POR UM NEGOCIO NO MERCADO CENTRAL??? SO LOKO..."* – Comentário de Ator.D.Fig.35. Embora por meio de sua página pessoal nada, em aparência, apresente o Ator como alguém que tivera perda de negócios com as novas regras de permissionários, o seu Comentário é um contraponto em meio aos demais. A fala pode ter sido suscitada de um tempo em que o Mercado Central era cercado pelos camelôs da cidade, que ocupavam toda a Praça Sete de Julho, pelas ruas Lobo da Costa e Quinze de Novembro. Os abrigos de ônibus para alguns bairros também eram concentrados ali. Esses dois elementos poderiam ser vistos como garantidores de público e movimento para o Mercado; no entanto, a presença de bancas de camelôs naquele espaço ofuscava o prédio do século XIX e prejudicava a paisagem em pleno Centro Histórico.

[53] Decreto de 11 de setembro de 2012 que define, conceitua e identifica os espaços existentes no Mercado Central de Pelotas e institui normas e procedimentos de utilização e funcionamento municipal e dá outras providências (PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS, 2012).

Por se tratar de uma página que trata de memória, a tese foi de que essa comunidade virtual formada em torno da *fanpage* buscava efetivamente reverenciar a memória e o patrimônio da cidade, o que realmente ocorreu nos demais Comentários. O que devemos deixar claro é que a presença de um só Comentário dissidente não pode ser considerado como uma minoria desse pensamento. Estamos tratando de um olhar recortado por meio de uma página que trata de assuntos referentes à memória da cidade; logo, é natural que as temáticas de preservação e valorização do patrimônio estejam mais presentes nos Comentários.

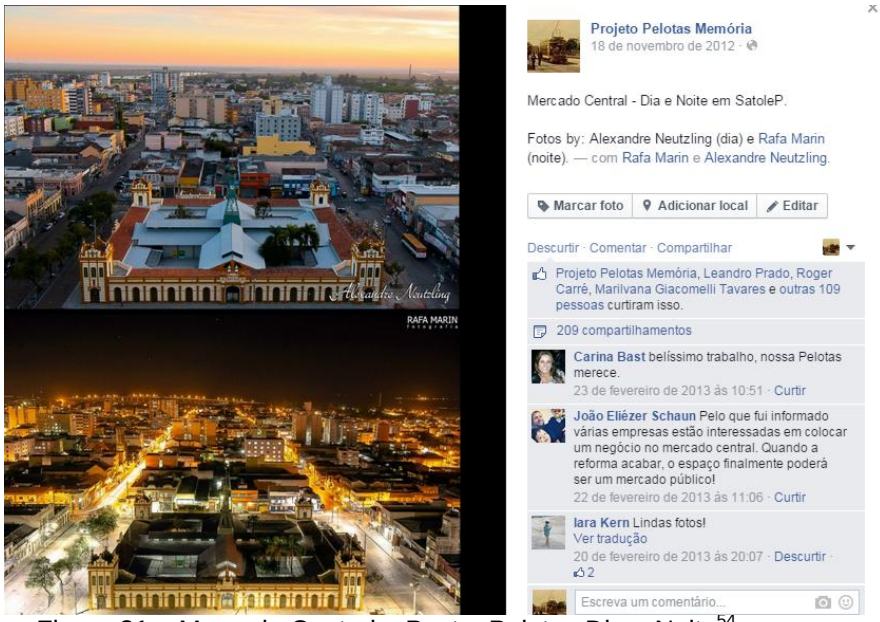


Figura 31 – Mercado Central – Pasta: Pelotas Dia e Noite[54]
Fonte – Postagem da *fanpage* do Projeto Pelotas Memória

Pudemos ver isso nos demais Comentários das postagens sobre o Mercado. Novamente, além dos adjetivos e das expressões de prazer, alguns elementos fortes se tornam presentes. Um deles foi a alegria de um professor universitário em ver a presente obra sendo executada e por seus alunos terem integrado o grupo que desenvolveu parte do projeto de engenharia e arquitetura da reforma:

[54] Comentários referentes à postagem expressa na Figura 31: Ator.A.Fig.31 “belíssimo trabalho, nossa Pelotas merece.”; Ator.B.Fig.31 “Pelo que fui informado várias empresas estão interessadas em colocar um negócio no mercado central. Quando a reforma acabar, o espaço finalmente poderá ser um mercado público!”; Ator.C.Fig.31 “Lindas fotos!”; Ator.D.Fig.31 “PERDERAM A CHANCE DE TRANSFORMA-LO NUM CAMELODROMO... TODOS IRIAM AI... QUEM QUER POR UM NEGOCIO NO MERCADO CENTRAL??? SO LOKO...”; Ator.E.Fig.31 “Lindo”; Ator.F.Fig.31 “Estas duas fotos (dia e noite) me enchem de orgulho. Nelas vejo a concretização do excelente projeto que a UCPel aceitou fazer e desenvolveu com o apoio de meus alunos das Engenharias e da Arquitetura. TODA A QUALIDADE DE NOSSOS CURSOS, TAMBÉM, SÃO MOSTRADAS PELOS TRABALHOS PRESTADOS A NOSSA CIDADE E REGIÃO. ASSIM EH UMA UNIVERSIDADE DE VERDADE.”; Ator.G.Fig.31 “Perfeito.”

> Ator.F.Fig.31 *“Estas duas fotos (dia e noite) me enchem de orgulho. Nelas vejo a concretização do excelente projeto que a UCPel aceitou fazer e desenvolveu com o apoio de meus alunos das Engenharias e da Arquitetura. TODA A QUALIDADE DE NOSSOS CURSOS, TAMBÉM, SÃO MOSTRADAS PELOS TRABALHOS PRESTADOS A NOSSA CIDADE E REGIÃO. ASSIM EH UMA UNIVERSIDADE DE VERDADE.”*

Pelo que o Comentário acima afirma, podemos perceber que o novo projeto passou por uma discussão com a comunidade – no mínimo, a acadêmica – que no quesito restauro foi estabelecida.

Também se observou uma manifestação eminentemente contrária à anterior– *“QUEM QUER POR UM NEGOCIO NO MERCADO CENTRAL??? SO LOKO...”*. Embora esta seja feita com aproximadamente um ano de distância uma da outra, elas são opostas: uma expressa o otimismo e a outra, com o olhar cínico, não vê possibilidade de sucesso.

Figura 32 – Mercado Central e céu nublado[55]
Fonte – Postagem da *fanpage* do Projeto Pelotas Memória

Por meio da mídia social também ocorreram expressões de memórias da infância, como o Comentário feito por Ator.B.Fig.32: *“só eu que imaginava o relógio decolando?”*. Uma efetiva lembrança, fruto da imaginação de uma criança.

Esse olhar pode nos direcionar a relação de memória e imaginação feita por Paul Ricoeur (2010, p. 40):

[55] Comentários referentes à Figura 32: Ator.A.Fig.32 “Tá profissional hem?!”; Allam Mello (produtor da imagem) “Pra isso servem os amigos.... Ajuda... hehehehehe Obrigado Débora.”; Allam Mello “Boa observação José...”; Ator.B.Fig.32 “só eu que imaginava o relógio decolando?”

> Uma ambição está vinculada à memória: a de ser fiel ao passado; [...] Se podemos acusar a memória de se mostrar pouco confiável, é precisamente porque ela é o nosso único recurso para significar o caráter passado daquilo que declaramos nos lembrar. Ninguém pensaria em dirigir semelhante censura à imaginação, na medida em que esta tem como paradigma o irreal, o fictício, o possível e outros traços que podemos chamar de não posicionais.

3.3.6 Solar da Baronesa

Outro dos prédios históricos de Pelotas que esteve no recorte desta pesquisa foi o Solar da Baronesa, tombado como Patrimônio Municipal por meio do Decreto 2708/82 (PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS, 1982). Conforme referências do *site* do Museu da Baronesa,[56] o prédio é considerado um belo exemplar arquitetônico do século XIX e seu material de acabamento foi trazido direto da Europa. O local pertenceu ao Barão dos Três Serros, que o recebeu por presente de seu pai, o Coronel Antunes Maciel, na ocasião de seu casamento com a Sinhá Amélia Hartley de Brito. E foi a personalidade singular desta dama que tornou conhecida a chácara dos Barões como sendo o Solar da Baronesa. A última moradora do prédio foi Déa Antunes Maciel, neta dos Barões.

O prédio foi restaurado pela Prefeitura Municipal, em um trabalho que durou aproximadamente três anos. Com esse restauro foi inaugurado o Museu Municipal Parque da Baronesa, entregue à comunidade pelotense em 1982. Hoje, o parque, situado em uma área de aproximadamente sete hectares, tem como função essencial o lazer cultural. O museu conta com um acervo de mais de mil peças, em que se destacam uma coleção de móveis e acessórios pertencentes à família Antunes Maciel e uma coleção pertencente ao artista plástico Adail Bento Costa, contendo móveis, leques, porcelanas, pratarias, armários, paramentos, vestes, fardas militares e imagens em madeira.

A imagem na mídia social foi originária do álbum “Especial: Parque Museu da Baronesa” (v. Figura 33). Dentre as várias fotografias postadas ali, uma das imagens da fachada originou Comentários que permitem o ingresso dessa imagem na pesquisa. A sua publicação não foi acompanhada de legenda, não apresentando informações referentes à imagem para pessoas que não estavam familiarizadas com o prédio.

[56] O *site* do Museu da Baronesa em Pelotas é: <http://www.museudabaronesa.com.br>.

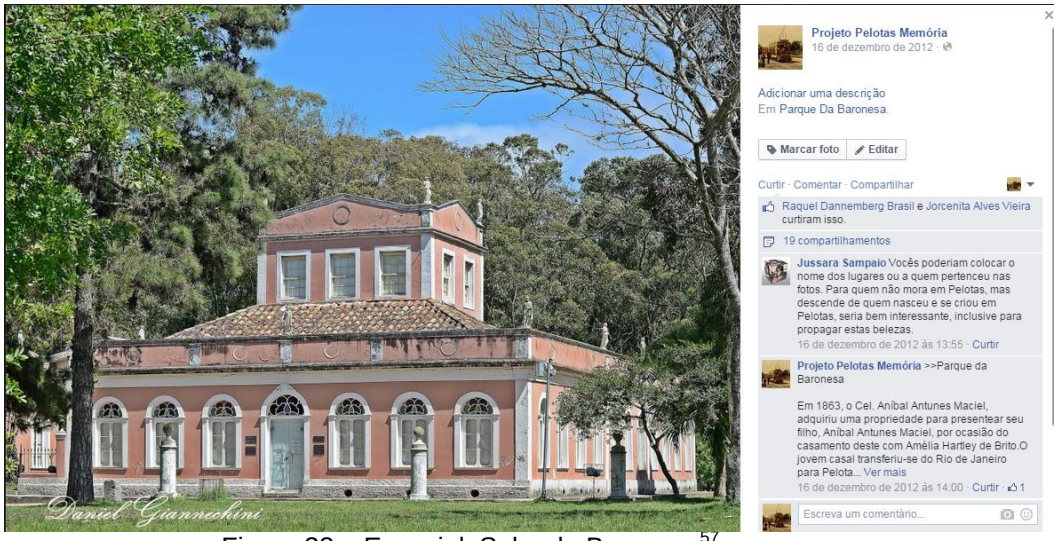


Figura 33 – Especial: Solar da Baronesa[57]
Fonte – Postagem da *fanpage* do Projeto Pelotas Memória

Nesse caso, o primeiro Comentário de um ator da mídia social manifestou uma crítica ao não aparecimento de uma legenda, o que não permitiria que outras pessoas – em alguns casos não identificadas com o ambiente – pudessem entender de que patrimônio se tratava. Embora os álbuns tragam um texto com um arrazoado histórico do patrimônio em questão, a foto pode ter sido compartilhada isoladamente, lançando a imagem/postagem para outras redes. Nesse caso, alguém que não está

[57] Comentários referentes à postagem da Figura 33: Ator.A.Fig.33 “Vocês poderiam colocar o nome dos lugares ou a quem pertenceu nas fotos. Para quem não mora em Pelotas, mas descende de quem nasceu e se criou em Pelotas, seria bem interessante, inclusive para propagar estas belezas.”; Projeto Pelotas Memória “>>Parque da Baronesa Em 1863, o Cel. Aníbal Antunes Maciel, adquiriu uma propriedade para presentear seu filho, Aníbal Antunes Maciel, por ocasião do casamento deste com Amélia Hartley de Brito.O jovem casal transferiu-se do Rio de Janeiro para Pelotas e, durante os 23 anos de matrimônio, tratou de melhorar as condições da chácara. Ampliou-a e transformou-a numa construção. Ocupando uma área de aproximadamente 7 hectares, e uma construção de 820 m², com 22 peças e um pátio interno. De base quadrada, com pátio central, encimada por uma camarinha. Do lado esquerdo e interligada ao solar, em uma varanda decorada com lambrequins, foi edificado o salão de festas (capela). Nos fundos, foi construída a torre de banhos (apresenta azulejos europeus e banheira com fundo de mármore). O solar une harmoniosamente a arquitetônica neoclássica e colonial brasileiro. Contornando todo o conjunto, foram cultivados vários jardins: um ao gosto francês (rígido e simétrico pelo desenho dos canteiros, chafariz e elementos decorativos) e um ao gosto inglês (pitoresco, com uma gruta labirintiforme construída com pedras superpostas, com interior em pedras de quartzo, vindas de carroça de Quaraí. Na sua cúpula, foi gravado o nome da primeira anfitriã: Amélia, a Baronesa dos Três Serros. A água canalizada da gruta forma dois lagos. Sobre estes, pontes rústicas. Também foi erguido um "castelinho" para acolher coelhos e pombos). Aníbal Antunes Maciel (Rio Grande, 4 de setembro de 1838 Pelotas, 22 de março de 1887), ganhou notoriedade pela alforria concedida a seus escravos, em 1884, muito antes da Lei Áurea, fato que o fez ser agraciado com o título de Barão dos Três Serros, por decreto do Imperador Dom Pedro II. A última moradora da residência foi Déa Antunes Maciel, neta dos barões. Após, o prédio foi restaurado, e entregue a comunidade pelotense em 1982, como Museu Municipal Parque da Baronesa. Possuindo um acervo de mais de mil peças conservadas.”; Ator.A.Fig.33 “Foi ótimo tomar conhecimento, pois haviam me dito aquí em Porto Alegre que o solar havia sido construído muito antes e quem havia habitado teria sido uma sobrinha de Bento Gonçalves.”

ligado à *fanpage* pode ter sido impactado, necessitando de orientações para a leitura daquela imagem. Nesse aspecto, a reivindicação de conteúdo explicativo foi legítima, e, ainda, mais legítima foi a resposta dada pelo próprio administrador da *fanpage*, que apresentou o texto introdutório do álbum para contemplar a solicitação da informação. De imediato o retorno apareceu, com um agradecimento em forma de Comentário da postagem. Neste retorno, o texto elucidou àqueles que não conheciam efetivamente a história da terra, permitindo inclusive que fossem corrigidos equívocos históricos, muitas vezes contidos nessas narrativas com poucas referências. A relação fica aproximada pela apropriação de pessoas que, mesmo não sendo naturais de Pelotas, se interessam pela memória da cidade, por terem algum vínculo familiar ou mesmo por interesse no patrimônio cultural.

3.3.7 Paço Municipal

No ano de 1986, outros prédios do patrimônio histórico e cultural de Pelotas também receberam o tombamento pelo poder municipal. Um destes foi o Paço Municipal, que abriga o Gabinete do Prefeito de Pelotas. Conforme o site da SDET (PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS, s/d), o prédio foi erguido entre os anos de 1878 e 1881 com o propósito de abrigar a Câmara Municipal de Pelotas. Com a nomeação de Gervásio Alves Pereira, em 1891, como primeiro Intendente de Pelotas, o prédio chegou a abrigar a Câmara de Vereadores, o Gabinete do Intendente (Prefeito) e também a Secretaria de Finanças. Com o passar do tempo, a Câmara e as Finanças deixaram o prédio, ocupando outros espaços. Mais recentemente, foi criada – no térreo – a Sala Frederico Trebbi, destinada a exposições de arte e cerimônias diversas.

No entanto, os Comentários oriundos da postagem do Paço Municipal não se referiram diretamente ao prédio que abriga o Gabinete do Prefeito, com expressões que enalteçam o patrimônio, nem tampouco à centralidade do Poder Executivo que se concentra ali. Os Comentários se detiveram nos traços da memória despertada por meio da imagem como um todo. Não há uma datação específica da fotografia e em sua legenda constava apenas o registro de século XX.

A imagem tem traços e características de ter sido colorizada, dando a ela uma aura e uma poesia visual, o que hoje, com os recursos da fotografia digital, é tão bem explorado nesta relação de arte e técnica. A foto tem como paisagem o

prédio da Prefeitura Municipal, uma pessoa atravessando a rua, um carro antigo transitando e também a iluminação pública em postes com luz a querosene. Uma manifestação de que esses tempos deveriam ser bons foi um dos enfoques de um dos atores que reverenciava aquela época.

Figura 34 – Paço Municipal – Prefeitura de Pelotas[58]
Fonte – Postagem da *fanpage* do Projeto Pelotas Memória

Outro Comentário foi referente ao voltar ao passado, desejando viver em um tempo sem as tecnologias que fazem com que nosso dia-a-dia seja tão corrido. Manifestou também que gostaria de sua cidade linda – expressão que dá a entender que não a percebe mais com tal beleza – e encerra a expressão fazendo uma declaração de amor: *"AMO PELOTAS"*. Em meio às reverências à memória da cidade, um dos atores pareceu sentir-se lisonjeado por ter vivenciado parte desta época em que muitos gostariam de ter vivido – ou ao menos visitado em uma máquina do tempo. O Ator.D.Fig.34 declarou: *"NOS MEUS 70 ANOS VIVI UM POUCO DESSA MARAVILHA DE TEMPO"*. Ele cita ainda o *"carnaval da rua Quinze"* e *"ir até o fim da linha do bonde"*. No final parece entristecido ao ter voltado

[58] Comentários referentes à Figura 34: Projeto Pelotas Memória "Prefeitura Municipal de Pelotas"; Ator.A.Fig.34 "Estes tempos deviam ser muito bons!"; Ator.B.Fig.34 "Compartilhar"; Ator.C.Fig.34 "O Projeto é muito lindo!!!"; Ator.D.Fig.34 "como eu queria viver por alguns dias nesse tempo.. sem poluição, sem internet... ah eu queria minha cidade linda... AMO PELOTAS.."; Ator.E.Fig.34 "Que lindo!"; Ator.F.Fig.34 "história é uma paixão se eu pudesse voltar no tempo. por onde ando fico imaginando as pessoas que ali viveram ...."; Ator.G.Fig.34 "Pois minha cara denhora Michele Rezende,eu tenho a mesma vontade. NOS MEUS 70 ANOS VIVI UM POUCO DESSA MARAVILHA DE TEMPO. CARNAVAL NA RUA XV COM DIREITO A CORSO. GOSTARIA, EU, DE ENTRAR EM UM BONDE E IR ATÉ O FIM DA LINHA DO BAIRRO AREAL E DEPOIS SEGUIR A PÉ ATÉ O FINAL. JURO, DEPOIS ACORDARIA E VOLTARIA PARA ESSA POLUIÇÃO TODA.".

da viagem pela memória: *“JURO, DEPOIS ACORDARIA E VOLTARIA PARA ESSA POLUIÇÃO TODA.”*

Já a expressão que mais faz uma conexão com o patrimônio é o comentário de Ator.F.Fig.34, ao dizer: *“Por onde ando fico imaginando as pessoas que ali viveram ....”*. A expressão dá a entender que foi o Patrimônio Cultural que motivou essa imaginação. Ao olhar para os prédios ou para os referenciais das tradições, é despertando a memória e ativando a imaginação de como as pessoas se comportavam no cotidiano da cidade e na relação com os prédios que hoje conservamos e declaramos patrimônio.

3.3.8 Grande Hotel

Outro prédio tombado em 1986 foi o do Grande Hotel, que tem em sua história o acolhimento de grandes personalidades, como Osvaldo Aranha, Flores da Cunha e Getúlio Vargas, que, segundo consta, quando Presidente da República fizera pronunciamentos ao povo desde a sacada de esquina do prédio (PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS, s/d).

Com uma grande importância arquitetônica, o prédio foi projetado pelo engenheiro Theóphilo Borges de Barros, que se considerava integrante do movimento moderno, porém, com uma clara inspiração clássica. A construção possuía quatro pavimentos e porão habitável. O hotel contava com 68 quartos, quatro apartamentos, duas suítes, salão de chá, um enorme *hall* e restaurante. A cúpula e a claraboia feitas de bronze fundido foram importadas da França. Em 1922 o intendente local, Pedro Luis Osório, lançou a ideia de construir o prédio, quando foi criada a Companhia Incorporadora Grande Hotel, estabelecida por meio de um sistema de ações. A inauguração do Grande Hotel foi realizada com todas as pompas no ano de 1928. Desde que abriu as portas, o espaço constantemente sediava festas da elite pelotense.

No mesmo mês de inauguração, o empreendimento foi municipalizado e ficou sob tutela da Prefeitura Municipal de Pelotas até o ano de 1962. Durante esse período, foi alugado e arrendado por duas empresas. Em 1962, o prédio foi adquirido por Pedro Elba Zabaleta e permaneceu sob administração da família até 2001, quando fechou. Ainda no mesmo ano, ele foi readquirido pela Prefeitura Municipal por meio de desapropriação consentida.

Tombado pelo Patrimônio Municipal, o prédio do Grande Hotel recebeu duas intervenções de restauro pelo Programa Monumenta.[59] A primeira obra foi realizada em 2004, quando, após a conclusão, o espaço seria destinado a receber um Centro Administrativo Municipal, abrigando algumas secretarias de governo. Por outro lado, o segundo processo de restauro foi oficializado após a viagem de uma equipe de gestores municipais à cidade espanhola de Valência, em visita ao Centro Superior de Hotelaria e Turismo, com intenções de instalarem ali um espaço de ensino destinado à hotelaria, conforme reportagens do Diário Popular (2009-2015).[60] Dessa forma, esse segundo projeto, executado em 2009, pretendeu mesclar história, ensino e serviços. No ano de 2011 foi iniciada a negociação para a doação do prédio para a UFPel, a qual teria a missão de implantar o Hotel-Escola.

Figura 35 – Grande Hotel | Praça Cel Pedro Osório[61]
Fonte – Postagem da *fanpage* do Projeto Pelotas Memória

Atualmente, o espaço é sede do curso de Tecnologia em Hotelaria da UFPel e recebe alunos de diversas localidades do país para sua graduação. No entanto, a

[59] O Monumenta é um programa estratégico do Ministério da Cultura que conta com o apoio da UNESCO. Resulta de um contrato de empréstimo entre o BID e o Governo Federal. Seu conceito é inovador e procura conjugar recuperação e preservação do patrimônio histórico com desenvolvimento econômico e social. Ele atua em 26 cidades históricas protegidas pelo IPHAN. Em Pelotas, o Programa Monumenta iniciou em 2001 e foi um instrumento de educação, difusão, reconhecimento e preservação da paisagem histórica e cultural (ZAMBRANO; CAETANO, 2012, p. 68).

[60] Algumas reportagens do Diário Popular sobre o tema “Grande Hotel” podem ser vistas no seguinte endereço: <http://www.diariopopular.com.br/index.php?n_sistema=3075&chave_busca=499483382> (acesso em 21 de abril de 2015).

[61] Comentários referentes à Figura 35: Ator.A.Fig.35 “Não conheço nenhuma praça em Pelotas com o nome Praça Central. Eu conheço Praça Cel. Pedro Osório.”; Ator.B.Fig.35 “pois então...é o que eu estava pensando e muitas e muitas vezes a atravessei na minha adolescência.”

segunda fase do restauro, também prevista pelo Monumenta, ainda não teve início, o que, por consequência, também impede que o espaço efetivamente volte a receber hóspedes.

Pela perspectiva dos novos usos do Patrimônio Cultural, a redefinição do pensamento do poder público pelotense foi dos mais nobres, desistindo da ideia de transformar o espaço em centro administrativo, o que, conforme Choay (2006), descaracterizaria sua essência e poderia comprometer sua memória. A decisão de reestruturá-lo como hotel, dando a ele também um caráter educacional nesta cidade em que se concentra um polo de educação, contribui mais acertadamente – também segundo a autora – para sua preservação enquanto Patrimônio Cultural.

No entanto, este espaço que abrange uma parte da paisagem central da área urbana de Pelotas, fotografado por turistas e por residentes, não apresentou nenhuma apropriação relevante por meio das mídias sociais. A imagem recortada para a pesquisa não trouxe nenhum Comentário referente especificamente ao prédio do Grande Hotel. Os Comentários focaram-se na Praça Coronel Pedro Osório, ante a qual o Grande Hotel fica localizado. A primeira manifestação foi de uma pessoa que “corrige” a legenda da foto, a qual descrevia “Praça Central”. O Comentário contesta essa legenda, ao dizer que em Pelotas não conhece nenhuma praça com esse nome. E manifesta: “... Eu conheço Praça Cel. Pedro Osório”. Na sequência, outra pessoa também identifica o “equívoco” e soma ao Comentário a lembrança de sua adolescência ao cruzar o interior da Praça.

3.3.9 Ponte sobre o Arroio Santa Bárbara

Outro patrimônio tombado pelo Município é a Ponte de Pedra sobre o Arroio Santa Bárbara. As águas do referido arroio cortavam parte do que hoje é zona central da Cidade de Pelotas, com intensa circulação de pessoas e veículos – trecho que corresponde à região da Rua Marcílio Dias e da Avenida Saldanha Marinho, desembocando no Canal São Gonçalo. Segundo estudos de pós-graduação de Glenda Dimuro Peter (2004), o local era cenário de apropriação da cidade, utilizado para a pesca, trabalho de lavadeiras e também para a navegação. A futura Pelotas ainda era Freguesia de São Francisco de Paula e o entorno do Arroio começava a se tornar cada vez mais povoado. A chamada Estrada do Fragata era por onde chegavam os tropeiros trazendo o gado – vindo das zonas de fronteira – que servia

de matéria-prima para os charqueadores. Por volta do ano de 1847 surgiu a ideia de construir uma ponte de pedra e alvenaria, o que seria um grande marco para o progresso local, facilitando o acesso à cidade. “Essa ponte deveria ter 20 metros de comprimento por 17,80m de largura e cinco de altura e estaria localizada na atual Rua Marechal Floriano” (PETER, 2004, p. 11). No entanto, foi apenas em 1859 que o arquiteto e diretor prático de obras, contratado pela Província, Friedrich Haudtmann, construiu a ponte sobre o trecho do Santa Bárbara. A Ponte de Pedra, que foi aperfeiçoada entre os anos 1865 e 1867, também era conhecida como Ponte do Ritter, por estar próxima à Cervejaria Ritter.

Com a fluidez do trânsito por meio das pontes e o Arroio fazendo parte da paisagem da cidade, o então intendente Carlos Barbosa Gonçalves manifestou em 1911 a intenção de construir uma avenida que começaria à beira do Arroio Santa Bárbara e seguiria “beira-rio” até a praça central do Porto de Pelotas. O projeto, que na época foi considerado devaneio do intendente, “talvez se tivesse sido concluído, a cidade de Pelotas hoje teria um grande atrativo natural” (PETER, 2004, p. 14).

A cidade, que a cada dia aproximava-se ainda mais da margem do Arroio, foi comprometendo a vegetação do local, o que contribuía para a erosão do Santa Bárbara, juntamente com a pavimentação de ruas, o que impermeabilizava o solo.

O Arroio, que hoje já não existe na sua localidade, antes de ser deslocado passou por uma primeira interferência de curso, ao ser criada, ainda no século XIX, a Praça Cipriano Barcelos. Para a construção desta, parte do leito foi aterrado, construindo-se um canal em linha reta a partir da Ponte de Pedra, passando por toda a extensão da nova praça, compreendida entre as ruas Marechal Floriano e Lobo da Costa. Essa intervenção pode ser percebida nas imagens das fotografias postadas na mídia social, fruto de análise deste trabalho (Figuras 36 e 37).

Com parte do Arroio aterrado, empresas e moradores também avançaram suas propriedades para essas partes aterradas, fazendo com que essas áreas se mostrassem bastante alagadiças. Outro elemento era o próprio despejo de lixo e esgotos cloacais e industriais no Arroio, o que exalava mau cheiro. De acordo com Peter (2004, p. 16), “na década de 1960, começaram a crescer as manifestações populares para uma solução para o problema do arroio, que tinha se tornado um estorvo para os moradores”. Iniciavam-se os passos para a eliminação completa do Santa Bárbara da paisagem do centro da cidade.

Nesta evolução, o primeiro Plano Diretor de Pelotas, elaborado em 1968, previa a criação de grandes avenidas que cruzariam a cidade. No entanto, no ano de 1965 foi criado o atual Serviço Autônomo de Saneamento de Pelotas (SANEP), inicialmente chamado Serviço Autônomo de Águas e Esgotos (SAAE). Sob sua gestão estava o planejamento para a execução da obra da Hidráulica do Arroio Santa Bárbara, com base no anteprojeto do reservatório do Arroio Santa Bárbara, concebido em 1953. De acordo com Peter (2004), a “modernidade” era a palavra de ordem trazida pelos jornais da época. No dia 7 de novembro de 1968 foi inaugurada a Barragem Santa Bárbara e com ela em funcionamento não haveria mais a necessidade de recuperar as pontes, pois o Arroio seria aterrado. O crescimento da cidade permaneceu e as habitações sobre as áreas aterradas foram imediatas, muitas delas irregulares.

> O mais absurdo exemplo de ocupação do antigo leito é o da Receita Federal. O seu prédio foi construído ao lado da Ponte de Pedra, na década de 90. Nessa época, o projeto foi aprovado pelos órgãos da Prefeitura e ninguém “notou” que ele previa a destruição da ponte para dar lugar á entrada principal. Um promotor conseguiu uma liminar e as obras ficaram paradas por algum tempo. Sofrendo pressões por parte dos preservacionistas da cidade, o projeto foi alterado, fazendo a entrada ao prédio localizar-se na rua lateral. (PETER, 2004, p. 19)

Com o tombamento municipal da ponte em 1998, em tese ficaria este como o único vestígio arquitetônico que permitiria evocar a memória do Arroio Santa Bárbara. No entanto, alguns elementos vinculados à natureza parecem não nos permitir que essa memória desapareça. Imaginando-se que o aterramento do Arroio eliminaria os alagamentos da região, a velha máxima de que “o rio sempre volta a tomar seu leito original” permaneceu viva. E mais uma ironia são os alagamentos que servem de evocadores da memória coletiva do Santa Bárbara.

Por mais que o Arroio “teime” em retornar ao seu leito original, ainda que apenas de forma figurada, com as vistas de alagamentos em dias de fortes chuvas, as imagens do Santa Bárbara no início do século XX deixam registradas recordações daqueles que visualizaram o Arroio antes da década de 1960. A postagem referente à Figura 36 mostra o Arroio Santa Bárbara após a construção da Praça Cipriano Barcelos, com registros da década de 1920.

Figura 36 – Arroio Santa Bárbara – postagem do recorte[62]
Fonte – Postagem da *fanpage* do Projeto Pelotas Memória

Os Comentários referentes a esta postagem variam das memórias coletivas, preservadas pela história oral, até a ironia pelo desvio do curso do Arroio. Uma das falas remete à “memória da memória", com a expressão emitida pelo Ator.F.Fig.36: *“Minha mae ja havia comentado comigo sobre este arroio.. e legal poder ver algo que so ouvia falar...”.* Em outra manifestação está expressa uma relação de troca de mensagens, que permite a propagação da informação em forma de rede, alertando outras pessoas a visualizarem a informação, ainda que ela não fizesse parte da comunidade virtual. Já a ironia da postagem do Ator.C.Fig.36: *“que algum ‘iluminado’ resolveu desviar seu curso....”* demonstra certa insatisfação da população ao perder a paisagem do Arroio do centro da cidade, o que poderia ser uma bela paisagem natural.

Entretanto, os Comentários da Figura 37 – cuja imagem compreende o mesmo recorte temporal da fotografia anterior – se detiveram mais na memória do Arroio propriamente dita. As manifestações ficaram na memória da área geográfica em que se localizava o Arroio. Um dos atores inclusive faz uma sugestão de leitura a respeito da história do Santa Bárbara, postando o *link* de onde o conteúdo pode ser encontrado. A referência dos alagamentos também esteve presente no Comentário do Ator.F.Fig.37: *“Hoje 50 anos depois reclamam dos Prefeitos quando alaga a Praça 20 e Marcilio Dias.”*, áreas essas onde corria o Arroio.

[62] Comentários referentes à postagem expressa na Figura 36: Ator.A.Fig.36 “Marta mostra pra mãe, ela vivia me contando como era..”; Ator.B.Fig.36 “mostro sim”; Ator.C.Fig.36 “que algum "iluminado" resolveu desviar seu curso....”; Ator.D.Fig.36 “Eu tinha uma tia que morava próximo a esse arroio.”; Ator.E.Fig.36 “onde hoje e' os camelos”; Ator.F.Fig.36 “Minha mae ja havia comentado comigo sobre este arroio.. e legal poder ver algo que so ouvia falar...”

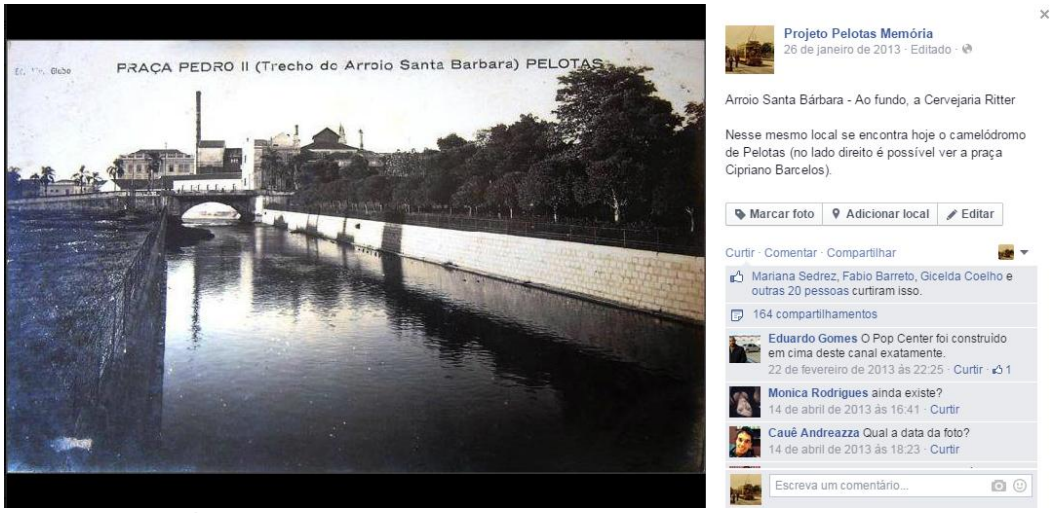


Figura 37 – Arroio Santa Bárbara - Ao fundo, a Cervejaria Ritter. Neste mesmo local se encontra hoje o camelódromo de Pelotas (no lado direito, a Praça Cipriano Barcelos)[63]
Fonte – Postagem da *fanpage* do Projeto Pelotas Memória

No entanto, todas as memórias expressadas por meio da rede social da internet são referentes ao Arroio em si, na condição do que poderíamos chamar de patrimônio natural ou ambiental. Todas as críticas expressadas e o próprio uso da ironia estiveram balizados na perda dessa referência da paisagem natural no centro da cidade. Nestes casos, o patrimônio tombado passa despercebido. Fazendo-me valer da própria ironia inserida nessa postagem, ao conectar o tema que relacionou o Arroio com a área geográfica em que hoje se encontra o Pop Center – ao lado da Receita Federal – fica difícil reverenciar uma ponte cuja utilidade não é mais relevante. Trata-se de uma ponte que liga duas extremidades de margens que não são cortadas sequer por um pequeno córrego. Neste caso, seria exigir muito da memória coletiva a manutenção de uma identidade baseada em uma ponte que está oprimida entre o prédio da Receita Federal e o centro institucionalizado do comércio informal e produtos importados da cidade. De acordo com os Comentários, parece que o grande elemento que a todos faz lembrar que, em um trecho das ruas Marcílio Dias e Saldanha Marinho, passava o leito do Santa Bárbara, são os dias de chuva

[63] Comentários referentes à postagem da Figura 37: Ator.A.Fig.37 “O Pop Center foi construìdo em cima deste canal exatamente.”; Ator.B.Fig.37 “ainda existe?”; Ator.C.Fig.37 “Qual a data da foto?”; Ator.D.Fig.37 “do lado de cá o Pop Center, e do lado de lá a Receita, com a diferença que esta fica mais elevada http://pelotascultural.blogspot.com.br/2010/05/camelos-bem-tutelados.html”; Ator.D.Fig.37 “A foto é anterior a 1969, quando o arroio foi aterrado. A praça não se chamava Pedro II, pelo que sei. Uma pesquisa completa foi feita por Glenda Dimuro. http://www.glendadimuro.com/site/pdf/dimuro-santa_barbara.pdf”; Ator.E.Fig.37 “nasci na margem do santa barbara!”; Ator.F.Fig.37 “Hoje 50 anos depois reclamam dos Prefeitos quando alaga a Praça 20 e Marcilio Dias.”; Ator.G.Fig.37 “Digamos ser bem mais atraente que nos dias atuais!!!kkkkkkkkkkk”.

torrencial – fenômeno que faz despertar a memória coletiva de que naquelas zonas, que porventura se encontram facilmente alagadas, corria um Arroio em meio à cidade, o que pode ser coroado com a citação de Ricoeur (2010, p. 48): “Um paradoxo, tal como o expõe o Santo Agostinho retórico: como falar do esquecimento senão sob o signo da lembrança do esquecimento tal como o autorizam e caucionam o retorno e o reconhecimento da ‘coisa’ esquecida?”.

3.3.10 Estação Ferroviária

A Estação Ferroviária de Pelotas despertou, por meio da mídia social, uma relação de afeto e carinho por parte dos usuários da rede. O prédio, que recentemente foi restaurado e passou a ser ocupado por serviços administrativos do Município e do Estado, também conta com um museu ferroviário, que busca preservar a memória dos serviços ferroviários na cidade.

A linha ferroviária que transportava passageiros e também cargas até a Estação de Pelotas era chamada de “Bagé-Marítima”, a qual ligava três importantes pontos: o Município de Bagé, criador de gado; Pelotas, cuja mão-de-obra das charqueadas produzia o charque, com a carne bovina; e o Porto de Rio Grande, que permitia escoar os produtos da região para outros locais. O prédio da Estação Ferroviária de Pelotas, inaugurado em 1884, era um dos pontos dessa rede e servia de portal para a recepção e envio de produtos. No ano de 1996, foi interrompido o transporte de passageiros e o prédio foi plenamente abandonado em 1998. Até hoje as linhas de ferro servem para o trânsito do transporte de carga (PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS, s/d).

No caso da apropriação dos espaços e da memória evocada por esses prédios e pelas atividades que ocorriam ali, existem sentimentos nessa relação, percebidos através da mídia social. A possibilidade de chegar a outra localidade, a expectativa da chegada, a despedida etc. O próprio som da Maria Fumaça serve como conector de lembranças.

A Figura 38 mostra uma imagem antiga da Estação Ferroviária e os próprios Comentários da rede foram em busca pela datação da imagem. Embora a legenda da imagem descrevesse o ano de 1900, os Comentários solicitam essa informação, que, em princípio, parecia não estar listada na imagem. A postagem apresenta data anterior aos Comentários – evidentemente –, no entanto nela consta a identificação

de “editado”, o que demonstra que novas informações podem ter sido inseridas após a postagem feita. O que reforça a edição foi o próprio fato de o administrador da *fanpage* declarar que nas informações do álbum não havia referências à data. No entanto, posteriormente, com a edição do conteúdo, a informação surge como legenda da imagem. Neste momento, os próprios internautas que obtinham referências sobre a imagem contribuem um com o outro, dando também a dinâmica de inteligência coletiva presente na rede, construindo a narrativa da imagem. Os Comentários contribuíram com a demanda dos próprios atores da rede, em especial com o Comentário do Ator.B.Fig.38, ao declarar: *“acredito que meados 1890 pois as ruas ainda nao eram pavimentadas o que impede os carros de 1901”.*

Figura 38 – Estação Ferroviária de Pelotas – 1900[64]
Fonte – Postagem da *fanpage* do Projeto Pelotas Memória

Por outro lado, a Figura 39, postagem da *fanpage* do Facebook, é motivada pela notícia referente às obras de restauro do prédio, o que contribuiu efetivamente para a apropriação da imagem por meio dos Comentários. Neste caso, foi a imagem do prédio depredado, acompanhado da informação noticiosa de que haveria o restauro, que motivou a apropriação da postagem e a interação por meio dos dispositivos de relacionamento do Facebook. Com visíveis condições de precariedade, o prédio, que teve suas portas e janelas lacradas com tijolos – com o

[64] Comentários referentes à Figura 38: Ator.A.Fig.38 “qual eh a data e local das fotos?”; Projeto Pelotas Memória “O nome álbum especifica o local ‘Especial: Estação Ferroviária de Pelotas’. O ano infelizmente não temos.”; Ator.B.Fig.38 “acredito que meados 1890 pois as ruas ainda nao eram pavimentadas o que impede os carros de 1901”.

intuito de impedir a ação de vândalos e que o espaço não fosse ocupado por usuários de drogas e pessoas sem-teto, conforme informações do *site* Estações Ferroviárias do Brasil [65] – apresentava andaimes montados e a circulação de trabalhadores uniformizados. Essa imagem mexeu com a comunidade virtual, em especial aqueles que tinham o cenário e a paisagem da Estação Ferroviária bem registrados em suas memórias. Como foi o caso dos Comentários que se apresentam na postagem como a do Ator.B.Fig.39, ao declarar: *"Simões Lopes,minha área....Pra quem pegou o trem aí nos anos 80,dá muito dó ver a degradação..."*. Uma relação de proximidade física e afeto com o ambiente, além de um sentimento ao ver em situação de abandonado um prédio que foi importante para o desenvolvimento da cidade.

A rede também identificou lembranças de pessoas que utilizaram aquele local com sua finalidade original, por meio do transporte de passageiros. *"Muitas vezes baixei ai vindo"* e *"De Bagé,12 horas de aventura no velho trem."*, foram expressões do Ator.G.Fig.39 nos Comentários. Semelhante questão acha-se dentre os Comentários do Ator.F.Fig.39 e do Ator.I.Fig.39, em que ambos manifestam que o ideal seria o retorno de seu uso original, com o retorno do transporte de passageiros. No caso do Ator.F.Fig.39: *"ótima notícia! numa situação ideal, seria a reativação do prédio como estação ferroviária, mas apenas se tivéssemos de volta a antiga estrutura ferroviária... como diz o kevin johansen, 'sonhar não custa nada...' mas a recuperação para outros usos já está excelente, trazendo dignidade para o velho prédio e resgatando a memória da cidade!"* Sua expressão fica comprometida também na relação – embora com um uso um tanto quanto inconsciente – da expressão "resgatando a memória". Efetivamente sabemos que a memória não pode ser "resgatada", pois trata-se da atualização contínua dos fatos passados. Assim também, ainda que o espaço fosse restabelecido enquanto transporte ferroviário de passageiros, não seria adequado se manter a "antiga estrutura", pois ela não supriria as necessidades da rotina da vida atual, além de estar em desacordo com todas as questões de comportamento que são discutidas nos dias de hoje. Ator.I.Fig.39 também queria que o prédio voltasse a ser parada de trens de passageiros, mas se

[65] O *site* Estações Ferroviárias do Brasil pode ser visitado no endereço: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/rs_bage_riogrande/pelotas.htm> (acesso em 16 de março de 2015).

contentaria com o direcionamento de outro uso: *“Queria que voltasse a funcionar apenas a Estação Férrea ! Mas mesmo assim ótimo pelo que estão fazendo...”*

De fato, o restauro do prédio para a utilização original para a qual foi criado – mesmo que com as atualizações culturais e de tecnologia – permitiria que a memória coletiva do espaço fosse vivenciada em sua plenitude, claro que com as devidas atualizações do tempo e da memória. No entanto, por mais que se tenha obtido a restauração arquitetônica do prédio, seu novo uso passará a dar outra dinâmica ao espaço, criando uma nova rotina de utilização do local. Em muitos casos, a própria edificação poderá sofrer com as novas apropriações, podendo inclusive perder o referencial memorial do prédio, embora patrimônio por decreto.

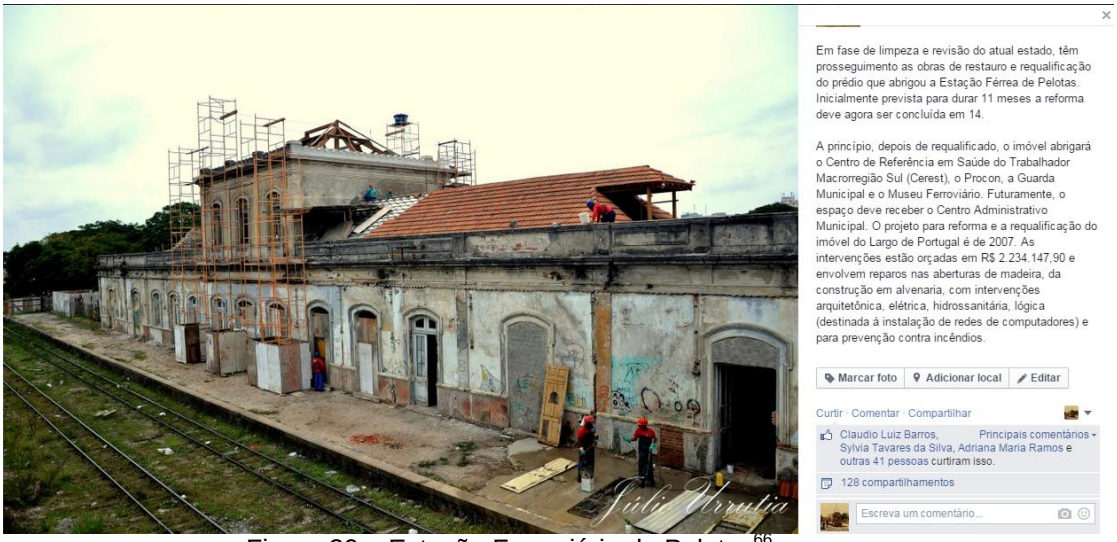


Figura 39 – Estação Ferroviária de Pelotas[66]
Fonte – Postagem da *fanpage* do Projeto Pelotas Memória

Para os novos usos da Estação Ferroviária, a presença de setores administrativos como o PROCON, o Centro de Referência em Saúde do Trabalhador Macrorregião Sul (CEREST), um posto da Guarda Municipal e o Museu Ferrroviário

[66] Comentários referentes à Figura 39: Ator.A.Fig.39 “Finalmente! Dava uma tristeza ver esse prédio abandonado...”; Ator.B.Fig.39 “Simões Lopes,minha área....Pra quem pegou o trem aí nos anos 80,dá muito dó ver a degradação...”; Ator.C.Fig.39 “Eu morava aí perto até o ano passado e achava uma pena ver um prédio histórico tão bonito totalmente abandonado. Ótima notícia!”; Ator.D.Fig.39 “Foto muito boa.”; Ator.E.Fig.39 “Antes tarde do que nunca...”; Ator.F.Fig.39 “ótima notícia! numa situação ideal, seria a reativação do prédio como estação ferroviária, mas apenas se tivéssemos de volta a antiga estrutura ferroviária... como diz o kevin johansen, "sonhar não custa nada..." mas a recuperação para outros usos já está excelente, trazendo dignidade para o velho prédio e resgatando a memória da cidade!”; Ator.G.Fig.39 “De Bagé,12 horas de aventura no velho trem.”; Ator.G.Fig.39 “Muitas vezes baixei ai vindo”; Ator.H.Fig.39 “Lindo!”; Ator.I.Fig.39 “Queria que voltasse a funcionar apenas a Estação Férrea ! Mas mesmo assim ótimo pelo que estão fazendo e o que vai ser abrigado nesse prédio !”; Ator.J.Fig.39 “Ótima notícia. Vamos aguardar para ver ....”; Ator.L.Fig.39 “Finalmente!!!!!”; Ator.M.Fig.39 “No final da rua D.Pedro II”; Ator.N.Fig.39 “simões lopes”; Ator.O.Fig.39 “Onde fica esse prédio? Qual bairro?”.

– conforme reportagem do Diário Popular (ROSS, 2014) – haverá novas formas de interação com o prédio pelas pessoas que por ali circularão. Choay (2006, p. 221) critica alguns usos que efetivamente descaracterizam o patrimônio, com expressões como: “A propósito, não existem na França reconversões mais destrutivas que as destinadas ao uso administrativo ou a escritórios”. Nesta linha, a autora vai mais a fundo quando comenta que em determinadas situações “restauram a carcaça do prédio, mas o seu espírito fica adormecido ou mesmo morto, pois a função atual nada tem a ver com o fato de sua função original, bem como nada o faz lembrar...” (p. 227). Isso ocorreu na situação específica da Estação Ferroviária, pois embora todo o conteúdo arquitetônico esteja restaurado, as memórias de afeto podem se perder pelo fato de não haver mais a relação com a função original. No entanto, existe um intuito de que a chama não seja apagada totalmente, pois um Museu Ferroviário está posto no interior do prédio. Este espaço deverá funcionar como uma centelha, mantendo acesa a memória de tempos de transporte ferroviário na região, mas correndo o risco de a comunidade não se apropriar do prédio além da paisagem que ele volta a compor.

Segundo o Diário Popular (ROSS, 2014), o recurso para o restauro foi oriundo do PROCON, em uma ação do Ministério Público que multou uma empresa de telefonia. Essa ação foi que permitiu o restauro do prédio, porém com destinação específica: dar sede ao Serviço de Proteção do Consumidor.

***

Os conteúdos acima apresentaram um pouco dessa apropriação do patrimônio cultural por meio das mídias sociais, utilizando o dispositivo “Comentário” como o principal elo dessa relação. O conteúdo retratou a espontaneidade dessa comunidade virtual ao se relacionar com as imagens e os demais atores da mídia social, gerando ainda mais conteúdo alusivo à memória referente ao Patrimônio Cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final dos dois anos de trabalho no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, observamos que o campo da memória em tempos de Cibercultura é imenso e com infinitas possibilidades. Tanto pela natureza humana quanto pelas evoluções da cultura motivadas pela comunicação mediada pelo computador. No entanto, a contemporaneidade que clama por memória em meio a tempos de patrimonialização vive uma era em que o esquecimento está ainda mais iminente que em qualquer outro período da história, em especial porque o tempo presente valoriza com mais veemência a transformação (LEVY, 1999).

Visto o mar em que se navega no Ciberespaço, e dada a infinidade de conexões possíveis, o presente trabalho de forma alguma pretende encerrar qualquer debate sobre o objeto proposto. No entanto, podemos observar algumas contribuições para que a temática seja ainda mais debatida.

O olhar sobre a Cidade de Pelotas no Ciberespaço nos possibilitou identificar algumas formas pelas quais a comunidade de Pelotas – ou vinculada a ela – se apropria das ferramentas tecnológicas para se relacionar com esta cidade na mídia social. Nestas considerações, identificamos alguns elementos que puderam ratificar parte das hipóteses previamente levantadas. Em outras leituras, os resultados nos fizeram ter outro olhar sobre a apropriação de elementos do patrimônio de Pelotas.

Por meio do recorte da pesquisa foi possível observar quais tipos de visão foram estabelecidos sobre o Patrimônio Cultural – ambiental/natural, material e imaterial – em um *site* de rede social na internet que não tem, em sua gênese, o propósito de construir uma reflexão sobre a Memória Social. No entanto, a

apropriação da ferramenta por parte de seus usuários fez com que a temática estivesse presente no *site*, integrando pessoas em uma mesma comunidade virtual, que dialogaram sobre essas temáticas, muitas vezes controversas, pois o patrimônio é por natureza um campo de disputa de interesses.

Da mesma forma, os Comentários que se apresentaram nos permitiram uma proposição de categorização dos tipos de manifestações que estiveram presentes na construção e reconstrução da memória, referente às situações representadas pelas fotografias. Além, é claro, da diversidade de imagens que o recorte permitiu expor, expressando aquilo que, possivelmente, seja mais representativo para a memória da Cidade de Pelotas. Com isso, percebemos que a temática da memória e do patrimônio está viva nas mídias sociais e que as pessoas se utilizam dessas ferramentas para sua apropriação sobre essas temáticas, por meio de suas manifestações de afeto referentes à sua cidade, ao patrimônio, à memória e à identidade que a cidade constitui.

Foram os Comentários nas imagens que estabeleceram a maior interação com o objeto fotografado e essa relação de Comentários que tinham a possibilidade de ativar, evocar e reconstruir memórias. Nessa relação, identificamos que a mídia social se apresenta como um potencial Sociotransmissor (CANDAU, 2012) moderno e atual, não só por conter fotografias do Patrimônio Cultural em sua plataforma, mas por gerar possibilidades reais de se construírem novos discursos metamemoriais dentro dessa comunidade virtual.

Na observação, tivemos algumas confirmações e outras descobertas quanto à apreciação de traços da cidade e também do seu patrimônio constituído – seja ele por decreto ou mesmo vivo e latente no coração das pessoas. As confirmações ficam por conta do patrimônio material da cidade com o maior número de Comentários a respeito, com um percentual de 54%. Essa presença contempla aquilo que está na narrativa histórica da cidade e que é reverenciado pelos meios de comunicação de massa na cidade e região, bem como o que já conquistou maior força nos processos de preservação do patrimônio, com edificações protegidas por lei em nível municipal, estadual e federal. Neste caso, o Centro Histórico, onde a Praça Coronel Pedro Osório – Paisagem Cultural da cidade – se fez bastante recorrente, por concentrar em seu redor grande parte do Patrimônio Cultural da cidade, fruto de construções dos séculos XIX e XX.

Embora com uma expressão menor – apenas 3% das representações da natureza do Patrimônio Cultural – o patrimônio imaterial está presente no recorte da pesquisa, em especial duas referências bastante relevantes na cidade: o Carnaval; e a devoção a Nossa Senhora dos Navegantes. Destes, o Carnaval é símbolo de uma tradição do passado que se perdeu e demonstra ter deixado saudade para muitos que viveram parte daquele período. Já a referência à Virgem de Navegantes demonstrou a presença da religiosidade que se faz presente nos dias de hoje com rituais da religião católica e das religiões de matriz africana.

Também no campo do patrimônio imaterial, o que chamou a atenção pela ausência no recorte do objeto foram as imagens referentes à cultura doceira de Pelotas, reforçada ainda pela própria festa que enaltece essa tradição: a Feira Nacional do Doce – Fenadoce. Neste caso, me parece um tanto quanto incompreensível a “Cidade do Doce” não ter uma representação na mídia social que referende esse título. Mais ainda por esse “saber” e esse “fazer” peculiares de Pelotas estarem em processo de inventário como patrimônio cultural imaterial, com registro no IPHAN.

Quanto a descobertas referentes à observação do objeto, estão a presença efetiva de imagens contemplando a Lagoa dos Patos e a Praia do Laranjal. Foram elas que integraram o maior número de imagens que se repetem com Comentários nos diferentes álbuns inseridos na *fanpage*. Fotos atuais – e apenas uma imagem antiga – demonstram um carinho especial para com o lugar. No entanto, a relação de tensão entre o saudosismo e as águas impróprias para o banho foi também alvo desses Comentários, que se apresentaram em parte dos *posts* sobre o Laranjal. Por mais que a praia não acolha aos “banhistas”, ela é percebida como um espaço que foi e é apropriado pela comunidade pelotense, que busca, no lugar, em sua paisagem, um ambiente de lazer e convívio em meio a belezas naturais.

Nesta pesquisa, pudemos identificar que um *site* de rede social na internet, por ser utilizado pelas pessoas como tecnologias para a comunicação, tem em sua essência a apropriação para diferentes fins, sofrendo adaptações e permitindo que determinado sistema seja utilizado para um “novo” fim. Uma dessas apropriações que pudemos identificar há mais tempo é a relação com críticas e reclamações. Isso ocorre tanto com usuários de produtos e serviços de diferentes marcas, quanto com os serviços públicos, ao serem alvos de reclamações. Estas críticas extrapolam o ambiente da utilização de serviços públicos e estão também presentes nas políticas

públicas da cidade, estado ou país. Esse fato mostrou uma especial relação do Comentário classificado como “política”, pois o vínculo da cidade com sua memória e as políticas de Patrimônio Cultural são elementos bastante relevantes para o desenvolvimento desta localidade. No caso da *fanpage*, conseguimos identificar de forma evidente a apropriação de Comentários com cunho político pela defesa do Patrimônio Cultural ou mesmo das tradições da cidade que foram – ou estão sendo – perdidas. Embora não seja um canal específico para essas reivindicações, a plataforma foi fruto de apropriação dos usuários para expressarem suas percepções sobre o Patrimônio Cultural.

Assim, por mais que a mídia social esteja contribuindo para a discussão e, até em muitos casos, para a valorização da Memória Social e do Patrimônio Cultural – funcionando inclusive como potencial Sociotransmissor e contribuindo para o discurso metamemorial –, o conteúdo disposto nessa plataforma tem o esquecimento como algo iminente, pois não se ocupa de grandes preocupações quanto à forma de preservação de seus conteúdos. A grande evidência desta percepção foi identificada durante a fase final desta pesquisa, quando, no dia 18 de abril de 2015, ocorreu a troca do nome da *fanpage* no Facebook: passando de “Projeto Pelotas Memória”, para “Olhares sobre Pelotas”.

A simples mudança, por si só, pode ter gerado uma quebra de vínculos – visuais e usuais –, ainda mais quando nos referimos a um trabalho na mídia social que já tinha relação com o projeto de um colecionador conhecido em Pelotas: Nelson Nobre Magalhães. Embora todos os conteúdos permaneçam no mesmo endereço eletrônico, mantendo os mesmos seguidores conectados, o ambiente que poderíamos caracterizar como “lugar” – alinhado com a visão de Michel de Certeau (apud DOSSE, 2004) – tornou-se um simples “espaço” sem significado.

A mudança do nome da página nos faz pensar sobre as possibilidades de esquecimento ou mesmo apagamento dos conteúdos ali postados. Não me refiro apenas às imagens contidas nas mídias sociais – que possivelmente integrem acervos públicos ou privados – mas a todo o discurso metamemorial já produzido ali, construído e reconstruído pelos Comentários de seguidores da *fanpage*. Caso um simples comando no código-fonte do sistema seja efetuado, esses discursos não poderão mais ser revisitados para uma possível reconstrução da memória sobre determinados fatos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Liciane M.; BASTOS, Michele S. A experiência da cidade de Pelotas no processo de preservação patrimonial. **Revista CPC**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 96-118, maio/out. 2006.

BARRETO, Álvaro. **Carnavais** em Pelotas: dos primórdios aos anos 1940. In. RUBIRA, Luis (Org.). **Almanaque do Bicentenário de Pelotas** (Projeto LIC: Gaia Cultura e Arte). v. 2: Santa Maria/RS: PRÓ-CULTURA-RS: Gráfica e Editora Palotti, 2014.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica, In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura, p. 165-196. Obras escolhidas, v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BUITONI, Dulcília S. Cidade, paisagem, fotografia, emblemas. In: COSTA, C., BUITONI, D.S. (Orgs.), **A cidade e a imagem**. p. 111-131. Jundiaí, SP, nov. 2013. Disponível em: <http://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/07/A-CIDADE-E-A-IMAGEM.pdf>. Acesso em: 15 jan 2015.

_____. Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: memória, tradição e identidade. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, RS, v.1, n.1, dez.2009/mar.2010. Disponível em: <http://www2.ufpel.edu.br/ich/memoriaemrede/beta-02-01/index.php/memoriaemrede/article/view/54/53>. Acesso em: 11 jan. 2015.

_____. **Memória e identidade.** São Paulo: Contexto, 2012. Tradução: Maria Letícia Ferreira.

CARVALHO, Ana Letícia P. As cidades do Big Picture. In: COSTA, C.; BUITONI, D.S. (Orgs.), **A cidade e a imagem**. p. 309-335. Jundiaí, SP, nov. 2013. Disponível em: <http://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/07/A-CIDADE-E-A-IMAGEM.pdf>. Acesso em: 15 jan 2015.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet.** Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CASTILHO, Maria Alice Kappel. **Pinceladas no tempo: pinturas murais de Aldo Locatelli na Catedral São Francisco de Paula.** Pelotas: EDUCAT, 2004.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. **Patrimônio Cultural**: conceitos, políticas, instrumentos. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: IEDS, 2009.

CERQUEIRA, Fábio Vergara. Atenas do Sul: recepção e (re)significação do legado clássico na iconografia urbana de Pelotas (1860 – 1930). In: RUBIRA, Luis (Org.). **Almanaque do Bicentenário de Pelotas** (Projeto LIC: Gaia Cultura e Arte). v. 2: Santa Maria/RS: PRÓ-CULTURA-RS: Gráfica e Editora Palotti, 2014.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio.** São Paulo: Estação Liberdade: Editora UNESP, 2006.

CORREA, Vitor; DODEBEI, Vera. Cenários das políticas públicas de preservação do patrimônio arquivístico digital no Brasil. In: **II CONINTER** – Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades Belo Horizonte, out. 2013.

D'ALESSIO, Marcia M. **Reflexões sobre o saber histórico.** São Paulo: Unesp, 1998.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Imágenes pese a todo**: memoria visual del holocausto. Tradução de Mariana Miracle. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 2004.

DODEBEI, Vera D. Memória e patrimônio: perspectivas de acumulação/dissolução no ciberespaço. **Aurora**, São Paulo, n. 10, 2011, p. 36-50. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/4614/3473>. Acesso em: 11 dez. 2014.

DOIS fiscais são agredidos durante fiscalização do Pop Center, diz prefeitura. **Diário Popular**, Pelotas, 22 maio 2013, 20h10. Disponível em: <http://www.diariopopular.com.br/index.php?n_sistema=3056&id_noticia=Njg1OTE=&id_area=Mg==>. Acesso em: 15 maio 2015.

DOSSE, F. O espaço habitado segundo Michel de Certeau - descontinuidade e intangibilidade da personalidade: a relação com o tempo no individualismo contemporâneo. **Revista de História da Universidade Federal de Uberlândia**. Traduções. Uberlândia, MG, n. 9, jul./dez. 2004.

EDUARDO visita prédio do Pop Center. **Diário Popular**, Pelotas, 3 jan. 2013. Disponível em: <http://www.diariopopular.com.br/index.php?n_sistema=3056&id_noticia=MTg3OA==&id_area=Ng>. Acesso em: 15 maio 2015.

FARINHA, Alessandra Buriol; MICHEL, Jerusa Oliveira; CARLE, Claudio Baptista. A Festa de Navegantes na Colônia Z-3 de Pelotas: uma questão de identidade e fé. **Cadernos do LEPAARQ** – Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio. v. VIII, n.15/16. Pelotas, RS: Editora da UFPEL, 2011. Disponível em: <http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/lepaarq/article/viewFile/1680/1561>. Acesso em: 11 dez. 2014.

FENELON, Déa Ribeiro. São Paulo: patrimônio histórico-cultural e referências culturais. **Projeto História**, São Paulo, n. 18, maio 1999, p. 289-294. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/download/11001/8121>. Acesso em: 11 mar. 2015.

FERREIRA, Leonardo Tajes. **Projeto Pelotas Memória**: sobre. Pelotas, nov. 2011. Disponível em: <https://www.facebook.com/pages/Projeto-Pelotas-Mem%C3%B3ria/136187553155125?id=136187553155125&sk=info>. Acesso em: 8 mar. 2014.

_____. **Entrevista**. Pelotas, 2015.

FERREIRA, Maria Leticia Mazzucchi. Políticas da memória e políticas do esquecimento. **Aurora**, n. 10, 2011, p. 102-118. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/viewFile/4500/3477>. Acesso em: 11 dez. 2014.

FERREIRA, Maria Leticia Mazzucchi; CERQUEIRA, Fábio Vergara; RIETH, Flávia Maria da Silva. O doce pelotense como patrimônio imaterial: diálogos entre o tradicional e a inovação. **MÉTIS: história & cultura**, v. 7, n. 13, p. 91-113, jan./jun. 2008. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/696/502>. Acesso em: 11 mar. 2015.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo**: trajetória da política federal de preservação no Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ/ Minc-IPHAN, 2005.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu; PELEGRINI, Sandra de Cassia A. **Patrimônio Histórico e Cultural**. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade.** 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARTOG, François. Tempo e Patrimônio. **Vária História**, Belo Horizonte, v. 22, n. 36: p. 261-273, jul/dez. 2006.

HOLANDA, Adriana B.; SILVA, Fábio M. Memória e esquecimento para além dos suportes materiais de registro da informação: a cibercultura no ciberespaço. **DataGramaZero - Revista de Informação**, v. 13, n. 5, out. 2012. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/out12/Art_01.htm>. Acesso em: 11 jan. 2015.

HUYSSEN, Andreas. **Culturas do passado-presente: modernismo, artes visuais, políticas da memória.** São Paulo: Artefissil, 2014.

IPHAN. **Educação patrimonial**: histórico, conceitos e processos. Publicações do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Brasília: Ministério da Cultura, 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat_EducacaoPatrimonial_m.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2015.

IZQUIERDO, Ivan. Memórias. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 3, n. 6, May/Aug. 1989.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. Ateliê Ed., São Paulo, 2. ed. 2000.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas, SP: Unicamp, 1990.

LEMOS, André. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na vida contemporânea. 5.ed. Porto Alegre: Sulina, 2010.

LEVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010.

MACHADO, Arlindo. **Máquina e Imaginário: O Desafio das Poéticas Tecnológicas**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

MAGALHÃES, Mário Osório. **Pelotas Século XIX.** Pelotas: Editora Livraria Mundial, 1994.

_____. **História e tradições da cidade de Pelotas**. Pelotas: Armazém Literário, 1999.

_____. **Guia Histórico das Ruas de Pelotas.** 2. ed. Pelotas: Armazém Literário, 2000.

_____. Princesa do Sul. **Diário Popular**, Pelotas, 16 jul. 2006. Disponível em: <http://srv-net.diariopopular.com.br/16_07_06/gentepag0602.html>. Acesso em: 20 maio 2015.

MAGALHÃES, Nelson Nobre. **Memória**. Fascículo 1. Pelotas, 1989.

MAYER-SCHÖNBERGER, Viktor. **Delete: the virtue of forguetting in the digital age**. New Jersey: Princeton University Press, 2009.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 2002.

MONTEIRO, S.; CARELLI, A.; PICKLER, M. Representação e memória no ciberespaço. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 3, p. 115-123, set./dez. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v35n3/v35n3a11>. Acesso em: 15 jan. 2015.

MONTEIRO, Silvana Drumond; GIRALDES, Maria Júlia Carneiro. Aspectos lógico-filosóficos da organização do conhecimento na esfera da ciência da informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, PB, v. 18, n. 3, p. 13-27, set./dez. 2008. Disponível em: <http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/viewFile/1775/2269>. Acesso em: 15 jan. 2015.

MUCHACHO, Rute. **Museus virtuais**: a importância da usabilidade na mediação entre o público e o objecto museológico. LIVRO DE ACTAS, 4º SOPCOM, Portugal, 2005. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/muchacho-rute-museus-virtuais-importancia-usabilidade-mediacao.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2015.

NORA, Pierre. Entre memória e história: problemática dos lugares. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo, n. 10, dez. 1993, p. 7-28. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>. Acesso em: 15 jan. 2015.

PESAVENTO, Sandra J. Cidade, Espaço e Tempo: Reflexões sobre a Memória e o Patrimônio Urbano. **Cadernos do LEPAARQ** – Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio, v. II, n. 4. Pelotas, RS: Editora da UFPEL, ago/dez 2005.

PETER, Glenda Dimuro. **Santa Bárbara: o braço morto do arroio que ainda vive na memória.** Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Conservação de Patrimônio em Centros Urbanos. UFRGS. Porto Alegre, 2004. Disponível em: <http://www.glendadimuro.com/site/pdf/dimuro-santa_barbara.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2015.

PIEGAS, Cíntia. Responsáveis pelas bancas do Pop Center devem fazer nova manifestação nesta quinta-feira. **Diário Popular**, Pelotas, 22 maio 2013, 17h31. Disponível em: <http://www.diariopopular.com.br/index.php?n_sistema=3056&id_noticia=Njg1ODI=&id_area=Mg==>. Acesso em: 15 maio 2015.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

POULOT, Dominique. **Uma história do patrimônio no Ocidente, séculos XVIII – XXI**: do monumento aos valores. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS. **Manual do usuário de imóveis inventariados**. Pelotas: Secretaria Municipal de Cultura, 2008. Parte 1 (Conceitos e Definições) disponível em: <http://www.pelotas.rs.gov.br/politica_social/cultura/manual/parte01.pdf>. Parte 2 (Procedimentos práticos) disponível em: <http://www.pelotas.rs.gov.br/politica_social/cultura/manual/parte02.pdf>. Acesso em: 21 de abril de 2015.

_____. **Decreto 5.571 de 11 de setembro de 2012**. Pelotas, Gabinete do Prefeito, 2012. Disponível em: <http://www.pelotas.com.br/desenvolvimentoeconomico/mercado-publico/arquivos/Decreto-5571.pdf>. Acesso em: 21 de abril de 2015.

PRIMO, Alex. **O aspecto relacional das interações na Web 2.0.** In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006, Brasília. Anais, 2006.

_____. **Interação mediada por computador**: comunicação, cibercultura e cognição. Porto Alegre: 2. Ed., Sulina, 2008.

_____. Transformações no jornalismo em rede: sobre pessoas comuns, jornalistas e organizações; blogs, Twitter, Facebook e Flipboard. **Intexto**, Porto Alegre, UFRGS, v. 2, n. 25, p. 130-146, dez. 2011. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/intexto/article/viewFile/24309/14486>. Acesso em: 15 mar. 2015.

PROTESTO assinala 1 ano sem teatro. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 21 de março de 2011. Disponível em: <http://www.correiodopovo.com.br/impressao.Aspx?Noticia=270765>. Acesso em: 15 mar. 2015.

QUEIJO, Diego. 41ª Feira do Livro de Pelotas chega ao fim e contabiliza resultados. **Diário Popular**, Pelotas, 17 nov. 2013. Disponível em: <http://www.diariopopular.com.br/tudo/index.php?n_sistema=3056&id_noticia=NzY0Njc=&id_area=Mg==>. Acesso em: 21 jan. 2015.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

_____. **A conversação em rede.** Porto Alegre: Sulina, 2012.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Campinas: Unicamp, 2010.

ROSS, Rafaelle. Estação Férrea de Pelotas reabre as portas na noite de segunda-feira. **Diário Popular**, Pelotas, 15 dez. 2014. Disponível em: <http://www.diariopopular.com.br/tudo/index.php?n_sistema=3056&id_noticia=OTM1NTc=&id_area=Mg==>. Acesso em: 15 maio 2015.

ROZISKY, Cristina Jeannes; SANTOS, C. A. A.; ALVES, F. G. A arte decorativa de estuques de interiores em Pelotas - 1870|1931. In: XI Seminário de História da Arte. **Anais do XI Seminário de História da Arte**, v. 2. Pelotas, 2012.

RUBIRA, Luis (Org.). **Almanaque do Bicentenário de Pelotas** (Projeto LIC: Gaia Cultura e Arte). v. 2: Santa Maria/RS: PRÓ-CULTURA-RS: Gráfica e Editora Palotti, 2014.

SAFATLE, Vladimir. Muito longe, muito perto: dialética, ironia e cinismo a partir da leitura hegeliana de *O sobrinho de Rameau*. **Artefilosofia**, Ouro Preto, MG, n. 2, p. 36-55, jan. 2007. Disponível em: <http://www.raf.ufop.br/pdf/artefilosofia_02/artefilosofia_02_02_filosofia_02_vladimir_safatle.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2015.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e Artes do Pós-Humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTOS, Carlos Alberto Ávila. O ecletismo historicista em Pelotas: 1870-1931. **Anais do Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas** [Recurso eletrônico] / Sheila Cabo Geraldo, Luiz Cláudio da Costa (Orgs.). Rio de Janeiro: ANPAP, 2011. Disponível em: <http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/cpcr/carlos_alberto_avila_santos.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2015.

SANTOS, Klécio. **Sete de Abril: o teatro do Imperador.** Porto Alegre: Libretos, 2012.

_____. **Mercado Central Pelotas**. Pelotas: Fructos do Paiz, 2014.

SCHWONKE, Helena. Exposição irá resgatar a história da Feira do Livro. **Blog da 40ª Feira do Livro de Pelotas**. Pelotas, 2 set. 2012. Disponível em: <http://feiradolivrodepelotas2011.blogspot.com.br/2012/09/exposicao-ira-resgatar-historia-da.html>. Acesso em: 21 jan. 2015.

SILVA, Ana Carolina Nunes. **A estetização da ideologia cínica.** Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Ouro Preto, Instituto de Filosofia Artes e Cultura, Departamento de Filosofia, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, 2015.

TAVARES, Francine Morales. Ações e políticas públicas referentes ao patrimônio cultural edificado na cidade de Pelotas. In. MICHELON, Francisca Ferreira; MACHADO JÚNIOR, Cláudio de Sá; GONZÁLEZ, Ana María Sosa. **Políticas Públicas do Patrimônio Cultural**: ensaios, trajetórias e contextos. Pelotas: Ed. da Universidade Federal de Pelotas, 2012.

TUAN, Yi Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência.** Trad. Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

UNESCO. **Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial**. Paris, 17 de outubro de 2003. Disponível em: <http://www.unesco.org/culture/ich/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2015.

WALTZER, Vinícius. Acervo sobre a cidade é disponibilizado no Facebook. **Diário Popular**, Pelotas, 18 maio 2013. Disponível em: <http://www.diariopopular.com.br/tudo/index.php?n_sistema=3056&id_noticia=NjgzNzg=&id_area=MA>. Acesso em: 8 mar. 2014.

_____. Pelotas inaugura neste sábado o seu Mercado das Pulgas. **Diário Popular**, 31 maio 2014. Disponível em: <http://www.diariopopular.com.br/index.php?n_sistema=3056&id_noticia=ODQwMTY=&id_area=Mg==>. Acesso em 22 de maio de 2015.

WIKIPEDIA. **Art nouveau**, verbete em português. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Art_nouveau>. Acesso em: 15 mar. 2015.

ZAMBRANO, Laura G.; CAETANO, Fábio D. M. O programa Monumenta em Pelotas. In: MICHELON, Francisca Ferreira (Org.), **Políticas públicas do patrimônio cultural**: ensaios, trajetórias e contextos. Pelotas: Ed. da Universidade Federal de Pelotas, 2012.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BARRETO, Aldo Albuquerque. Os Agregados de informação - Memórias, esquecimento e estoques de informação. **DataGramaZero** - Revista de Ciência da Informação, v. 1, n. 3, jun. 2000.

BOSI, Eclea. **Memória & sociedade: lembrança de velhos.** São Paulo, SP. T.A. Editor, 1979.

BRAMBILA, Ana. Org. **Para entender as mídias sociais.** CREATIVE COMMONS: 2011.

CANDAU, Joël. **La métamémoire ou la mise en récit du travail de mémoire.** Paris: Centre Alberto Benveniste, 2009.

CONARQ – Conselho Nacional de Arquivos. **Carta para a Preservação do Patrimônio Arquivístico Digital: Preservar para Garantir o Acesso.** CONAR, s/d Disponível em: <http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/Media/publicacoes/cartapreservpatrimarqdigitalconarq2004.pdf>. Acessado em: 15 jul 2013.

_____. **Recomendações para Digitalização de Documentos Arquivísticos Permanentes**. CONARQ, 2010.

CUNHA, Magda Rodrigues. **A memória na era da reconexão e do esquecimento**. Em Questão, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 103-117, jul./dez. 2011.

DODEBEI, Vera D.; GOUVEIA, Inês. Memória do futuro no ciberespaço: entre lembrar e esquecer. **DataGramaZero** - Revista de Ciência da Informação, v. 9, n. 5, out. 2008.

HALBWACHS, Maurice. **Les cadres sociaux de la mémoire**. Paris: Les Presses Universitaires de France, 1952.

LEVY, Pierre. **A inteligência coletiva.** 2.ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MATTOS, Maria Regina de. Arquitetura paisagística: um estudo sobre representações e memória – Estudo de caso: Praças da cidade de Pelotas – 1860-1930. **Paisagem e Ambiente: ensaios**, n. 23, USP, São Paulo, p. 231-241, 2007.

MONTEIRO, S.; CARELLI, A.; PICKLER, M. Memória desterritorializada no ciberespaço. In: **XII Encontro Regional de História**, “Usos do Passado”, ANPUH, Niterói, RJ, 2006. Disponível em:

<http://www.rj.anpuh.org/resources/rj/Anais/2006/conferencias/Silvana%20DMonteiro,%20Ana%20ECarelli%20e%20Maria%20EValentim.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2015.

PEIXOTO, Luciana; CERQUEIRA, Fábio. Entre a opulência aristocrática e o martírio dos escravos: os setores médios urbanos em Pelotas no século XIX (arqueologia histórica e da cultura material). In. RUBIRA, Luis (Org.). **Almanaque do Bicentenário de Pelotas** (Projeto LIC: Gaia Cultura e Arte). v. 3: Santa Maria/RS: PRÓ-CULTURA-RS: Gráfica e Editora Palotti, 2014.

PELEGRINI, Sandra de Cássia A., FUNARI, Pedro Paulo. **O que é patrimônio cultural imaterial.** São Paulo: Brasiliense, 2008.

PRIMO, Alex. Interação mútua e reativa: uma proposta de estudo. **Revista da Famecos**, n. 12, p. 81-92, jun. 2000.

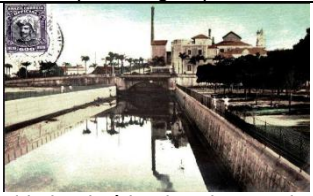
_____. A cobertura e o debate público sobre os casos Madeleine e Isabella: encadeamento midiático de blogs, Twitter e mídia massiva. **Galáxia** (PUCSP), v. 16, p. 43-59, 2008.

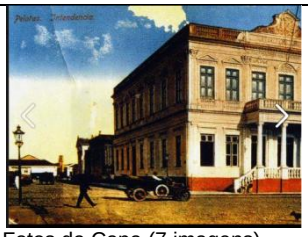
SILVA, Rubens Ribeiro Gonçalves da. Fundamentos, desafios e alternativas para a salvaguarda e difusão de patrimônio documental fotográfico, audiovisual e sonoro. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 40, n. 3, p. 492-509, set./dez. 2011. Disponível em: <revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/download/2050/1450>. Acesso em: 15 mar. 2015.

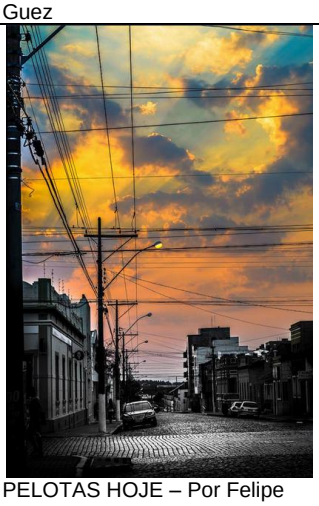
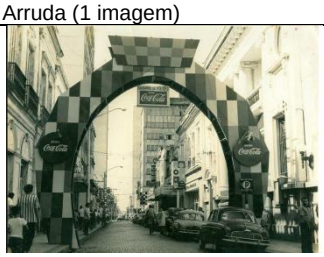
SILVA, Sônia M. de M. Sob o fardo do presente: mídia, memória e esquecimento questões para pensar a história na contemporaneidade. **Outros Tempos**, Dossiê História e Memória, v. 6, n. 7, jul. 2009.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Imagem original / Pasta	Texto	Imagem	Patrimônio	Curtir	Compartilhar	Comentar	1 – Política	2 – Adjetivo	3 – Memórias de afeto	4 – Devir	5 – Informações novas	6 – Questionamentos	7 – Constatações e respostas	8 – Cinismo e ironia	9 – Olhar sobre a imagem
PELOTAS HOJE – Por Beto Fernandes (296 imagens)	-	B	I	415	392	56	-	30	6	5	2	3	1	9	-
#PelotasRS (18 imagens)	-	B	IV	57	204	5	-	1	3	-	-	-	1	-	-
Reflexos de Satolep – Por Gustavo Mansur (9 imagens)	-	B	II	90	14	4	-	2	2	-	-	-	-	-	-
Pelotas Hoje – Por Willian H. Gomes (113 imagens)	-	B	I	85	3	9	-	2	1	-	-	6	-	-	-
 Cidade Histórica (192 imagens)	+	A	II	32	35	5	-	-	2	-	1	2	-	-	-

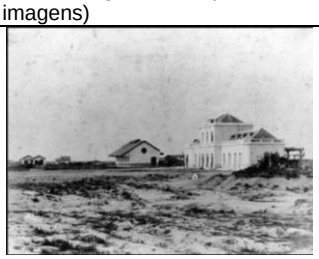
 Fotos da Capa (7 imagens)	-	A	II	43	15	8	-	2	3	-	-	-	1	-	-
PELOTAS HOJE – Por Kauã Rodrigues (11 imagens)	-	B	II	45	75	2	-	-	-	-	-	2	-	-	-
PELOTAS HOJE – Por José Barbosa (59 imagens)	-	B	I	141	4	12	-	3	2	-	-	4	-	3	-
PELOTAS HOJE – Por Regis Dutra (9 imagens)	-	B	II	143	21	4	1	2	1	-	-	-	-	-	-
PELOTAS HOJE – Por Gustavo Mansur (86 imagens)	-	B	IV	374	110	20	-	9	-	-	-	7	4	-	-
Olhares sobre Pelotas II	-	A	IV	188	814	33	-	6	11	-	-	3	-	6	5

PELOTAS HOJE – Por Tani Guez	-	B	II	18	4	3	-	-	-	-	2	-	-	-	1
 PELOTAS HOJE – Por Felipe Argiles	-	B	IV	99	40	5	-	1	1	-	-	-	-	-	3
PELOTAS HOJE – Por Cléo Machado	-	B	II	27	54	6	-	-	4	-	-	-	-	-	1
Pelotas Hoje – Por Gustavo Arruda (1 imagem)	-	B	I	34	13	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-
 VI (63 imagens)	-	A	III	27	72	13	-	-	4	-	4	1	-	-	1
PELOTAS HOJE – Por Hamilton Ludtke de Moraes (59 imagens)	-	B	I	70	15	6	-	4	1	-	-	-	-	-	-

PELOTAS HOJE – Por Guilherme Bittencourt	-	B	I	18	33	5	-	1	1	-	-	1	1	-	1
PELOTAS HOJE – Por Daniel Silveira (22 imagens)	-	B	I	40	23	8	6	-	1	-	-	-	-	1	-
PELOTAS HOJE – Por Rafa Marin (90 imagens)	-	B	IV	1099	1667	241	49	25	11	6	-	10	93	37	-
Pelotas Hoje – Por William Martins (21 imagens)	-	B	IV	210	19	11	-	2	-	-	-	5	8	1	-
Pelotas Hoje – Por ítalo Santos	-	B	I	70	44	4	-	4	-	-	-	-	-	-	-
Pelotas Hoje – Por Edson Takehiza (6 fotos)	-	B	I	19	3	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-

Pelotas Hoje – Por Bruna Morales (18 imagens)	-	B	I	269	77	11	-	5	-	-	-	3	2	1	-
Pelotas Hoje – Por Ires Furtado (38 imagens)	-	B	I	65	60	6	-	4	-	-	-	-	1	-	1
Pelotas Hoje – Por Luciano Ritter	-	B	I	50	61	5	-	1	-	-	-	-	4	-	-
Pelotas Hoje – Por Edson Takehisa	-	B	II	7	2	8	-	-	-	-	-	-	4	3	1
Fotos do perfil (3 imagens)	-	A	II	12	13	9	-	3	5	-	2	-	1	1	-
Pelotas Hoje – Por Fábio Zundler (36 imagens)	-	B	IV	7	22	4	-	-	2	-	-	-	2	-	-

Pelotas Hoje – Por Ingrid Clasen (10 imagens)	-	B	II	52	91	8	2	1	2	1	-	-	-	-	-
Pelotas Hoje – Por Daniel Giannechinni (62 imagens)	-	B	II	23	60	5	-	2	-	-	-	-	2	-	-
Pelotas Hoje – Por Julio Urrutia (42 imagens)	-	B	II	44	128	15	1	3	6	-	-	3	-	2	-
Pelotas Hoje – Por Diego Pizzaro (44 imagens	-	B	I	23	15	2	-	-	-	-	-	2	-	-	-
Pelotas Hoje – Por Gugu Portugal (51 imagens)	-	B	II	27	91	4	-	2	1	-	-	-	-	-	-

Pelotas Hoje – Por Henrique Azevedo (48 imagens)	-	B	I	138	207	8	-	2	-	-	-	-	6	-	-
Especial Theatro Guarany (38 imagens)	+	A	II	5	17	1	-	-	-	-	-	1	-	-	-
Especial Theatro Sete de Abril (33 imagens)	+	A	II	1	4	1	-	-	-	-	-	-	1	-	-
Pelotas Hoje – Por Guilherme Tuchtenhagen Schild (56 imagens)	-	B	I	322	163	16	-	8	-	-	-	-	8	-	-
 Especial Estação Ferroviária de Pelotas (28 imagens)	+	A	II	10	45	3	-	-	-	-	1	2	-	-	-
Especial Zeca Neto e a Revolução de 1923 (19 imagens)	+	A	IV	10	3	3	-	-	-	-	1	1	1	-	-

Especial Rua Quinze de Novembro (144 imagens)	+	A	IV	4	40	4	-	-	2	-	-	1	1	-	-
Pelotas Hoje – Por Pamela Zechilinski (31 imagens)	-	B	II	13	24	5	-	1	-	-	1	1	3	1	1
Pelotas Hoje – Por Luis Paiva Carapelo (16 imagens)	-	B	II	19	5	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-
Pelotas Hoje – Por Karla Nazareth (17 imagens)	-	B	IV	13	3	3	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Pelotas Hoje – Por Isa Serrat (37 imagens)	-	B	IV	2	18	2	-	-	-	-	-	-	2	-	-
Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula – Por Bruno (19 imagens)	+	B	II	3	3	2	-	-	-	-	-	1	1	-	-

Pelotas Hoje – Por Luca Hoiamas (104 imagens)	-	B	II	123	105	5	-	1	2	-	-	-	2	-	-
Pelotas Hoje – Por Alexandre Neutzling (217 imagens)	+	B	II	130	213	21	-	8	-	-	-	5	8	-	-
Pelotas 180º - Por Alexandre Neutzling (157 imagens)	+	B	II	21	374	21	-	5	3	-	1	4	5	1	-
Pelotas Hoje – Por Felipe Campal (8 imagens)	-	B	I	81	357	9	-	6	-	-	-	-	3	-	-
Pelotas Hoje – Por Rodrigo Lessa (71 imagens)	-	B	IV	896	1126	39	-	2	-	-	-	6	20	6	1
Pelotas Hoje – Por Lúcio Pereira (200 imagens)	-	B	II	142	102	77	3	-	-	-	1	3	27	35	-
Especial: Escola Estadual Monsenhor Queiroz – 53 anos de história (4 imagens)	+	A	II	23	5	4	-	-	2	-	1	1	-	-	-

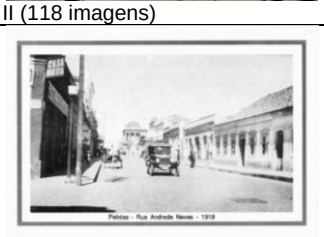
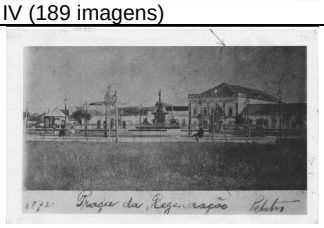
Pelotas Hoje – Por Orlando Jr Photography (32 imagens)	-	B	I	48	405	4	-	1	-	-	-	-	3	-	-
Histórico Administrativo da Cidade de Pelotas: 1891 – 1987 (84 imagens) **Não há imagens comentadas**	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Passado e Presente – Por Leonardo Tajes Ferreira (7 imagens)	-	C	II	4	42	2	-	-	0	-	-	-	1	-	-
Pelotas Hoje – Por Leonardo Tajes Ferreira (466 imagens)	-	B	IV	101	253	5	-	3	1	-	-	-	-	-	-
Pelotas Hoje – Por Gean Rodrigues (29 imagens)	-	B	II	5	11	2	-	-	-	-	-	1	1	-	-
Pelotas Hoje – Por Igor Sobral (20 imagens)	+	B	I	15	65	3	-	1	-	-	-	-	1	-	-

Pelotas Hoje – Por Allan Mello (56 imagens)	-	B	II	7	2	4	-	-	-	-	1	2	1	-	-
Especial: Dia de Sol no Laranjal – Por Julio Urrutia (29 imagens)	-	B	I	19	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-
Satolep Lado B – Por Daniel Gianechinni (53 imagens)	-	B	III	37	20	5	-	1	-	-	-	1	3	-	-
Pelotas Hoje – Por Daniel Giannechinni (356 imagens)	-	B	I	271	247	39	-	17	-	-	-	-	13	-	-
Especial: O Nascer – Por Henrique Azevedo (13 imagens)	-	B	I	102	34	10	-	5	-	-	-	-	5	-	-

Pelotas Hoje – Por Rafaella Lisboa (13 imagens)	-	B	IV	7	-	1	-	-	-	-	1	-	-	-	-
Olhares sobre Pelotas I (998 imagens)	-	B	II	46	62	29	-	-	4	1	9	8	7	-	-
Especial: Colônia Z3 – Por Lúcio Santos (16 imagens)	-	B	I	44	98	10	-	4	-	-	-	-	6	-	-
Pelotas Hoje – Por Diego Silva (40 imagens)	-	B	IV	24	1	7	-	4	-	-	-	2	1	-	-
Pelotas Hoje – Por Hércio Dias (55 imagens)	-	B	II	3	1	2	-	-	1	-	-	-	1	-	-

Pelotas Hoje – Por Vania Dalponte	-	B	II	6	-	6	-	-	-	-	1	1	2	2	-
Pelotas Hoje por Eliana Pires (40 imagens)	-	B	II	13	5	3	-	1	2	-	-	-	-	-	-
Pelotas Hoje – Por Gustavo Vara (31 imagens)	-	B	I	48	133	10	-	2	-	-	1	1	4	1	-
Especial: Satolep Elevada – Por Rafa Marin	-	B	II	75	105	8	-	4	-	-	2	-	2	-	-
PELOTAS HOJE - Por: Bruno Urrutia (3 imagens)	-	B	II	158	75	10	-	4	-	-	-	3	2	-	-
Postais Antigos – Pelotas/RS (159 imagens)	+	A	II	16	114	8	1	-	-	-	4	2	-	1	-

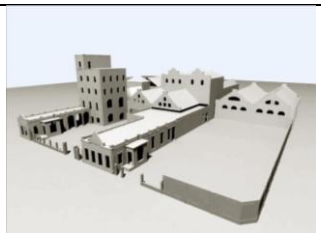
Especial Castelo da Rua XV (20 imagens)	+	B	II	26	1	9	-	-	-	-	1	8	-	-	-
Especial: Parque da Baronesa (24 imagens)	+	B	II	2	19	3	-	-	-	-	-	1	2	-	-
Especial: A história do Rio Grande do Sul através das lentes (187 imagens)	+	A	III	4	-	6	-	-	1	-	1	2	2	-	-
Especial: Praia do Laranjal – Por Rafa Marin (18 imagens)	-	B	I	313	451	32	-	10	-	-	-	4	6	-	1
Especial: Balneária Santo Antonio – Por Vera Miranda (22 imagens)	-	B	I	13	47	4	-	1	1	-	-	-	2	-	-
Especial: Fonte das Nereidas (67 imagens) **Sem imagens comentadas**	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
V (236 imagens)	-	A	II	30	66	11	1	-	4	-	3	1	1	-	-

Pelotas Hoje – Por Bruna Fonseca (8 imagens)	-	B	II	39	5	5	-	-	-	-	1	2	1	1	-
II (118 imagens)	-	A	II	2	1	8	-	-	-	-	4	3	1	-	-
 IV (189 imagens)	-	A	II	7	40	12	-	-	-	-	4	3	1	1	3
 III (103 inagens)	-	A	II	7	12	8	-	-	-	-	6	-	-	-	3
I (264 imagens)	-	A	IV	2	2	16	-	-	-	-	7	3	6	-	-
Especial: Parque Souza Soares (38 imagens)	+	A	II	24	42	9	-	-	4	-	3	2	-	-	-
Especial: Biblioteca Pública Pelotense (47 imagens)	+	A	II	8	96	2	-	-	-	-	-	-	2	-	-

Especial: Praça Coronel Pedro Osório (149 imagens)	+	A	II	16	35	4	-	-	2	-	-	-	-	-	2
Pelotas Hoje: Por: Jonathan Rivero (19 imagens)	-	B	II	17	98	4	-	1	-	-	-	-	2	1	-
Pelotas Hoje – Por: Jonathan Silva (36 imagens)	-	B	II	3	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	-
Architecture - Por: Leonardo Tajes Ferreira (81 imagens)	+	B	II	-	1	2	-	-	-	-	-	2	-	-	-
Especial: Reforma no Casarão 8 - Por: Leonardo Tajes Ferreira 69 (imagens)	+	B	II	7	3	7	-	-	1	-	2	2	2	-	-

Satolep – Dia e Noite (8 imagens)	-	B	II	103	194	7	-	3	-	1	1	-	1	1	-
Documentos (65 imagens)	-	C	II	27	82	5	-	-	-	-	3	-	1	-	1
Pelotas Hoje – Por: Diego Rubira (41 imagens)	-	B	IV	17	16	3	-	1	-	-	-	2	-	-	-
Pelotas Hoje – Por: Neco Tavares (16 imagens)	-	C	II	9	128	9	-	6	2	-	-	-	1	-	-
Céu de São Francisco de Paula – Por: Alexandre Neutzling (137 imagens)	+	B	II	22	58	9	-	3	2	-	1	3	2	-	-

 Marcas do Tempo (12 imagens)	-	C	II	-	16	4	-	-	1	-	-	1	1	-	1
 Pelotas at Night - Por: Leonardo Tajes Ferreira (29 imagens)	-	B	IV	37	67	6	-	2	-	-	-	2	1	-	1
Noite pelotense - Por: Leonardo Tajes Ferreira (15 imagens) **Nenhum comentário, curtida ou compartilhamento neste álbum**	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
 PELOTAS HOJE - Por: Anne Dias (41 imagens)	-	B	II	-	5	3	-	-	-	-	-	2	1	-	-
 PELOTAS HOJE - Por: Wilson Lima (17 imagens)	-	B	IV	1	1	2	-	-	-	-	-	1	1	-	-
PELOTAS HOJE - Por: Yago Farias (8 imagens) ***Nenhuma foto comentada neste álbum***	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
 PELOTAS HOJE - Por: Diego Cunha (18 imagens)	-	B	II	101	206	6	-	5	-	-	-	-	1	-	-

 Especial: Haertel - Por Pamela Zechlinski (39 imagens)	+	C	II	4	-	5	-	-	1	-	-	1	3	-	-
Pelotas Hoje – Por: Luigi Sodré (14 imagens)	-	B	IV	2	-	1	-	-	-	-	-	-	1	-	-

ANEXOS

ANEXO A

Entrevista realizada com o criador da *fanpage* Projeto Pelotas Memória, Leonardo Tajes Ferreira, no dia 5 de abril de 2015.

1. Poderia contar a história de criação da *fanpage* Projeto Pelotas Memória? Como surgiu a ideia de trabalhar com esta temática?

— A ideia surgiu em 2007, ainda na rede social Orkut. Apesar de na época estar voltada para a divulgação de fotografias antigas, o princípio da Página se manteve o mesmo ao longo dos anos, mantendo a História e a memória da cidade preservada através da fotografia. Em 2011, Gustavo Mansur, Alexandre Neutzling e eu tivemos a iniciativa de produzir uma página no Facebook onde, através da fotografia de diversos autores independentes, se tivesse como temática: Pelotas e seu cotidiano, dando margem para uma ampla abrangência de temas e épocas. Apesar de ter o apoio dos fotógrafos, a Página e suas diretrizes foram criadas por mim.

2. Qual a sua relação com Nelson Nobre Magalhães e com seu acervo?

— Devido à morte de Magalhães em 2007 não pude ter grande proximidade. Frequentava esporadicamente o quiosque do Pelotas Memória e observava as fotos expostas. Sempre gostei de ver as transformações paisagísticas ocasionadas pelo passar dos anos, e as fotografias antigas me possibilitavam obter outras interpretações do cenário urbano. Para a elaboração da Página não contamos com o acervo original de Magalhães, apenas com os livretos do Pelotas Memória, e também com postais e fotografias resgatadas de *sites* e *blogs* na internet. Ainda que haja doações de materiais iconográficos, o número ainda é inexpressivo. Minha admiração por Nelson Nobre Magalhães se deu pelo pioneirismo de suas ações. Em uma época em que grande parte do patrimônio arquitetônico de Pelotas sofreu modificações em detrimento do processo de modernização das décadas de 1970 e 1980, Magalhães surge com uma proposta de valorização da história local. Ainda que possa parecer pouco, a confecção dos livretos Pelotas Memória foi e é relevante até hoje para a preservação da cultura e memória social.

3. De onde surgiu seu apreço pela memória e história da cidade de Pelotas?

— O interesse partiu não necessariamente pelo apreço pela cidade em si, mas pelo estudo da História como um todo. Acredito no estudo da História com uma visão ampla, onde se devem contextualizar os fatores da época e inserir a cidade dentro deste cenário. Em nossos textos publicados na *fanpage*, raramente Pelotas é tratada como uma cidade independente, alheia às mudanças do mundo; pelo contrário, fatores como o desenvolvimento da eletricidade, fim da escravidão e a colonização europeia na região sul são abordados e justificados. Enfim, a cidade de Pelotas se tornou para mim um laboratório, onde busco vestígios e marcas do passado do Brasil. Um interesse pela História aliado a uma complexa estrutura social, que deve ser estudada, a fim de, se não justificá-la, compreendê-la.

4. Qual a sua relação com a cidade e o patrimônio de Pelotas?

— Tenho uma visão moderadamente crítica quanto à abordagem das reportagens e algumas publicações sobre o patrimônio de Pelotas, considerando-as rasas e pouco elaboradas. Acredito que o passado de Pelotas é rico, porém marcado por sangue e

dificuldades. Há diversos trabalhos acadêmicos que nos trazem uma Pelotas diferente dos folhetos turísticos apresentados. Por exemplo, a história do Teatro Guarany vai muito além da simplista explicação de que fora construído após a má acomodação de Francisco Santos no Teatro Sete de Abril. A Fonte das Nereidas vai muito além de um "Chafariz da França", no século 19 muitos escravos foram privados de utilizar o local – que abastecia de água potável a população -, sendo obrigados a andar quadras para obter o líquido. Se houvesse certa identificação da população com os locais históricos, talvez a preservação dos mesmos fosse maior. Minha relação com o patrimônio é acadêmica, estudo e repasso as informações, sem ufanismos históricos.

5. Na sua opinião, quais as principais representações do patrimônio da cidade de Pelotas?

— A Praia do Laranjal, a Fonte das Nereidas e o Mercado Público são os pontos turísticos que mais recebem atenção do público da Página. Acredito que através dos anos tornaram-se "símbolos" da terra e motivo de orgulho dos pelotenses.

6. De acordo com sua observação sobre a *fanpage* Pelotas Memória, qual a representação da cidade que tem mais aceitação e apropriação por parte dos seguidores da fanpage?

— A Praia do Laranjal, todas as fotos que envolvem principalmente o Balneário Valverde, recebem um grande número de Curtidas e Comentários. Muitos falam das condições impróprias para banho e da sujeira, mas a grande maioria elogia as belezas naturais e recorda antigas histórias no local.

7. Qual a contribuição que os fotógrafos colaboradores da *fanpage* deram para o crescimento da Página e também para a representação da cidade de Pelotas?

— O que gera grande interesse na Página são as fotos atuais. É interessante observar como um olhar diferenciado de objetos do cotidiano é capaz de causar tanto impacto. Enxergar a realidade com um novo olhar, fazer as pessoas olharem ao redor e refletirem sobre o que as cercam. Desde o início a proposição de um "novo olhar" vem sendo o objetivo da *fanpage* do Pelotas Memória, e acredito que estamos atingindo nosso objetivo. "Conhecer para preservar", esta frase resume nossa ideologia. Os fotógrafos não representam uma cidade de mentira, mas uma cidade idealizada. Através de ângulos diferentes mostramos as belezas que muitos acreditam ter se perdido, enaltecemos a História através das lentes. Educamos, por vezes, sem a necessidade de escrever uma linha de texto; acredito que através da comunicação, mais especificamente da imagem, da autovalorização, do amor a terra, ser possível a preservação do patrimônio material e imaterial de uma região.

8. Na sua opinião, qual a Pelotas que a *fanpage* Pelotas Memória apresenta ou deseja apresentar? Como você identifica que ela é percebida pelos colaboradores em suas postagens e também pelos seguidores (pessoas que curtiram a página) em seus comentários?

— Fugir do título "Princesa do Sul" é o nosso propósito. Acredito que muitos usam esta expressão para orgulhar-se de um passado de riqueza e desenvolvimentismo, sem considerar as exclusões e desigualdades abismais presentes naquele cotidiano social. A cidade que queremos mostrar é talvez uma cidade idealizada, mas que não

foge das verdades inconvenientes do passado. Mostramos majoritariamente nas fotos atuais, uma cidade bela, pois almejamos trazer turismo para a região sul, pois acreditamos em nossa rica História e cultura local; mas abordamos ao mesmo tempo assuntos delicados como a escravidão, a pouca ou inexistente liberdade das mulheres nos séculos XIX e XX, e as dificuldades dos menos favorecidos. Nosso objetivo é mostrar uma cidade plural, construída através da junção de culturas e etnias.

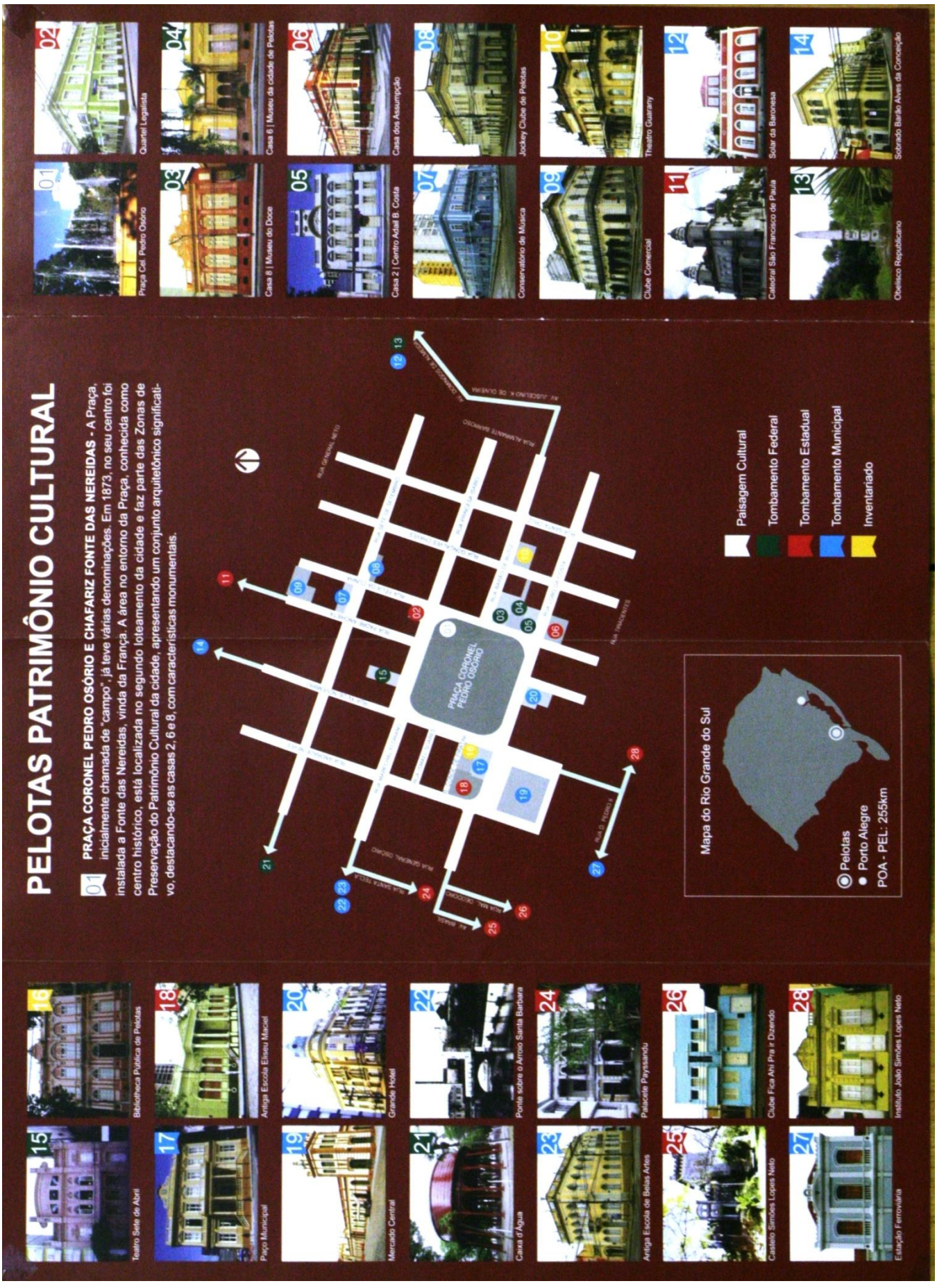
9. Você entende que as imagens da *fanpage* representam as diversas culturas e etnias da cidade de Pelotas? Podes citar e refletir sobre algumas dessas representações?

— A cultura europeia é a mais marcante na região, ainda que se tenha perdido grande parte dos traços portugueses da colonização. Gostei muito de abordar a colonização alemã, italiana e inglesa na Página. Em uma postagem dos ingleses, onde citei o sobrenome de pioneiros na região, alguns descendentes até se manifestaram, achei interessante. Embora se fale muito dos franceses, foram os italianos que elaboraram o ecletismo historicista na cidade. Os alemães, nas fábricas e casas comerciais desenvolveram o comércio local. E os negros, nas charqueadas e na construção civil, através do trabalho braçal, foram responsáveis, ainda que indiretamente, pela configuração urbana da cidade. Agora, tratando de regiões que "representem" estes povos, posso elencar alguns pontos. Para o povo negro, a Praça das Carretas (onde hoje é o Pop Center) é importante, primeiramente por ser, no século XIX, local de grande fluxo de escravos negros e mulatos livres. A Praça das Carretas era muito depreciada justamente por abrigar os ditos "povos indesejados" e "imorais" da sociedade pelotense. O segundo fator que faz da Praça importante, é o fato dela ter se avizinhado de uma das forcas de Pelotas, sendo palco de execuções públicas de cativos negros. Não por coincidência a praça ao lado recebeu o apelido de Praça dos Enforcados. A Cervejaria Haertel, na minha opinião, representa o êxito da colonização alemã na região. Juntamente com a Cervejaria Ritter, tornou-se um dos maiores empreendimentos na cidade. A arquitetura desenvolvida por imigrantes italianos, principalmente de José Isella, está presente em diversos casarões tombados, basta observar os traços da arquitetura de Pelotas para ver as heranças italianas. A França está presente no traçado, nas ruas largas e no trabalho de ajardinamento - presente em praças e parques públicos. Portugal deixou sua marca nos doces, no traçado urbano, porém, muita coisa se perdeu. Dos portugueses ficou as estreitas ruas próximas à Catedral São Francisco de Paula. Por fim, os ingleses influenciaram na tecnologia, bondes, eletricidade e matérias primas moldaram uma burguesia que recém descobria os confortos da vida moderna na virada do século XIX. Estes são aspectos visíveis que ainda restam na cidade e que eu acredito serem significativos para cada etnia.

10. Teria alguma questão que não foi abordada nos questionamentos acima que seriam importantes para a compreensão da temática ou mesmo curiosidades sobre o tema da memória, fotografia e cultura da cidade de Pelotas?

__ ****

ANEXO B


PELOTAS PATRIMÔNIO CULTURAL
01 PRAÇA CORONEL PEDRO OSÓRIO E CHAFARIZ FONTE DAS NEREIDAS - A Praça, inicialmente chamada de "campo", já teve várias denominações. Em 1873, no seu centro foi instalada a Fonte das Nereidas, vinda da França. A área no entorno da Praça, conhecida como centro histórico, está localizada no segundo loteamento da cidade e faz parte das Zonas de Preservação do Patrimônio Cultural da cidade, apresentando um conjunto arquitetônico significativo, destacando-se as casas 2, 6 e 8, com características monumentais.
PRAÇA CORONEL PEDRO OSÓRIO
Mapa do Rio Grande do Sul
Pelotas
Porto Alegre
POA - PEL: 255km
Paisagem Cultural
Tombamento Federal
Tombamento Estadual
Tombamento Municipal
Inventariado
01 Praça Cel. Pedro Osório
02 Quartel Legalista
03 Casa 8 | Museu do Doce
04 Casa 6 | Museu da cidade de Pelotas
05 Casa 2 | Centro Adail B. Costa
06 Casa dos Assumpção
07 Conservatório de Musica
08 Jockey Clube de Pelotas
09 Clube Comercial
10 Theatro Guarany
11 Catedral São Francisco de Paula
12 Solar da Baronesa
13 Obelisco Republicano
14 Sobrado Barão Alves da Conceição
15 Theatro Sete de Abril
16 Bibliotheca Pública de Pelotas
17 Paço Municipal
18 Antiga Escola Eliseu Marcal
19 Mercado Central
20 Grande Hotel
21 Caixa d'Água
22 Ponte sobre o Arroio Santa Barbara
23 Antiga Escola de Belas Artes
24 Palacete Poyssandu
25 Castelo Simões Lopes Neto
26 Clube Fica Ahi Pra ir Dizendo
27 Estação Ferroviária
28 Instituto João Simões Lopes Neto